

**As mulheres atletas de Mixed Martial Arts:
Uma perspectiva de gênero**

Grasiela Oliveira Santana da Silva

Porto, 2019

Universidade do Porto

Faculdade de Desporto

Centro de Investigação em Actividade Física,
Saúde e Lazer (CIAFEL)

As mulheres atletas de *Mixed Martial Arts*: Uma perspectiva de gênero

Dissertação apresentada com
vista à obtenção do grau de
Doutor em Actividade Física e
Saúde nos termos do Decreto-Lei
n.º 74/2006, na redação dada
pelo Decreto-Lei n.º 65/2018 de
16 de agosto

Orientadora: Professora Doutora Paula Silva

Coorientadora: Professora Doutora Angelita Alice Jaeger

Grasiela Oliveira Santana da Silva

Porto, 2019

Ficha de catalogação

Silva, G.O.S.da (2019). As mulheres atletas de *Mixed Martial Arts*: Uma perspectiva de gênero. Porto: G.O.S. da Silva. Dissertação de Doutoramento em Actividade Física e Saúde apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Palavras-chave: Mulheres atletas; *Mixed Martial Arts*; Poder; Espetáculo; Indústria Cultural.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Os estudos incluídos nesta tese foram apoiados por CIAFEL, FCT/UID/DTP/00617/2019.



Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
(Poema Tabacaria, Álvaro de Campos)

Dedico esta dissertação ao meu
pai e minha mãe, meus maiores
exemplos de amor.

Agradecimentos

Mais do que uma finalidade acadêmica, a realização de uma dissertação é um contributo pessoal. A tenacidade me fez chegar até aqui e as discussões apresentadas nessa dissertação não mais me pertencem, elas são de domínio público e dos estudos que estão por vir. Aqui agradeço:

A Deus que é fortaleza, proteção e luz em minha vida. A Ele que em tantos momentos de dúvidas e angústias sussurrava ao meu ouvido: Coragem, eu estou aqui!

Aos meus pais, Domingos e Laudenice, por todo o amor e educação que me dedicaram. Vocês são meus maiores exemplos.

Aos meus irmãos, Julierme e Marília, o nosso amor é o que nos une e nos unirá para sempre. Agradecimento que estendo à minha tia Valdenora e aos Leandros, meu cunhado e meu primo ("irmão").

Ao meu sobrinho Benício, por me fazer sentir a pureza de amar e acreditar em um mundo melhor.

Ao meu querido avô Cazuza, ao contemplar no semblante do seu rosto os sinais de experiência de tantos anos vividos e dedicados à família.

A minha família, tios/tias e primos/primas, por todo o apoio e amor.

Ao Fábio André Ribeiro e sua família, por todo o cuidado, carinho e confiança. Não foi à toa que nos encontramos e, durante esses quase dois anos juntos estamos nos conhecendo,

nos descobrindo e seguindo nossa trajetória. Obrigada por todos os momentos, pelos estímulos e por acreditar em mim. Ainda compartilharemos muitas conquistas juntos.

A Raul e Nilza (*in memoriam*), pelo acolhimento e carinho que tiveram comigo durante minha estadia no Porto.

A minha psicóloga Fernanda Uzeda, por me ajudar a enfrentar os altos e baixos da vida.

Aos colegas do programa de Doutorado em Atividade Física e Saúde e do Centro de Investigação em Atividade Física, Saúde e Lazer (CIAFEL), pela amizade, troca de conhecimento e todos os momentos compartilhados.

Aos professores Dr. José Oliveira e Dr. Jorge Mota, por todo o conhecimento e participação na minha trajetória acadêmica.

A todos os/as professores/as do programa de Doutorado em Atividade Física e Saúde pela sabedoria, generosidade e comprometimento.

A minha orientadora professora Dr^a Paula Silva e coorientadora professora Dr^a Angelita Jaeger, cujas acuidades, conhecimentos e ética foram espelhos e estímulos ao longo dessa caminhada. Agradeço, sobretudo, por acalentarem meus momentos difíceis e permitirem que meu tempo fluísse respeitosamente.

A professora Teresa Marinho, por todos incentivos e ensinamentos. A sua generosidade só me engrandeceu.

A todos/as funcionários/as da FADEUP pelo respeito e profissionalismo.

Agradeço a todos/as meus/minhas alunos/as, o contato com vocês sempre foi e será uma fonte de estímulo intelectual.

Aos/as entrevistados/as que gentilmente aceitaram o convite e abrilhantaram a dissertação.

Aos/as amigos/as por mostrarem que o mundo é mais florido quando se cultiva a amizade.

A todos/as deixo aqui o meu muito obrigada!

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE TABELAS	VIII
ÍNDICE DE FIGURA	IX
RESUMO	XIX
ABSTRACT.....	XXI
LISTA DE ABREVIATURAS	XXIII
INTRODUÇÃO GERAL	1
Enquadramento do problema de pesquisa	9
Justificação, pertinência e desenho metodológico da pesquisa	17
Problemas e objetivos da pesquisa	23
Apresentação e estrutura da tese	24
APRESENTAÇÃO DOS ESTUDOS	29
Estudo 1.	
Mulheres atletas e Mixed Martial Arts: uma revisão sistemática qualitativa.....	31
Estudo 2.	
Discurso de estudantes de Licenciatura em Desporto acerca das mulheres atletas no MMA...	49
Estudo 3.	
Mulheres atletas de MMA e a tríade corpo - poder - espetáculo	87

Estudo 4	
MMA e Indústria Cultural: um olhar sobre a trajetória e o treinamento das lutadoras	123
DISCUSSÃO	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
APÊNDICE	CCXX
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido....	CCXXII
Estudo 2.	
Guia do grupo focal	CCXXVI
Estudo 4.	
Guia de entrevista.	
Atletas.....	CCXXX
Guia de entrevista. Preparadores/a físico/a.....	CCXXXVIII

ÍNDICE DE TABELAS

INTRODUÇÃO

Tabela 1.	Descrição metodológica dos estudos.....	26
-----------	---	----

ESTUDO 1

Tabela 1.	Critérios de inclusão e exclusão.....	35
Tabela 2.	Variáveis de codificação.....	36
Tabela 3.	Sumário dos estudos.....	38

ÍNDICE DE FIGURA

ESTUDO 1

Organograma. Artigos selecionados..... 36

RESUMO

Através da perspectiva de gênero esta investigação teve como objetivo identificar e analisar o espaço do *Mixed Martial Arts* (MMA) e os discursos que pairam sobre as relações de gênero, com foco nas questões sobre poder, espetáculo e indústria cultural. Para este efeito foram realizados quatro estudos. No primeiro, foi conduzida uma revisão sistemática qualitativa que pretendeu refletir sobre o estado da arte na produção do conhecimento acerca da presença das mulheres em esportes de combate. Oito estudos compuseram a amostra seguindo os critérios de inclusão e de exclusão. O segundo estudo foi realizado com estudantes de Licenciatura em Desporto de uma instituição universitária do norte de Portugal, visando analisar os discursos de estudantes acerca da participação das mulheres atletas no MMA. No terceiro, por sua vez, nos propusemos identificar e analisar as imbricações existentes entre as lutadoras e seus corpos. A recolha de dados foi feita em três sites: A dama de ferro, MMA Space e UFC Brasil. Os posts de textos perfizeram um total de 66 unidades. O período de coleta de dados esteve compreendido entre novembro de 2012 e julho de 2018. O quarto estudo é uma pesquisa de campo objetivando analisar as trajetórias e os treinamentos das lutadoras a partir do conceito de *Indústria Cultural*. Realizaram-se observações de sessões de treino e entrevistas semiestruturadas a 6 lutadoras e 3 preparadores/as físico(s)/a(s) de duas academias situadas na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Os dados oriundos dos estudos foram submetidos à análise de conteúdo e categorizados, com o auxílio do *software QSRNvivo 12 Pro*. Os estudos deram visibilidade à produção discursiva das feminilidades nos esportes de combate. Abre-se espaço para a prática e profissionalização das mulheres atletas no

MMA, mas a sociedade vai cuidando de manipular, de forma dissimulada, uma hierarquia de gênero que continua a subjugar as mulheres a um uso dos corpos à disposição de uma masculinidade hegemónica.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres atletas; *Mixed Martial Arts*; Poder; Espetáculo; Indústria Cultural.

ABSTRACT

From a gender perspective, this research aimed to identify and analyse the Mixed Martial Arts (MMA) space and the discourses that hover over gender relations, focusing on issues of power, spectacle and cultural industry. For this purpose, four studies were conducted. A qualitative systematic review was performed in the first and aimed to reflect on the state of the art in the production of knowledge about the presence of women in combat sports. The sample encompassed eight studies, thus meeting the inclusion and exclusion criteria. The second study was conducted with undergraduate students in Sports, from a university in northern Portugal, focusing on the analysis of students' discourses about the participation of women athletes in MMA. In the third, in turn, we aimed to identify and analyse the imbrications that exist between the fighters and their bodies. Data collection was done in three sites: The Iron Lady, MMA Space and UFC Brazil. The text posts totalled 66 units. Data collection period was from November 2012 to July 2018. The fourth study is a field research aiming to analyse fighters' trajectories and training taking into account the concept of Cultural Industry. Observations of training sessions and semi-structured interviews were conducted with 6 fighters and 3 sport conditioning trainers of two gyms located in the city of Rio de Janeiro, Brazil. Data from the studies were subjected to content analysis and categorized with the aid of the QSRNvivo 12 Pro software. The studies gave visibility to the discursive production of femininity in combat sports. There is room for the practice and professionalization of female athletes in MMA, but society is careful to covertly manipulate a gender hierarchy that

continues to subjugate women to use their bodies at the disposal of a hegemonic masculinity.

KEYWORDS: Women athletes; Mixed Martial Arts; Power; Show; Cultural Industry.

LISTA DE ABREVISTURAS

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAPMMA: Comissão Atlética Portuguesa de *Mixed Martial Arts*

CEFADE: Comitê de ética da Faculdade de Desporto

DEF/UFS: Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe/Brasil

ExNEEF: Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física, Regional 3

FADEUP: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

FPLA: Federação Portuguesa de Lutas Amadoras

IBOPE: Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística

IC: Indústria Cultural

IMMAF: *International Mixed Martial Arts Federation*

Invicta FC: *Invicta Fighting Championship*

MMA: *Mixed Martial Arts*

PPV: *pay-per-view*

SFMS: *Sport Fan Motivation Scale*

TCEs: Traumatismo Crânio Encefálico

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TUF: *The Ultimate Fighter* (TUF)

UFC: *Ultimate Fighting Championship*

WMMA: *Women's Mixed Martial Arts*

INTRODUÇÃO

A história de cada pessoa é única assim como a minha, que somada as experiências de vida e o contato com tantas outras pessoas, contribuiu significativamente para construir quem hoje sou, uma pessoa repleta de amor e desejo em fazer do mundo um pouquinho melhor, mas também cheia de defeitos, medos e inquietações. Não poderia narrar minha trajetória acadêmica e profissional e de como iniciei minhas pesquisas nos estudos de gênero sem apresentar um pouco de quem sou. As nossas escolhas e as nossas atitudes são reflexo daquilo que pensamos e acreditamos. Por mais que em alguns momentos seja surpreendida com pensamentos duvidosos na motivação para a escolha pela docência, sinto-me orgulhosa por trazer em mim lembranças dos diversos alunos e alunas que a vida colocou no meu caminho. Confesso que cursar educação física não surgiu de um desejo profundo, na verdade a medicina veterinária me fascinava e estar com os animais (meus cachorros particularmente) me fez entender ainda mais que devemos amar, nos entregar e nos doarmos sempre ao outro. Mas entrei na educação física e, ao longo desse caminho, fui aprendendo a apreciar a beleza dessa área que dialoga com tantas outras (psicologia, sociologia, filosofia, pedagogia, biologia, medicina) e que me trouxe e traz tantas inquietações.

Não é fácil discorrer sobre a educação física, engana-se quem acredita que ela seja apenas uma reprodução de movimento. Foi esse leigo olhar, intenso e persistente na visão de muitas pessoas, que me fez seguir em frente e ter um compromisso não apenas com ela (a educação física) e minha formação, mas, valendo-me das suas possibilidades reflexivas busquei/buscarei fazer com que todos os meus alunos e alunas pudessem/possam conhecer um pouco da sua grandiosidade. E lá

fui eu, em meio a tantas ansiedades construindo o meu olhar. O contato com alguns professores e professoras marcantes me fez observar a educação física para além de uma saúde objetiva e fundamentada em uma natureza bio-fisiológica. Nesse processo, um novo pensar se descortinou e, por mais que eu tenha vivenciado o tecnicismo esportivo em algumas disciplinas e durante o trabalho como árbitra de ginástica artística e natação, eu ansiava por ir além. Não quero aqui negar a história da educação física e isso seria impossível, mas busquei arejar as suas discussões, valendo-me dos livros, congressos e debates políticos enquanto integrante da Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física, Regional 3 (ExNEEF), do centro acadêmico e como representante dos/das estudantes nas reuniões do conselho e colegiado do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, Brasil (DEF/UFS).

Os anos de monitoria do projeto de capoeira angola na UFS também foram significativos à minha formação. Nesse projeto tive contato com antropólogos, sociólogos, historiadores e capoeiristas, alguns de pouca leitura, mas possuidores de uma riqueza de conhecimento e experiências de vida que marcaram bastante a minha trajetória acadêmica e humana. A angola, uma capoeira raiz que assume vocações étnicas e políticas do movimento negro, mas que também passa a incorporar em sua ideologia a temática feminista.

[...] um ethos do capoeirista no sentido de valores que são incorporados sob a forma de um repertório físico e moral, ético e estético e que estruturam o jogo de capoeira (Zonzon, 2011, p. 147).

Todas essas formas de conhecimento que o universo acadêmico descortinou exerceram papel fundamental no decorrer da minha trajetória acadêmica, profissional e, sobretudo, humana. As disciplinas com cunho educacional, social e filosófico da Educação Física avivaram em mim a descoberta de um corpo para além de uma composição meramente bio-fisiológica ao entender que, através dele, nós refletimos, resistimos, agimos e dialogamos com o mundo. Foucault (1979, p.149) afirma que até o corpo expõe o próprio poder.

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo ... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado (...) O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo (...) (Foucault, 1979, p. 149).

E assim segui meu caminho fazendo da minha sala de aula e do trabalho com o corpo um espaço reflexivo e crítico em conformidade com os sentidos e significados das práticas corporais. Os contatos com pessoas de baixa renda, desde os

estágios de formação acadêmica até meu efetivo ingresso na rede pública de ensino do estado de Sergipe/Brasil, foram fundamentais à construção de uma educação libertadora. Essa aproximação deixou explícita todas as formas de disciplinamento instauradas pelo sistema educativo, um sistema em função do que Foucault (1979) chamou de tecnologia política do corpo. Jovens e crianças enfileiradas apresentavam-se para mim como um posicionamento necessário ao estabelecimento de uma padronização de comportamento afim de que a ordem fosse mantida e o corpo disciplinado as normas. Dentro desse sistema educacional não era apenas o corpo do meu aluno/minha aluna que se disciplinava, o meu também precisava seguir uma ordem, existiam regras que era preciso seguir para fazer a educação “funcionar”. Mas a construção desse corpo obediente sempre me inquietou, eu queria vida em minhas aulas, queria que alunos e alunas participassem ativamente, questionassem, sugerissem e/ou criticassem.

As formas de controle estabelecidas no sistema educacional não fariam de mim mais um dos seus mecanismos disciplinares, porque não vejo a escola e a sala de aula como um emolduramento dos indivíduos. Educar é, sobretudo, libertar (Freire, 2003). O exercício do poder não é necessariamente opressor, longe de impedir o saber, ele o produz (Foucault, 1979). Dentro das minhas aulas cedi espaço para a discussão, a criação e o agir. Já são quase 20 anos de docência, transitando entre salas de aulas e projetos esportivos. Desde o início sempre trabalhei mostrando a importância de cada um/uma para si próprio/a e na construção do todo. Ao longo desse tempo busquei integrar a todos/das que a vida e o ato de ensinar colocaram em meu caminho, homens, mulheres, surdos, deficientes físicos e mentais, pessoas com *síndrome de down*, todos/das juntos/as ajudando a construir a aula,

mostrando cada um/uma as suas potencialidades e importância. A proposta era construir aulas nas quais os meus alunos e alunas se percebessem como possuidores/as de valores e os reconhecessem na moldura de suas vidas e nas dos/das outros/as, respeitando suas singularidades no agir e pensar. Assim, as minhas constantes leituras, a prática docente e os diálogos estabelecidos com meus alunos e alunas me impulsionaram a um novo desafio, ingressar no mestrado em Sociologia da UFS, área pela qual tenho imenso respeito e admiração. Logo no início integrei-me ao grupo de pesquisa Mulher e Relações de Gênero, e lá dei início as primeiras leituras acerca dos estudos de gênero (Butler, 2003; Goellner, 1999, 2000, 2004, 2005, 2007, 2016; Jaeger, Goellner, 2011; Louro, 2018; Scott, 2010; Silva, 2007; Silva, Gomes, Queirós, 2006).

Esse foi um outro momento crucial à minha formação e trajetória de pesquisa que passei a trilhar. As discussões dos artigos, a apresentação dos estudos que estavam sendo realizados pelos demais integrantes, a visualização de defesas de dissertações e teses, tudo me proporcionou contato com vários temas e procedimentos metodológicos que aguçaram cada vez mais a minha curiosidade e o interesse investigativo. E assim segui o meu caminho como o de tantas outras pessoas, a cada dia enfrentando os desafios que surgiam, erguendo a cabeça em cada queda e olhando sempre para a frente. Entendo que essa trajetória acadêmica é significativa não apenas para mim, mas para cada pessoa que compartilha comigo essa grandeza que é a vida. Terminei o mestrado, segui novos desafios, agora também voltados para a docência no ensino superior e, logo no início, a experiência de uma coordenação de curso. Por um momento pensei em não aceitar o convite, depois decidi que sim, que seria mais um desafio, mais um aprendizado e mais um espaço

de construção de uma educação libertadora. Dentre todos os professores e professoras que estavam comigo nesse espaço, eu era a única que tinha contato com a realidade da educação pública brasileira, algo considerado pelos/as estudantes como favorável ao ensino das disciplinas de âmbito educacional. Para mim, o tempo que passei no ensino superior foi muito significativo e sinto muito orgulho desses/as novos/as profissionais, sei que cada um/uma busca fazer o melhor no dia a dia da docência.

Alguns anos depois decidi continuar, seguir em frente com a minha trajetória acadêmica, agora em novo continente. Ao passar na seleção do doutoramento em Atividade Física e Saúde pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto -FADEUP / Porto / Portugal - a felicidade tomou conta de mim e junto com ela o desejo em descortinar outros conhecimentos e outras culturas. Era hora de descobrir os limites dos meus medos e das minhas angústias. Confesso que não foi fácil seguir sozinha por esse caminho, mas desde o início pessoas importantes seguraram em minhas mãos e me ajudaram a continuar em frente. Acredito que tudo é válido se nos impulsionam e ajudam a crescer e, em todo o momento, isso aconteceu comigo. A escolha em estudar as mulheres no contexto dos esportes de combate, aqui representado no *Mixed Martial Arts* (MMA), foi significativa sobretudo para mim enquanto pessoa, ao fazer emergir discussões sobre relações de gênero e mostrar que nós mulheres somos capazes de romper barreiras, enfrentar nossos medos e nos descobrir como autoras das nossas próprias histórias. As leituras, as experiências ao longo do processo, assim como as pessoas que cruzaram o meu caminho, exerceram um papel importante e me mostraram o quanto tudo foi significativo à construção da minha história. Sigamos em frente...

Enquadramento do problema de pesquisa

O fato de ter jogado capoeira angola só fez aumentar o meu respeito pelos valores que dela emergem. Uma prática marginalizada para aqueles/as desconhecedores/as da sua importância histórica, cultural e social. A vivência com a capoeira, os questionamentos e as afirmações que me faziam, a compreensão de um corpo para além do bio-fisiológico, o mestrado em sociologia e os estudos de gênero, esses e tantos outros, foram pontos cruciais que me impulsionaram a estudar as mulheres atletas de MMA.

Embora a capoeira hoje componha uma das modalidades descritas no MMA, estas práticas surgem em períodos diferentes e com objetivos também distintos. A capoeira, que data do período da escravidão no Brasil era utilizada pelos escravos como arma de libertação de um poder opressor (Oliveira, Leal, 2009; Zonzon, 2011). O MMA, por sua vez, é um esporte contemporâneo intencionalmente criado por homens pardos integrantes da família Gracie¹, como forma de espetacularização e demonstração da superioridade técnica de uma modalidade de luta sobre outra (Awi, 2012; Grespan, 2014, 2015, Jardim, 2018; Lise, 2018; Salvini, 2014). Podemos associar essas duas práticas corporais ao fato de que ambas, assim como outros esportes de combate, estão associadas a um contexto masculino. A proibição da sua prática é outro ponto semelhante, a capoeira por ser considerada uma prática de negros arruaceiros e vagabundos (Zonzon, 2011) e, o MMA, por ser lido como uma modalidade essencialmente violenta (Lise, 2018). Durante muito tempo essas práticas foram consideradas inapropriadas às mulheres. Mas elas rompem barreiras com as formas de opressão e subjugação e adentram nesses espaços.

¹ Família do Rio de Janeiro/BR, conhecida pelo desenvolvimento da técnica do jiu jitsu brasileiro e pela formação de grandes lutadores (Awi, 2012).

Os primeiros registros de mulheres na capoeira datam de final do século XIX e início do século XX, elas participavam de disputas corporais com os homens e eram consideradas desordeiras e valentonas² (Oliveira, Leal, 2009). Eram mulheres negras e trabalhadoras, marginalizadas socialmente, mas que faziam dos seus corpos uma arma reivindicatória e legitimadora do seu espaço na sociedade. No MMA as mulheres se inserem em 1996, mas começam a se destacarem quando são contratadas pelo UFC em novembro de 2012 (Awi, 2012; Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Salvini, 2014). Hoje presenciamos um número cada vez maior de mulheres na capoeira, no MMA e em diversos outros esportes de combate que, espalhadas por todo o mundo lutam, resistem e reivindicam novos direitos. O MMA, prática corporal e esportiva moderna, tem como característica primordial a junção de diferentes artes marciais (capoeira, jiu jitsu, *Muay thai*, *kickboxing*, *taekwondo*, *karatê*, *judô*, *Wrestling*, *boxe* e *kung fu*). Criado pelos irmãos Hélio e Carlos Gracie com o objetivo de provar a superioridade técnica do jiu jitsu brasileiro seu primeiro evento aconteceu na cidade do Rio de Janeiro de 1932. Porém, foi com o *Ultimate Fighting Championship* (UFC), a maior instituição promotora de lutas, que o MMA passa a ter mais notoriedade. A sua primeira edição aconteceu no dia 12 de novembro 1993, no *McNichols Sports Arena*, na cidade de Denver, estado do Colorado nos Estados Unidos, com a propaganda chamativa '*there are no rules*' e na qual eram postos em jogo vários motivos: honra, dinheiro, amizade e até mesmo a busca por adrenalina pura (Awi, 2012, Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Lise, 2018). Foi uma edição que contou com a participação de 8 lutadores de modalidades

²As mulheres que ousaram práticas capoeira receberam os seguintes nomes: Maria 12 homens, Calça Rala, Satanás, Nêga Didi, Maria Pára o Bonde, Júlia Fogareira, Maria Homem, Maria Pé no Mato, dentre outras (Oliveira, Leal, 2009).

diferentes, as regras quase não existiam, pois só não era permitido colocar o dedo nos olhos, morder ou golpear a região genital (Awi, 2012; Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Lise, 2018; Salvini, 2014). O combate era em formato eliminatório, quem ganhasse prosseguia nas disputas, sendo necessário três confrontos para sagrar-se campeão (Lise, 2018). O evento chamou a atenção e ganhou destaque por apresentar um combate que reunia lutadores de diferentes modalidades e por divulgar uma luta diferente do que até então estava em destaque (*pro-wrestling* e boxe). As lutas eram transmitidas ao vivo através do *pay-per-view* (PPV)³, de outros recursos visuais (blogs, sites e redes sociais) e, posteriormente, com a criação do canal Combate e do *The Ultimate Fighter* (TUF). O canal Combate é um PPV de lutas brasileiro, criado em 2002 e pertencente as Organizações Globo e que desde 2008 passou a ser produzido pelo canal SporTV. No ano de 2011 essa empresa televisiva passou a transmitir os principais eventos do UFC ao vivo pela TV aberta. Essa primeira transmissão foi narrada por Galvão Bueno, locutor brasileiro famoso pelas narrações de futebol, e teve 22 milhões de telespectadores, com 20 pontos de audiência e 52% de share, participação no número de televisores ligados (Torezani, 2012). Em Portugal a SporTV transmite lutas de MMA promovidas pelo UFC desde julho de 2016⁴. O TUF, reality show criado em 2005 e integrado ao UFC, apresenta os seus lutadores no início da carreira, seus treinamentos e disciplinarização às regras. Os atletas ficam confinados em uma casa em Las Vegas/EUA e são treinados por

³ Sistema de entretenimento (campeonato de lutas e futebol, filmes e shows) no qual os usuários comprem a programação desejada e que é vista por todos em um único momento (Grespan, 2014, 2015).

⁴ Disponível em: <https://www.meiosepublicidade.pt/2016/07/sport-tv-recupera-exclusividade-das-transmissoes-de-combates-ufc/>. Acessado em 17 de outubro de 2019.

lutadores renomados (Grespan, 2014, 2015). Toda essa estrutura midiática foi um lócus propício à propagação do MMA, mas também trouxe problemas ao ser tratado pela mídia como show de brutalidades. As suas lutas foram proibidas e a transmissão cortada em 36 estados norte-americanos (Grespan, 2014). Para que fosse novamente aceito foi preciso criar regras e sancioná-las, encontrando o equilíbrio entre negócio, entretenimento e esporte (Awi, 2012).

Nesse âmbito, é visível que a edificação e propagação do MMA foi, e ainda é, um terreno propício ao exercício da masculinidade (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018). A inserção das mulheres atletas nesse espaço caracteriza-se como um desafio às normas vigentes e um rompimento com uma tradição da cultura do esporte de combate. Se por um tempo a elas foi vetado o direito à prática esportiva com o receio de que pudesse causar algum dano a um corpo culturalmente preservado para a maternidade, hoje elas romperam barreiras mas, embora sua participação venha crescendo ao longo dos tempos, o contexto esportivo ainda é uma área de reserva masculina (Goellner, 2005).

É possível apreender que “o corpo se tornou causa e justificativa das diferenças” (Louro, 2018, p. 77) e quando inserido em determinadas práticas torna-se ainda mais visível e suscetível a toda e quaisquer formas de olhares, sejam eles acolhedores, questionadores ou repulsores. Embora tenhamos presenciado uma série de mudanças na sociedade e, conseqüentemente, no contexto desportivo, as normas sociais foram e ainda são formas regulatórias para definir legitimidade, moralidade e coerência entre os sexos. Uma vez fissuradas as fronteiras binárias entre os sexos, aquelas que ousam a fazer tornam-se resistentes à representação de um corpo frágil e submisso (Adelman, 2006; Camargo & Kessler, 2017; Ferretti & Knijnik, 2007; Goellner, 2005, 2007, 2016).

A participação das mulheres no MMA profissional data de 1996 no evento Bellator⁵, no qual as lutadoras dividiram os *cards* (lutas que aconteceram) com os homens. No Japão, a organização *jewels - women's fighting entertainment*, promoveu lutas exclusivamente femininas entre os anos de 2008 e 2013 (Grespan, 2014). Mas foi em 6 de dezembro de 2012, com o anúncio da contratação de Ronda Rousey pelo UFC que as mulheres passam a ter mais visibilidade (Grespan 2014, 2015; Jardim, 2018; Salvini, 2014). Grespan (2014) afirma que alguns acontecimentos contribuíram para essa contratação: a compra da *Strikeforce* pela Zuffa, a permanência dos combates entre atletas da *Strikeforce*, a criação do *Invicta Fighting Championship* (*Invicta FC* - instituição promotora de lutas exclusivamente femininas) e o interesse em manter o contrato das lutadoras do *Strikeforce*⁶ agora pelo UFC.

O ano de 2012 também foi marcado pela criação do *Invicta FC*. A empresária americana Shannon Knapp é a proprietária da maior organização promotora de lutas femininas do mundo. Em abril do mesmo ano organizou o primeiro evento em *Kansas City*, Estados Unidos da América, e o transmitiu ao vivo e gratuitamente tornando-se um grande sucesso. No ano de 2019 Knapp anunciou a realização do *Phoenix Rising Series*, um torneio de uma noite que retornou o esporte as suas raízes⁷. A exibição do primeiro combate feminino pelo UFC, realizado em 23 de fevereiro de 2013 entre as lutadoras Ronda Rousey

⁵ Organização com sede em Newport Beach, California, Estados Unidos da América. Foi fundada em 2008 pelo presidente Bjorn Rebney (Grespan, 2014).

⁶ Organização norte americana de MMA e Kickboxing com sede em San José, California. Ela foi extinta em 12 de janeiro de 2013 e seus atletas migraram para o UFC. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Strikeforce> Acessado em 17 de outubro de 2019.

⁷ Disponível em <https://invictafc.com/> Acessado em 17 de outubro de 2019.

e Liz Carmouche, tornou-se algo rentável para a instituição, ao contemplar em uma mesma luta beleza e habilidades técnicas e, ampliar a sua organização e produção ao atingir também um público feminino (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Weaving, 2014). O sucesso foi tamanho que o UFC promoveu o TUF 18⁸, pela primeira vez com a participação de lutadores e lutadoras e tendo como treinadoras as atletas Ronda Rousey e Miesha Tate. Vale destacar também a realização do TUF 20 que contou com a participação de um elenco exclusivamente feminino e marcou a estreia da divisão palha (até 52 kg)⁹ (Grespan, 2014; Jardim, 2018). É cada vez mais crescente o número de atletas de outras artes marciais (re)iniciando a sua vida esportiva no MMA, embora não existam dados precisos do número de lutadores e lutadoras profissionais na maior instituição promotora de lutas, o UFC (Jardim, 2018). O Brasil é o segundo país com maior número de atletas contratados pelo UFC, perdendo apenas para os Estados Unidos (569 lutadores e 115 lutadoras)¹⁰. O UFC é uma das maiores organizações esportivas do mundo, cujo valor da marca equivale a 4 bilhões de dólares (Jardim, 2018), chegando a gerar um impacto econômico em uma noite de luta o equivalente a US\$ 86,4 milhões¹¹. O MMA tornou-se um negócio rentável, promulgado também pelas imagens das atletas ao apresentarem-se como belas e habilidosas (Jardim, 2018). No universo do

⁸ Reality show número 18 realizado em 2013, o primeiro com participantes homens e mulheres disputando dois contratos de peso galo (até 61,2 kg) com o UFC. Os atletas foram treinados pelas lutadoras Ronda Rousey e Miesha Tate (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018).

⁹ Peso palha/*Strawweight* – até 52,2 kg, Peso mosca/*Flyweight* – até 56,7 kg, Peso galo/*Bantamweight* – até 65,8 kg, Peso pena/*Featherweight* – até 65,8 kg. Disponível em: <https://www.ufc.com.br/athletes> Acessado em: 8 de outubro de 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://www.ufc.com.br/athletes> Acessado em: 8 de outubro de 2019.

¹¹ Disponível em <https://sportv.globo.com/site/combate/noticia/curtinhas-ufc-229-gera-mais-de-r-300-milhoes-de-impacto-economico-em-las-vegas.ghtml>. Acessado em: 1 de junho de 2019.

MMA há uma “classificação midiática¹²” das lutadoras por suas belezas e pela representação de um padrão corporal demarcado, diferenciado e rotulado como detentora de uma feminilidade normalizada. Nesse mercado da beleza, as atletas tornam-se produtos interessantes sobretudo se apresentarem um bom desempenho e se fizerem agir de forma mais atrativa para seus organizadores, promotores e fãs (Jardim, 2018). Dentro dos esportes as atletas aproveitam cada momento e os tornam oportunos para impulsionar suas carreiras ao serem vistas não apenas por suas habilidades esportivas, mas principalmente pelos requisitos imagéticos e femininos heteronormativos (Silveira & Vaz, 2016).

Se no seu surgimento a espetacularização estava alicerçada na divulgação de uma prática considerada violenta, hoje o espetáculo do MMA ganha contornos diferentes ao incorporar nesse processo as mais diversas formas de midiaticização de sua modalidade (*reality shows*, revistas, *blogs*, *sites*, *pay-per-view* e canais de tv fechada). O MMA está em processo de expansão na Europa. No dia 23 de fevereiro de 2019 foi realizado na cidade de Praga, República Tcheca, a primeira edição do UFC em território europeu. O evento contou com duas lutas de mulheres, uma no *card* preliminar (Verônica Macedo x Gillian Robertson) e outra no *card* principal (Liz Carmouche X Lucie Pudilova, lutadora tcheca)¹³. Em Portugal foi fundada a Comissão Atlética Portuguesa de *Mixed Martial Arts* (CAPMMA) que, ao selecionar possíveis atletas para a modalidade, galga os primeiros passos na busca pela construção do esporte no país. Essa é uma entidade nacional que está filiada na *International Mixed Martial Arts*

¹² Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/lutas/2015-03-14/lutadoras-do-ufc-tambem-brilham-fora-do-octogono-confira-fotos-das-mais-belas.html>. Acessado em 17 de outubro de 2019.

¹³ Disponível em: <https://www.ufc.com.br/news/ufc-desembarca-em-praga-pela-1a-vez> Acessado em 17 de outubro de 2019.

Federation (IMMAF). A CAPMMA encontra-se sob a égide da Federação Portuguesa de Lutas Amadoras (FPLA), que estabelece eventos a exemplo do Open Nacional de MMA, evento destinado a atletas que queiram estrear e adquirir experiência na modalidade. As lutas também são transmitidas em canais PPV portugueses. O *kombat sports*, integrante da rede MEO, Serviços de Comunicações e Multimédia, S.A, é um canal exclusivamente dedicado aos esportes de combate, com transmissão de lutas de MMA organizadas pela liga europeia *Cage Warriors*¹⁴. O canal *Kombat Sports* foi lançado em Portugal em maio de 2016 e sua programação consta de transmissão ao vivo dos combates, documentários e magazines sobre a origem e valores de cada arte marcial, além de apresentar a biografia e o perfil dos grandes campeões nas modalidades. Já os combates do UFC são transmitidos na televisão portuguesa através do canal pago SporTV e seus dirigentes asseguraram em julho de 2016 o direito exclusivo de transmissão tendo sua estreia datada em 08 de julho de 2016 com o UFC *Fight Night* 90, evento realizado na cidade de Las Vegas, no estado de Nevada, Estados Unidos da América¹⁵.

E assim o MMA vai se expandindo e conquistando cada vez mais o público. Romper com as imposições e padrões normalizadores dos sexos é borrar as fronteiras e deslocar-se das classificações sociais que locam e fixam o ser homem e o ser mulher. A fragilidade, que durante muito tempo foi caracterizada como a essência feminina agora cede espaço a construção de uma mulher ativa, forte e corajosa. Os seus corpos não são mais tão dóceis assim, o amargo das amarras

¹⁴Disponível em: https://www.telecom.pt/pt-pt/media/noticias/paginas/2016/maio/lancamento_kombat_sports.aspx. Acessado em 17 de outubro de 2019

¹⁵ Disponível em: <https://www.meiosepublicidade.pt/2016/07/sport-tv-recupera-exclusividade-das-transmissoes-de-combates-ufc/>. Acessado em 17 de outubro de 2019.

que as prendiam afrouxou-se e, embora ainda se mantenha forte, ele cedeu espaço à (des)construção e (des)continuidade de uma feminilidade normalizada.

Justificação, pertinência e desenho metodológico da pesquisa

O MMA é um esporte de combate com origem recente e complexa, muitos o consideram modalidade esportiva enquanto outros tecem diversas críticas a tal relação devido ao grau e intensidade de contato físico e sua associação a um show de brutalidades (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Lise, 2018, Salvini, 2014). A sua propagação midiática, associada a essa discussão polarizada, de um lado uma prática brutal e do outro a percepção como mais um esporte de contato, colocou o MMA como foco de olhares na construção da pluralidade de pensamentos e discussões acerca da sua prática (Lise, 2018). A presente pesquisa tem como tema investigativo a inserção da mulher atleta em uma prática esportiva socialmente masculina, aqui demarcada pelo MMA. Foi necessário previamente trilhar o seu processo histórico, as estratégias utilizadas na sua difusão, balizadas significativamente pelas investidas na estrutura midiática que, ao promulgar a construção de corpos viris e corajosos faz emergir uma temática instigante de estudo de lutadoras nos esportes de combates e seus atravessamentos com gênero e feminilidades. Para isso fomos juntando as várias peças que compõe essa prática esportiva, desde a intencionalidade da sua construção, as suas estratégias de divulgação que perpassam por etapas de permissão/proibição/permissão, o rápido crescimento econômico e a inserção das mulheres atletas. O mosaico resultante de tais componentes tem transformado o MMA no novo objeto investigativo para o meio acadêmico e,

paulatinamente, tem atraído cada vez mais o interesse de pesquisadores/as das mais diferentes áreas.

Assim, realizamos um estudo de gênero sobre as mulheres atletas no MMA estabelecendo diálogo com os conceitos de poder (Foucault, 1979, 1980, 1995, 2013), de espetáculo (Debord, 2003), indústria cultural (Adorno, 2002; Adorno & Horkheimer, 1985; Pires, 2017) e treinamento (Vaz, 2001a, 2001b). Entrelaçamos tais conceitos procurando desestabilizar o essencialismo dicotômico ao questionar verdades naturalizadas que sinalizam o que é adequado e permitido a homens e mulheres, marcando os seus corpos e generificando-os. Vale ressaltar que

[...] o ser homem ou mulher não é um estado adquirido, é, antes, uma apropriação, uma condição em permanente construção ativa, que envolve tensões e ambiguidades e que pode levar a resultados instáveis, visto que as marcas culturais que modelam as representações de masculino e do feminino são históricas, mutantes e provisórias (Goellner, 2008, p. 04).

A inserção das mulheres nos esportes de combate como o MMA põe em xeque a representação deste como espaço hegemonicamente masculino e ameaça/fissura a naturalização dos corpos. As discussões ao longo destas páginas perpassam pela desconstrução de um essencialismo corporal contido nos termos mulher e homem ao apontar para a existência de múltiplas configurações de homens e de mulheres, da fluidez com que cada pessoa se pode ir situando no espectro das masculinidades e feminilidades (Silva & Botelho-Gomes, 2013) e das conexões que transitam em diferentes tempos e lugares. Para Scott (2010) nenhuma experiência corporal existe

dissociada dos processos sociais e históricos e das relações de poder.

A presença das mulheres atletas em um esporte hegemonicamente masculinizado (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Lise, 2018; Salvini, 2014) é o nosso foco investigativo. Realizamos pesquisas empíricas procurando olhar estas lutadoras a partir de uma multiplicidade de corpos e feminilidades em meio as relações de poder que permeiam os esportes de combate.

É preciso evidenciar que na nossa trajetória investigativa nos despidimos dos suportes binários e abandonamos a falácia essencialista que são potencialmente tão vigentes sobre homens e mulheres (Adelman, 2006; Butler, 1999; Ferretti & Knijnik, 2007; Goellner 1999, 2000, 2004, 2016; Weaving, 2014), principalmente nos espaços dos esportes de combate. Acreditamos que isso, mais do que uma responsabilidade científica que deve estar presente nos estudos de gênero, perpassa também por um compromisso político enquanto mulheres e pesquisadoras. Ao estudarmos mulheres no contexto esportivo faz-se necessário entendermos que:

[...] o esporte é uma das instituições sociais em que, inclusive por sua corporeidade, se manifestam as ideologias sobre o masculino e o feminino que estão em permanente tensão [...] favorecendo desta forma o emprego das diferenças biológicas para justificar como natural a construção social dos gêneros (Ferretti & Knijnik, 2007, p. 58).

Diante do exposto nos apropriamos do conceito de gênero em oposição ao determinismo biológico tão demarcador das diferenças entre os sexos. Tal oposição faz-se necessária ao

atribuirmos ao gênero um caráter social entendendo-o como categoria analítica essencial à transformação dos paradigmas tradicionais, ao olhar de forma abrangente para os homens e as mulheres em suas múltiplas conexões, relações de poder e implicações num amplo espectro de contexto discursivo (Scott, 2010).

Os lugares ocupados por homens e mulheres estão em constante movimentação, nada é estável ou desconectado do todo, não podemos falar em uma essência feminina e masculina uma vez que existem várias formas de vivermos, sentirmos e representarmos. Isso implica também considerar que para estudar mulheres e suas feminilidades é necessário pisar no solo das masculinidades, compreender e considerar de grande relevância as feminilidades como plurais e que encontram-se situadas em meio a relações de poder, mas que também tornam-se resistentes, rompem barreiras, dão significados e sentidos aos seus atos e suas conquistas e assim vão se construindo, modificando e (re)afirmando ao transitarem no tempo e nos espaços.

O MMA, prática corporal contemporânea, tão complexa e instigante aos poucos, vai se descortinando no contexto acadêmico como mais um estimulante objeto investigativo.

Ao realizar uma busca no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foram encontrados 21 estudos (14 dissertações e 7 teses), sendo apenas 3 (1 dissertação e 2 teses) configurados a partir dos estudos de gênero: (1) a dissertação "Mulheres no octógono: performatividades do corpo e sexualidades" (Grespan, 2014), investiga os discursos midiáticos nas reportagens presentes nos sites Combate e Tatame, relacionados a gênero e sexualidade das lutadoras de MMA; (2) a tese "It's time"! MMA feminino, mercado da beleza e cis-heteronormatividade: uma etnografia multissituada com lutadoras brasileiras"

(Jardim, 2018) foi uma pesquisa etnográfica que buscou identificar e analisar fatores que culminaram no crescimento do MMA feminino, com foco na performatividade e representação midiática de gênero; e (3) a tese "A luta como "ofício do corpo": entre a delimitação do subcampo e a constituição do habitus do *Mixed Martial Arts* em mulheres lutadoras" (Salvini, 2014) apresenta uma análise dos espaços ocupados pelas lutadoras de MMA nos esportes de combate. Além desses estudos, outros tornaram-se extremamente significativos a minha pesquisa (Jakubowska, Channon & Matthews, 2016; McClearen, 2015; Mierzewski, Velija & Malcolm, 2014; Ming, Simpson & Rosenberg, 2016; Sailors & Weaving, 2017; Weaving, 2014).

A leitura de estudos com temática no MMA me possibilitou perceber o que estava sendo estudado até então e, no processo do pensar e da construção do conhecimento seguimos nosso desafio científico, na ânsia de descortinar o novo e fazer emergir outro(s) olhar(es) sobre esse objeto de estudo. A pesquisa é um avistar de questionamentos, seguindo em frente a procura de possíveis respostas ou até mesmo fazer emergir outras dúvidas é o seu processo. E assim iniciei a sua construção, fiz leituras, estudei, analisei, defini os procedimentos metodológicos, encontrei resultados, fiz ciência e, aqui ensejei multiplicar os modos de olhar esse objetivo investigativo que, aos poucos, ia se descortinando. Todos os estudos que compõe esta pesquisa se enquadram na investigação qualitativa que envolve o estudo e o uso de diversos dados empíricos que descrevam significados e momentos da vida de indivíduos (Denzin e Lincoln, 2000). Os dados foram oriundos de contextos e técnicas de coletas diferenciadas. O uso de múltiplos métodos, ou triangulação, visa assegurar um profundo entendimento do fenômeno em questão, embora conscientes que a realidade objetiva não é

passível de ser capturada. Podemos unicamente conhecer algo através das suas representações. Assim, a triangulação é aqui entendida não como um instrumento ou estratégia de validação, mas uma alternativa à validação. A combinação de múltiplos métodos, dados empíricos e perspectivas numa pesquisa é entendida por nós como uma estratégia que adiciona rigor, amplitude, complexidade, riqueza e profundidade a qualquer investigação (Flick, 2009). Os quatro estudos que se apresentam nesta dissertação apelam a diferentes técnicas de coleta e de dados.

Não queremos com isso dizer que são estudos isolados, muito pelo contrário, os questionamentos, as diretrizes da pesquisa, as etapas de todos os estudos, tudo foi pensado e repensado, discutido e planejado com vista à construção do todo que compõe a atual dissertação. A leitura permitirá compreender tal relação no cuidado com a conexão das partes (estudos) com o todo, com a percepção de uma retroalimentação entre as discussões de tal forma que nos permite estabelecer complementações, encontrar possíveis respostas e suscitar novos questionamentos ao provocar inquietações que emergiram durante o processo investigativo. São atos essenciais para ampliarmos as pesquisas, visualizarmos novas nuances e continuarmos nossa trajetória científica e acadêmica nos estudos de gênero.

O objeto de estudo foi se apresentando à medida que as partes iam se encaixando e possibilitando a construção do todo. Estabelecemos diálogos com as teorias que aqui fundamentam as análises, elucidamos questionamentos enquanto outros surgiam dada a singularidade de cada estudo. A dissertação torna-se significativo ao ampliar o conhecimento sobre os estudos de gênero tendo como objeto investigativo a presença de mulheres atletas no MMA e todas as nuances que dela podem emergir. Na esteira científica, esse estudo é um desafio por

me possibilitar entrar em contato com um esporte emergente e historicamente masculinizante, mas que no decorrer do processo aos poucos foi se descortinando, aguçando minha curiosidade e reflexividade. Ao longo da pesquisa atravessei fronteira, transitando entre a internet e a interação com as atletas, preparadores/a físico/a e estudantes de licenciatura em Desporto. É uma investigação significativa ao dar visibilidade ao MMA no contexto acadêmico e por estar articulado com várias áreas de conhecimento. Esperamos que as discussões aqui estabelecidas sejam uma ferramenta significativa nas mãos daqueles/as que tanto se dedicam a ciência.

Problemas e objetivos da pesquisa

O MMA é um esporte moderno que em tão pouco tempo de existência tem gerado uma série de críticas e questionamentos quanto a sua relação com o contexto esportivo. Como já foi evidenciado, essa é uma modalidade caracterizada por um contato físico mais intenso, que motivou elevados debates e críticas acerca dos níveis de violência e, sobretudo, a presença de lutadoras em seu contexto. Paira sobre esta inserção uma polarização de opiniões ao olhar para as mulheres como capazes de conquistarem novos espaços e, por outro lado, a percepção de que essa não seria uma prática apropriada para elas. Tendo em vista os aspectos elencados até então, objetiva-se com esta pesquisa analisar as nuances que permeiam a inserção e permanência das mulheres atletas no contexto do MMA. Dessa maneira questiona-se: Quais os espaços que as mulheres atletas ocupam no contexto do MMA? Quais discursos atravessam as relações de gênero no contexto do MMA?

Nesse sentido, balizamos a hipótese de que mesmo fissurando as fronteiras do que é/ou não a elas permitido, as mulheres atletas localizam-se no MMA ora como dominadas ao submeterem-se à uma lógica de padronização do feminino, ora como resistentes ao mostrarem-se potencialmente capazes de lutarem, no sentido mais amplo do significado dessa palavra. As discussões aqui construídas são formas de reivindicações do empoderamento feminino e de ampliação de ser e se viver para além dos binarismos. Assim sendo, apresento os objetivos contemplados em cada estudo que compõe essa tese, seguindo esta ordem:

- Analisar a produção do conhecimento acerca das mulheres em esportes de combate, aqui representado pelo MMA;
- Aceder como os/as estudantes do Desporto entendem o processo constitutivo do MMA, o espaço que ele ocupa no contexto esportivo e as permanências e desconstruções das fronteiras existentes nas relações de gênero.
- Identificar e analisar as imbricações existentes entre as mulheres atletas de MMA e seus corpos a partir dos elementos chave: poder e espetáculo;
- Analisar treinamento, mercantilização e formação das atletas de MMA a partir da teoria da Indústria Cultural (IC).

Apresentação e estrutura da dissertação

A presente tese encontra-se estruturada em quatro partes, são elas: 1) A parte introdutória, o enquadramento temático, os objetivos dos estudos e relevância da pesquisa. 2) A apresentação dos quatro estudos resultantes do processo

investigativo. Cada um deles traz seus questionamentos norteadores, objetivos, procedimentos metodológicos, resultados e discussão dos dados com suas respectivas fundamentações teóricas, seguido das considerações finais (Quadrol). 3) Na terceira parte estão reunidos os pontos reflexivos emergentes dos estudos. Aqui foram estabelecidas discussões de forma ampla englobando os dilemas encontrados ao longo do processo investigativo. 4) As considerações finais, em que buscamos responder aos questionamentos elaborados e os objetivos propostos. Apresentamos também as limitações encontradas que, de certa forma, sinalizam para novos estudos.

Vale ressaltar que, embora a tese seja composta por estudos, há uma integração entre eles uma vez que os mesmos não foram pensados separadamente. Embora cada estudo encontre-se fundamentado em teorias diferentes, todos têm como foco investigativo o MMA praticado por mulheres embasados nos estudos de gênero. Isso foi feito de tal forma que, ao transitar pelos espaços teóricos e metodológicos que compõe cada estudo, interligamos a pluralidade dos estudos científicos em um todo sequencial. Esperamos que os conhecimentos aqui construídos sejam um contributo significativo às discussões estabelecidas na comunidade acadêmica.

Estudo 1

Título	Objetivo	Procedimentos metodológicos	Principais resultados
Mulheres atletas e Mixed Martial Arts: Uma revisão sistemática qualitativa (pp. 31)	Analisar a produção do conhecimento acerca das mulheres em esportes de combate, aqui representado pelo MMA;	Revisão sistemática qualitativa Base de Dados: EBSCO+Sportdiscus, Pubmed, Scopus, Web of Science, Scielo Análise Temática	Temas que emergiram: Masculinidade e o ser mulher: um desafio a passividade O corpo in/out no octógono: as feminilidades das atletas Fisicalidade das mulheres atletas: a credulidade do treinamento e da dor Oportunidades e reconhecimentos: a caminho da visibilidade social

Estudo 2

Discursos de estudantes de Licenciatura em Desporto acerca	Aceder como os/as estudantes de Desporto entendem o processo constitutivo do MMA, o espaço que ele ocupa	Grupo focal: Estudantes de Licenciatura em Desporto Análise de Conteúdo	Uma desassociação do MMA enquanto esporte por reconhecido como uma prática nociva à saúde dos/das atletas mulheres.
--	--	--	---

das mulheres atletas no MMA (pp. 49)	no contexto esportivo e as permanências e desconstruções das fronteiras existentes nas relações de gênero.		A inserção e crescente presença de lutadoras no MMA, por si só, caracteriza uma conquista e configura novas relações com seus corpos e feminilidades.
--	---	--	--

Estudo 3

Mulheres atletas de Mixed Martial Arts e a tríade corpo - poder - espetáculo (pp. 87)	Identificar e analisar as imbricações existentes entre as mulheres atletas de MMA e seus corpos a partir dos elementos chave: poder e espetáculo;	Pesquisa qualitativa Campo investigativo composto por sites de MMA e respectivos posts com temática central: o corpo das mulheres atletas no MMA. Delimitação temporal: nov/2012 - jul/2018.	Os corpos das mulheres atletas de MMA foram erotizados, mas também transgrediram as normas, provocaram fissuras, empoderaram-se e possibilitaram uma multiplicidade de direcionamentos que as feminilidades são capazes de percorrer

	Estudo 4		
MMA e Indústria Cultural: um olhar sobre a trajetória e o treinamento das lutadoras (pp. 123)	Analisar treinamento, mercantilização e formação das atletas de MMA a partir da teoria da Indústria Cultural (IC).	<p>Pesquisa qualitativa.</p> <p>Pesquisa de Campo.</p> <p>Observação.</p> <p>Entrevista semi-estruturada com 6 lutadoras, 2 preparadores físicos e 1 preparadora física.</p> <p>Delimitação temporal: 23 a 28 de janeiro de 2017.</p> <p>Local: Rio de Janeiro/BR.</p>	Na lógica da IC - esporte os corpos das atletas são manipulados, medidos e programados, precisamente treinados e belos para tornarem-se produtos em condições de serem consumidos.

Tabela 1: Descrição dos estudos

APRESENTAÇÃO DOS ESTUDOS

ESTUDO 1

Women athletes and Mixed Martial Arts: a qualitative systematic review

Grasiela Silva

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Centro de Investigação em Actividade Física, Saúde e Lazer
(CIAFEL)

Angelita Jaeger

Universidade Federal de Santa Maria / RS - BR

Paula Silva

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Centro de Investigação em Actividade Física, Saúde e Lazer
(CIAFEL)

WOMEN ATHLETES AND MIXED MARTIAL ARTS: A QUALITATIVE SYSTEMATIC REVIEW

Abstract

The inclusion of women athletes in combat sports breaks social stereotypes and shows new looks on femininity. This investigation aims to reflect on the state of the art of women athletes in Mixed Martial Arts. We searched databases with the specific descriptors MMA and Women, Qualitative / Essay / Interview / Discourse. After the readings and inclusion and exclusion criteria, the sample comprised eight studies, resulting in three categories: Masculinity and being a woman; The body in / out of the octagon; Physicality of female athletes. It is possible to verify that fighters subvert the speech of heteronormativity, fight and construct a social visibility beyond their body spectacularization.

Keywords: Qualitative Systematic Review. Mixed Martial Arts. Women. Femininities.

MULHERES ATLETAS E ARTES MARCIAIS MISTAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA QUALITATIVA

Resumo

A inserção das atletas nos esportes de combate rompe estereótipos sociais e revela novos olhares sobre a feminilidade. O estudo reflete o estado da arte da presença das mulheres atletas no Mixed Martial Arts. Realizamos uma busca de estudos em bases de dados com os descritores específicos MMA e Women, Qualitative/ Essay/ Interview/ Discourse. Após as leituras e seguindo critérios de inclusão e exclusão, oito estudos compuseram a amostra, resultando tais categorias: A masculinidade e o ser mulher; O corpo in/out no octógono; Fisicalidade das mulheres atletas. É possível verificar que as lutadoras subvertem o discurso de heteronormatividade, lutam e constroem uma visibilidade social para além da espetacularização dos corpos.

Palavras-chave: Revisão Sistemática Qualitativa. Mixed Martial Arts. Mulheres. Feminilidades.

MUJERES ATLETAS Y MEZCLA MARTIAL ARTS: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA CUALITATIVA

Resumen

La inserción de las atletas en los deportes de combate rompe estereotipos sociales y revela nuevas visiones sobre la feminidad. El estudio refleja el estado del arte de la presencia de las mujeres atletas en Mezcla Marcial Arts. Se realizó una búsqueda, en bases de datos, con los descriptores específicos MMA y Women, Qualitative/Essay/Interview/Discourse. Después de analizar, siguiendo criterios de inclusión y exclusión, ocho estudios compusieron la muestra, resultando en las categorías: La masculinidad y el ser mujer; El cuerpo in / out en el octógono; Anatomía de las mujeres atletas. Es posible verificar que las luchadoras subvierten el discurso de heteronormatividad, luchan y construyen una visibilidad social más allá de la espectacularización de los cuerpos.

Palabras clave: Revisión Sistemática Cualitativa. Mezcla Marcial Arts. Las mujeres. Feminidad.

Introduction

Modern sport has become a highly prized institution, something people value and identify with, whether as athletes or spectators. Although Mixed Martial Arts (MMA) has gained ground in the sports field over the last decades of the 20th century, its dissemination through cyberculture (blogs, websites and other social networks) contributed significantly to its propagation, closeness and / or remoteness of sports lovers (GRESPLAN, 2014).

The combination of different martial arts and / or combat sports (capoeira, Jiu-Jitsu, muay thai, kickboxing, taekwondo, karate, judo, wrestling, boxing and kung fu) makes MMA a challenging practice and raises interest in what is forbidden, the threshold of violence and the accessibility to the practice of women athletes.

Currently, women athletes are increasing in MMA (JARDIM, 2018). Women in a territory, which has been seen as a stronghold of masculinities, became a threat by breaking with the ideals of a normalized femininity, thus strengthening the role they are playing (ADELMAN, 2003; SILVEIRA; STIGGER, 2013).

This investigation presented masculinity (s) and femininity (s). They are discourse shaped, which recognizes and legitimizes the domination and power as attributes of men's social privileges. This would characterize a view of hegemonic masculinity moulded as a process of female subordination. In turn, masculinities and femininities convey a unique character of being a man and being a woman constructed throughout the various experiences of life (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005).

Investigating and discussing women in combat sports becomes of great relevance to provide new insights on the construction of femininities in the arena sport. Although daring and liberating, women's visibility in a culturally masculinized sport is still incipient, reflecting the lack of scientific production on this scope. This review is significant to follow a path in combat spaces where stories of resistance and achievements are told.

A qualitative systematic review was conducted to follow, with new possibilities and viable directions to clarify other gaps (GOMES; CAMINHA, 2014). Analysing women in a MMA context through a systematic review is to enable the creation of a thought network, concepts and awareness that connect knowledge from research sources, revealing new paths and reflections on female visibility in culturally masculinized body practices.

Materials and methods

This systematic review encompasses and analyses qualitative studies on women athletes in MMA. It is structured into 4 phases: database detailed search, paper selection meeting the inclusion and exclusion criteria, full reading and subsequent content analysis.

Criteria for Paper Selection

The current review used databases and has chosen relevant topics.

EBSCO + Sportdiscus comprised Sportdiscus full text, Academic Search Complete, Sociology Source Ultimate, MEDLINE full text and PsycINFO Pubmed, Scopus, Web of Science and Scielo . At first we used English and Portuguese keywords:

Mixed Martial Arts and Women. The process of study screening and sifting used the abstract and two of the authors screened all studies. After the initial results, we defined another electronic search strategy and other keywords became necessary in both languages: Qualitative / Essay / Interview / Discourse. This process conducted during September 2017, allowed us to map qualitative papers, with women and their relationship with MMA.

Quantitative or mixed methodology, non-scientific and repetitive publications were excluded (see table 1).

Inclusion criteria	Scientific papers; Qualitative research; Papers focusing on women and MMA.
Exclusion Criteria	Quantitative or mixed research; Repeated papers; Non-scientific papers; Papers without feminine sample.

Table 1. Inclusion and exclusion criteria

No temporal delimitation has been established for database search, but all studies here included were recent. It is important to remember that women athletes have been having an effective participation in MMA since 1996, but the entrance into the UFC (Ultimate Fighting Championship) officially marks their insertion in November 2012, being official since the first dispute in February 2013 (GRESPLAN, 2014, 2015).

After data analysis all the information has been treated to enable the awareness of contents interpretation, hence allowing all text possibilities (BARDIN, 1977). Systematic procedures and reading objectives were applied to understand what was in and between the lines. Categorization procedure was conducted through the repeated and connected expressions. Papers presented in table 3 established a connection and described features related to women athletes and MMA. All the texts of the select studies were extracted electronically and entered into QSRNVivo 12. This software was used to assist in the coding and management of the data. QSRNVivo 12 developed hierarchical coding trees to organize emerging categories and help in exploring the relationships between them Group discussions and peer debriefing were held to address differences in coding and understand the results of each article. Moreover, the three authors verified independently coding and analysis for reliability by examining analysis consistency.

Results and discussion

The first search with the keywords Mixed Martial Arts and women presented 114 studies. After the insertion of other delimiting words – Qualitative / Essay / Interview / Discourse 32 studies remained (see figure 1).

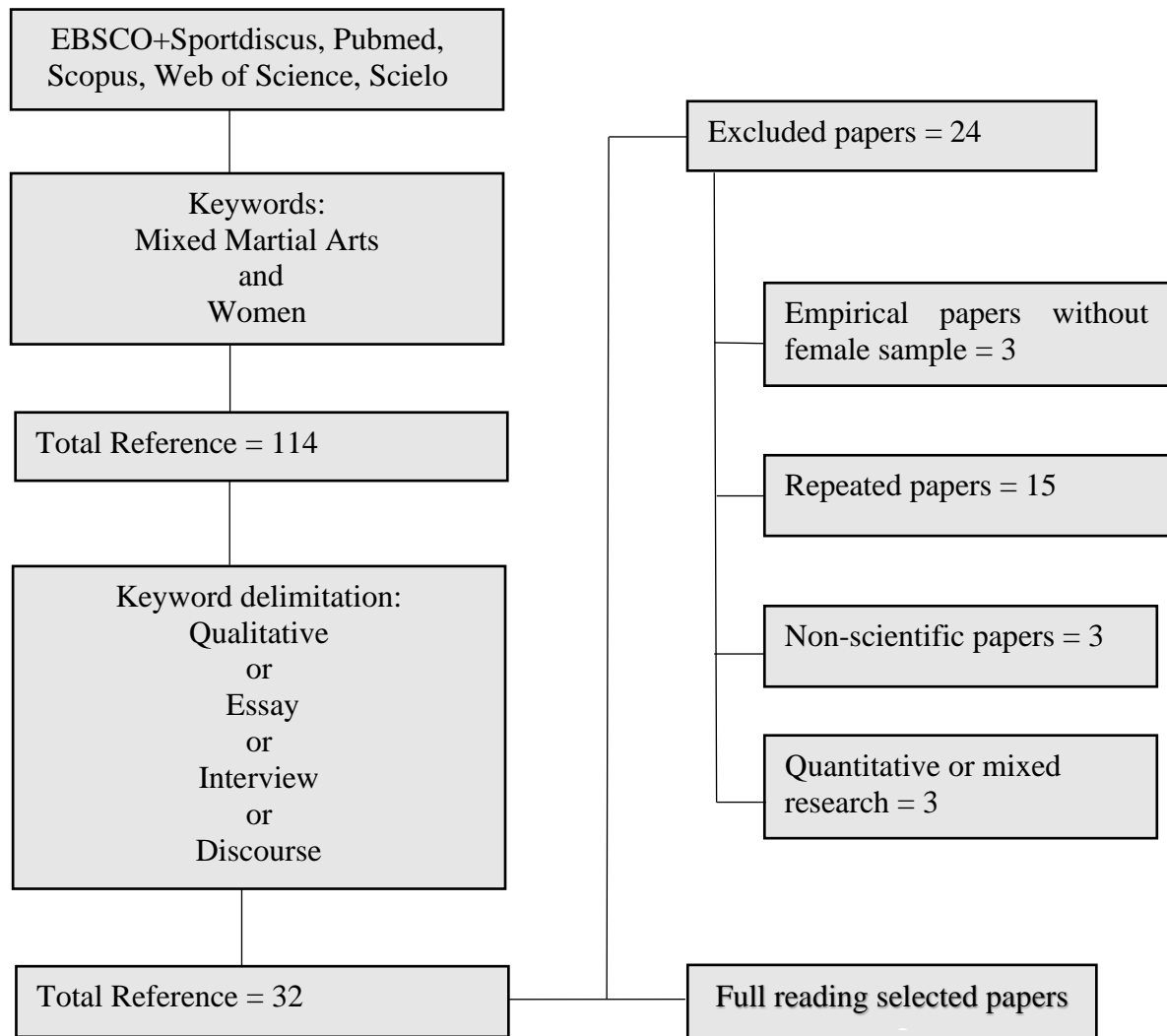


Figure 1. Organization of selected papers

Although no country or region has been pre-selected, most of the peer-reviewed papers have led to some specific countries, Brazil and the United States, which are responsible for the MMA emergence and worldwide spread.

CONTENTS	CODING VARIABLES
Authorship	Authors' surname.
Publishing Time	Year of publication.
Countries	Identify countries' research.
Database	Display the databases where the paper was found.
Purpose of the study	Present the research objective.
Related concepts	Identify the main paper concepts.
Information sources	Identify papers main data sources
Methodology	Paper methodology.
Participants	Present the sample.
Results	Present main results.

Table 2. Variables included in the coding process

This investigation aimed the scientific production on women athletes in MMA by applying the inclusion and exclusion criteria, being 8 papers selected for content analysis. After their full reading, we correlated them to enable a critical appreciation and highlight important elements about women's insertion into MMA. Contents and coding variables are presented in table 2: (FERNANDES et al., 2015; JAKUBOWSKA; CHANNON; MATTHEWS, 2016; MCCLEAREN, 2015; MIERZWINSKI; VELIJA; MALCOLM, 2014; MING; SIMPSON; ROSENBERG, 2016; SAILORS; WEAVING, 2017; SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016; WEAVING, 2014).

AUTHOR (YEAR)	COUNTRY	DATA BASE	PURPOSE OF THE STUDY	RELATED CONCEPTS	METHODOLOGY	RESULTS
Ming, Simpson and Rosenberg (2016)	EUA	Sportdiscus with full text	Exploring how athletes experience, interpret, accept, tolerate, and resist to the contradictory role adopted through participation in sports of power and performance.	Poststructuralist feminism; Phenomenology.	Empirical study Sample: 12 female athletes aged between 21 and 50 yrs. Interviews	The perception of femininity has evolved and certainly contributed to a new significance of the competitive athletic body detached from the dominant ideas of heteronormativity.
Sailors and Weaving (2017)	England	SCOPUS	Verify whether Rousey's embracing of Glamazon identity is an act of autonomy or evidence of a false consciousness.	Power	Essay	Power relationships cannot exist without resistance. Autonomy is a competence performed in a self- reflection process. Rousey has transformed herself to be identified as a Glamazon
Weaving (2014)	England	Web of Science; EBSCO+ Sportdiscus.	Verify if women's participation in the UFC challenges the traditional stereotypes of passivity and female physical invisibility.	Phenomenology	Essay	Women's fights in the UFC have boosted the potential for new gender constructs. The presence of women in MMA represents either the experience of authenticity and truly free bodies.
Fernandes et al. (2015)	Brazil	Scielo	Analyse the representations of	Identity	Empirical study sample: 3 female athletes, two	Boxing and MMA fighters live different situations of

			femininity of professional Boxing and Mixed Martial Arts fighters to understand how these bodies put on the scene the transience and the possibilities of construction of the feminine.		from Olympic Boxing and one from MMA. Interviews	body exhibition: in the fight characterized by performativities and outside featured by a normalized femininity.
Mierzwinski, Velija and Malcolm (2014)	Canada	EBSCO+ Sportdiscus	Analyse women's involvement in MMA.	Civilizing Process	Empirical study sample: 6 Female athletes aged between 20 and 35 yrs. Interviews	Behavioural norms associate female bodies as passive. Aggressiveness in women is considered uncommon, undesirable and particularly uncivilized. The disgust of women's bodies in MMA is the result of a civilizing process that narrows what women are allowed to.
Jakubowska, Channon and Matthews (2016)	EUA	EBSCO+ Sportdiscus	Explore how Joana Jedrzejczyk's two championship fights have been represented in the Polish media.	Gender	Essay	Although there was a gender discussion associated to a heterosexual fighter, the Polish media tended to look at her praising her personal qualities and taking pride in the significance of her victories.

						It is possible that the athlete's performance has been observed and evaluated in accordance with “male” sport norms, but the fighter’s success challenged the discursive construction of gender.
McClearen (2015)	EUA	EBSCO+ Sportdiscus	Analyse the acceptance and inclusion of gender trespassing in MMA from cissexism and sexism discourses.	Cissexism and sexism	Essay	Sexism guarantees that the power to be a physical threat exclusively lies in the male body and reaffirms the need for criteria based on a biology in determining gender in MMA and in fighting sports.
Salvini and Marchi Júnior (2016)	Brazil	Scielo	Identify and analyse the discourse of rivalry between two MMA fighters: Ronda and Cyborg from reports published in the Tatame Magazine.	Field theory	Essay	Fighters' speeches illustrate the disputes over the intent to maintain or subvert positions within MMA. Verbal clashes are used as career advancements.

Table 3. Studies summary

The first publications meeting criteria selection were from 2014 (table 3), with Brazil and the United States as prime MMA references. Essays and empirical researches are the main publication focus, although the latter smaller, due to the reduced number of female professional athletes. Essays had their origin both on cyberculture and on Ronda Rousey's biographical elements. Empirical studies were based on data from 21 athletes' interviews. We verified that their objectives pointed to women's access to a sports practice dominated by restrictions and to the (re)construction of stories of struggle, resistance, achievement and recognition.

Consequently, we intend to present and discuss the results and infer from women's positions in combat sports. Three categories emerged: I) Masculinity and being a woman: a challenge to passivity; II) the in / out body in the octagon: Athletes' femininities; III) Physicality of women athletes: The belief of training and pain.

Masculinity and being a woman: a challenge to passivity

Database mapping originated 5 essays and 3 empirical studies that brought to light the female athlete, her relationships and how she impacts on MMA. MMA is a preserving masculinity sports practice whose power and knowledge define and delimit the construction of a strong, virile and courageous athlete (MIERZWINSKI; VELIJA; MALCOLM, 2014; MING; SIMPSON; ROSENBERG, 2016; JAKUBOWSKA; CHANNON; MATTHEWS, 2016). The reproduction of masculine identity is a reflection of a social structure that exerts, with all its power, forms of control from the distinction of binarisms, which construct both a predetermined conception and a form of female and male body. Nevertheless, binary perspectives go beyond body distinctions, since discourses are body part and it is not possible to separate the lived from the discursive body (PRINS; MEIJER, 2002). Text analysis allows observing that sex category covers women with the shadow of sacralisation of a normalized femininity, boosted by fragility, emotion and passivity. Sport, as a social institution and a significant cultural phenomenon, constitutes either a fertile ground to body and subjectivity production and to the reproduction of representations of femininities and masculinities. These representations are constructed in context amidst power relations legitimized in discourses, practices, identity belonging and subjects' positions (FERNANDES et al., 2015).

Although MMA holds in its history the characterization of a social practice that defines and promotes ways of living and feeling the body, women athletes represent a norm trespassing that breaks, pressures and questions behaviours of masculinity ideals. Women in combat sports challenge traditional norms and develop gender identities that are incompatible with what has been imposed on them: passivity, delicacy and body invisibility (MING; SIMPSON; ROSENBERG, 2016; SAILORS; WEAVING, 2017; WEAVING, 2014; JAKUBOWSKA; CHANNON; MATTHEWS, 2016). Accordingly, the fights undertaken in the octagon reflect the construction of a femininity, dissociated from an apathetic and servile behaviour. Women athletes in a privileged space build the culturally characteristic experiences of normalized masculinity, present restructured and (re)meaningful bodies from what is socially attributed as feminine (FERNANDES et al., 2015).

Their path in MMA is full of fissures on the borders of a masculine space, which is defined by feminine body transgression and movement. Their attitudes are considered deviant from what is to be intrinsically feminine, they imbalance constitutive

norms and set a new femininity. As athletes, they deny certain behaviours and gestures associated with standard femininity and incorporate others belonging to masculine culture (FERNANDES et al. 2015). Although the display of their performance shows strength and courage, they care about hair and nail colour, elements that seek to assure their femininities. Thus, they seem to consider two contexts of self-assertion, in sport and in society. Self-assertion in sports, associated to physical training, development of techniques and compliance with the requirements of a professional athlete; in society, related to the care with the appearance and with the elements of a normalized femininity (GOELLNER, 2005a).

It is clear that women who enter dominant male sports take a defiant stance on socially recognised and perpetuated gender norms. Over the years, the various ways of becoming a woman and live her femininity, body perceptions, desires, and pleasures have been socially regulated, condemned and denied. On the other hand, sport is structured in discourses that produce particular body types classified by sex and that determine what is suitable and capable for each one. However, the perception of a female physical body neglects the range of "bodies" that frame the "feminine" (MCCLEAREN, 2015). To break with the normative sex impositions is to experience and perceive the diverse possibilities of femininities, to erase sexual boundaries and to subvert old certainties between sexes, thus becoming protagonists of their own stories. Their inclusion into MMA defies standards and destabilizes a field created and maintained under male's domain structured upon the biology of body and sex, simultaneously representing a threat and a complementarity. A threat to call attention to women's insertion into a sport constitutive of masculinity; complementarity for symbolizing a modern and civilized condition of partnership between men and women in social practices and spaces (GOELLNER, 2005b)

MMA practice and of any other sports considered a masculine stronghold is a threat to the myth of female frailty, with the training, physical preparation and sport characteristics redesigning a new athlete's image. Thomazini, Moraes, and Almeida (2008) refer the assimilation of a double ethos as essential for belonging the group: the self-control, whose result is body transformation, hence controlling and rationalising pain. Consequently, ethos when incorporated by the athlete demystifies the awareness of the essence incompatible with the practice of combat sports.

The body in / out the octagon: athletes' femininities

A significant part of the studies presents a discussion on the female body in sports. MMA diffusion process, made largely through media strategies, contributed to the propagation and perception of women athletes in combat sports. Although legitimate, the insertion of women into combat represents a violation to the norm and threatens the Western Culture (ADELMAN, 2003; GOELLNER, 2005a, 2005b)

Although. MMA athletes present a transgressive stance, many find themselves trapped into a sexist sport and into a social culture that reinforces and demarcates binarisms and strengthens the demands of hyperfemininity and heterosexual ideals (SAILORS; WEAVING, 2017). The labelling of female bodies, holding particular features, favours athletes' exclusion and hinders the construction of a plethora of skills and competences, which are associated to MMA practice. Dunning (1986a) sustains that sport issues and preserves ideologies and values that guide relationships between sexes. Nevertheless, this centralizing power can be the driving force of women taking action in

the face of what they consider to be of their interest. Women erase the frontiers of normalisation and walk on previously forbidden paths that allow them a greater visibility and respect for their choices, despite being depicted in social spaces with a normalized femininity which is considered legitimate, especially in many sport contexts (FERNANDES et al., 2015). Their insertion into MMA represents a transgression of what is hegemonically accepted as constitutive of their femininity.

MMA was not the first and probably will not be the last sport to display a differentiated femininity of discourses and standards of normalization. Several studies (ADELMAN, 2003; DUNNING, 1986a; GOELLNER, 2003, 2005a; JAEGER; GOELLNER, 2011) have already had, in the core of the relationships established between men and women, a discussion about female athletes' behaviour, that crossed barriers and established rules to follow and guidelines to meet.

Jaeger and Goellner (2011) conducted a study on bodybuilding and presented a muscle potentiation of women athletes' body that breaks and claims cultural representations of being feminine. More than preparing for the fight, they invest in their appearance and develop an exercise practice that, like the bodybuilders, tones their muscles and challenges normalized femininity, evidencing the femininities lived in the plural.

Accordingly, the multiple experiences and influences build the possibility of living femininity. MMA athletes experience and distinguish it between two spaces, inside and outside the octagon, bridging relationships between them using the experiences, definitions and delimitations about being a woman in a masculine sport set (FERNANDES et al., 2015). These MMA athletes invest and perceive their bodies according to the most diverse forms of cultural imposition, aiming to adapt them to the belonging criteria established by the group. Sailors and Weaving (2017) defined MMA athletes from two concepts: Glamazon and Amazon, sustaining that, the same athlete can incorporate two different ways of feeling and perceiving her body connected to the octagon in / out space. Amazons have an excess muscle and discursively construct their identity in the arenas exhibiting strength, skill and courage. Glamazons are outside and fitting into the social ideals and gender norms, hence considered feminine, fragile and heterosexual. It is possible to associate Ronda Rousey to both profiles. If, on the one hand, she affirms and defends the necessity of building a powerful body, distanced from the idealization of a fragile and delicate female body, on the other hand she promotes and defends the stereotype of hyper-femininity eroticized through photographic sessions.

Combat sports can be observed as a transgression and repetition arena, but also through the spectacularisation and sensualisation of athletes' bodies (FERNANDES et al., 2015; SAILORS; WEAVING, 2017; WEAVING, 2014). Women are allowed to play the sport as long as they do not distance themselves from the gracefulness and delicacy of the feminine essence. Rousey is seen as the ideal type of fighter. Besides the efficient body technique she displays attributes, such as sensuality and muscle volume within the normalized threshold (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016). There is a suspicion that the woman who exhibits a virile body required by combat sports distances herself from femininity, integrating nuances of masculinity. Yet, athletes reaffirm their femininity by exhibiting their beauty and spectacularizing their bodies. Women athletes' discursive representations and spectators make the apology to beauty and femininity as something to be preserved and worshiped, especially in sports considered violent (GOELLNER, 2005b).

The octagon in / out spaces, although divergent, intensify the inclusion of a female fighter and, likewise, establish allegedly secure discourses of a delicate and more feminine reference. Women's breakthrough in power and performance sports enables the possibility of a cultural concept remodelling of what it means to be feminine (MING; SIMPSON; ROSENBERG, 2016). Femininity is intrinsically womanly and the several ways of experiencing it break with the sexual boundaries and destabilize old sex certainties. The space available to the female body is often of a larger radius than that she uses and incorporates into (SAILORS; WEAVING 2017; WEAVING, 2014). To define references and criteria that evaluate and decide how each athlete approaches or distances herself from a desired "norm" is an exercise of power, but it is possible to witness a resistance and subversion against the disciplinary impositions. Neither the embodied subject is the same all the time nor can the apparatus that builds its body holds it in a single existing way: either is it trapped or can it escape; sometimes athletes are glamazons other times they are amazons (FERNANDES et al., 2015; SAILORS; WEAVING, 2017).

Physicality of women athletes: the belief in training and pain

Professional MMA embodies high performance training that demands athletes to manage their body to acquire strength, technical skills and endurance. This sport offers them experiences of a lived body, when they take possession of the masculine symbols of physical fitness, namely great physical effort (MING; SIMPSON; ROSENBERG, 2016; WEAVING, 2014). The sparring process, which is effective to fight preparation is characterized by the use of minimum rules and real fight simulation and is the closest example of belief in training and resistance to pain. However, there seems to exist a need to protect the female body against physical damage originated by a probable violent action, whether coming from the competitions or from the resulting damages of training techniques (ADELMAN, 2003; MIERZWINSKI; VELIJA; MALCOLM, 2014).

Courage, determination and strength take part in the resignification process of women athletes' role in MMA. Physical intensity is either related to the rejection of a weak and passive body and to the wish for the challenge (MING; SIMPSON; ROSENBERG, 2016; WEAVING, 2014). For a long time fighters' participation was impossible by being sustained onto a discourse that classified, hierarchized, named, excluded, judged, evidenced and marked these women's bodies in different ways and in different social scenarios (JAEGER; GOELLNER, 2011).

The construction of female body physicality has a direct connection with the built experiences. MMA women athletes actively participate in the construction of their physicality and in their singular image of femininity. They respond, react and imprint on their bodies peculiarities that often escape the norms established as suitable to a woman. To be part of an inherently masculine sport triggers and reinforces discussions and societal perceptions on the beauty and delicacy of female bodies, still insistently based on the pillars of a biological and anatomical body determinism (MING; SIMPSON; ROSENBERG, 2016).

This physicality establishes a relationship with the search for excitement. Athletes' disputes waged in the Octagon involve a liberating excitement, not only reflected on their physical effort and dexterity techniques, but above all, an excitement of breaking the ties that bonded them to an anatomically fragile and passive body. We can establish a relationship between excitement and de-routinization of daily activities and

what would be appropriate and safe, since the whole context of MMA, from the preparation to the struggle itself is seen as a challenge. There is a change in the body shape, the acquisition of a greater force, the technique refinement and the resistance to pain (MIERZWINSKI; VELIJA; MALCOLM, 2014). There is an awareness of a potential injury increase as a result of participating in a contact sport. Training and competition are elements linked to experiences of pain and injury (MING; SIMPSON; ROSENBERG, 2016).

Physicality in MMA means that damaged bodies are an inevitable and frequent occurrence (MIERZWINSKI; VELIJA; MALCOLM, 2014). Training and fight injuries confirm the courage and resistance to pain, and reaffirm the sense of sports belonging in which the marks and scars left are seen as a motivating factor of a personal fulfilment. Conversely, when leaving MMA, a bruised female body is often seen as the result of an abusive relationship against a woman (MIERZWINSKI; VELIJA; MALCOLM, 2014).

The idea of a woman being able to injure and be injured by someone else violates the conception of a civilized female body and portrays the fight as something more repugnant when practiced by them. What we witness today is a socially accepted aggression, the result of a ritualized confrontation where rules are established and followed by all (DUNNING, 1986b). De-routinization is also associated with the possibility of experiencing this acceptable violence connected to a "safety net" of control. It is necessary to emphasize that in this triad of training, - pain and violence, mental control plays a fundamental role. The mastery of this ability allows the maintenance of training and struggle, a better physical performance and, consequently, the achievement of the outlined goals (MING; SIMPSON; ROSENBERG 2016). On that account, MMA fighters give visibility to new forms of representation of being female and demonstrate, through the belief of training and pain, that they are prepared for the struggle waged inside and outside the octagon.

Conclusion

The analysis of the studies set the course of scientific productions from the relationship between women athletes and MMA and gave visibility to the discursive creation of femininities in the space of combat sports. Categories presented here were the result of the final conclusions found in the articles that pointed to a generalisation of results.

The category of masculinity and being a woman has redesigned a defiant feminine image to the passivity attributed to them over the years. The ready-to-serve body, sustained in the biological discourse, is now defined and recognized as possessing an active power wrapped in strength and courage. MMA women athletes emerge amid a sporting hub of masculinity and, if the ability to compete is socially attributed to man, the presence of the female fighter reveals a rule violation.

Athletes' in / out bodies in the octagon, while legally accepted, represent a threat to the social image of femininity. In this category, it was possible to observe that, although the fighters were able to enter the arena more than prepare themselves for the fight and demonstrate their technical skills, they must invest and reaffirm their femininity through the beauty and spectacularity of their bodies. The transition between two spaces establishes a relationship with their perceptions of femininity that, when built from their life experiences, emerges and points to femininities lived in the plural.

Women's physicality, a key element of the third category, now opens room to courage, determination and strength. These features, which have always been socially concealed in women's bodies, now become visible as the outcome of a relationship with combat sports. Women athletes' physicality brings to light the manageability of their bodies, and connecting them with training, pain and mental control becomes essential to a struggle waged inside and outside the octagon.

By being protagonists of this great sport spectacle, they build their physicality in a very particular way. Therefore, they share not only a liberating excitement of being, but above all they construct a social visibility that allows them to delineate new drawings in the relation fights - body -sexuality, far exceeding adversities that, every day appear in fighter's construction and daily recognition.

References

ADELMAN, M. "Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina". **Revista Estudos Feministas**, v. 11, n. 2, p. 445-465, Jul/dez. 2003

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. "Hegemonic masculinity: Rethinking the concept". **Gender & society**, v.19, n.6, p. 829-859. 2005.

DUNNING, E. "Dynamics of modern sport: Notes on achievement-striving and the social significance of sport". In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process**. Oxford: Basil Blackwell, p. 203-221. 1986a

DUNNING, E. "Sport as a male preserve: Notes on the social sources of masculine identity and its transformations". In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process**. Oxford: Basil Blackwell, p. 242-259. 1986b.

FERNANDES, V.; MOURÃO, L.; GOELLNER, S. V.; GRESPAN, C. L. "Women in combat: Representations of femininity in boxers and MMA fighters". **Revista da Educação Física**, v. 26, n. 3, p. 367-376. jul/sept. 2015.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Editora Unijuí. 2003.

GOELLNER, S. V. "Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história". **Pensar a prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005a.

GOELLNER, S. V. "Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades". **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.19, n. 2, p.143-151, abr/jun. 2005b

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. d. O. "Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano". **Movimento**, v. 20, n. 1, p. 395-411. jan/mar. 2014

GRESPLAN, C. L. **Mulheres no octógono**: performatividades de corpos e de sexualidades. 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

GRESPLAN, C. L. **Mulheres no Octógono**: performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades. Curitiba: Appris. 2015.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. “O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo”. **Estudos Feministas**, vol. 19, n. 3, p. 955-975, set/dez. 2011.

JARDIM, J. G. **“It’s time”! MMA feminine, Mercado da beleza e cis-heteronormatividade**: uma etnografia multissituada com lutadoras brasileiras. 2018. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, SP.

JAKUBOWSKA, H.; CHANNON, A.; MATTHEWS, C. R.. “Gender, Media, and Mixed Martial Arts in Poland: The Case of Joanna Jdrzejczyk”. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 40, n. 5, p. 410-431. 2016.

MCCLEAREN, J. “The paradox of Fallon's fight: Interlocking discourses of sexism and cissexism in Mixed Martial Arts fighting”. **New Formations**, v. 86, p. 74-88. 2015.

MIERZWINSKI, M.; VELIJA, P.; MALCOLM, D. “Women's Experiences in the Mixed Martial Arts: A Quest for Excitement?”. **Sociology of Sport Journal**, v. 31, n. 1, p. 66-84. 2014.

MING, S.; SIMPSON, D.; ROSENBERG, D. “An Exploration of Experiences of Female Participants in Power and Performance Sports”. **Women in Sport & Physical Activity Journal**, v. 24, n. 1, p. 35-42. 2016.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. “Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler”. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p.155-167. janeiro. 2002

SAILORS, P. R.; WEAVING, C. “Foucault and the Glamazon: The Autonomy of Ronda Rousey”. **Sport, Ethics and Philosophy**. v 11, n. 4, p. 428-439. April. 2017

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. “More than a weight issue: Analysis of the content of rivalry discourses between MMA (mixed martial arts) fighters Ronda Rousey and Cris Cyborg”. **Movimento**, v. 22, n. 3, p. 795-808. Janeiro. 2016.

SILVEIRA, R. d.; STIGGER, M. P. “Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 1, p. 179-194. jan/mar. 2013.

THOMAZINI, S. O.; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, F. Q. “Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores (as) de Mixed Martial Arts”. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 3, p. 281-290, set/dez. 2008.

WEAVING, C. “Cage fighting like a girl: Exploring gender constructions in the Ultimate Fighting Championship (UFC)”. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 41, n. 1, p. 129-142. novembro. 2014.

Financiamento: CIAFEL, FCT/UID/DTP/00617/2019

ESTUDO 2

Discursos de estudantes de Licenciatura em Desporto acerca das mulheres atletas no MMA

Grasiela Silva

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Centro de Investigação em Actividade Física, Saúde e Lazer
(CIAFEL)

Angelita Jaeger

Universidade Federal de Santa Maria / RS - BR

Paula Silva

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Centro de Investigação em Actividade Física, Saúde e Lazer
(CIAFEL)

RESUMO

O esporte é um fenómeno relevante para a socialização do indivíduo. O seu processo histórico e cultural foi influenciado e influenciador dos espaços de ocupação de homens e mulheres na sociedade. Por estar em constante transformação esse esporte (re)afirma normas, mas também provoca fissuras, e assim, o corpo feminino, adentra no *Mixed Martial Arts* (MMA). O estudo objetiva analisar discursos de estudantes acerca da participação das mulheres atletas no MMA. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, com dados oriundos de quatro grupos focais com estudantes (16 homens e 9 mulheres) da licenciatura em Desporto de uma instituição universitária da cidade do Porto, Portugal. Seguimos para a análise de conteúdo com apoio do software QSRNvivo 12 Pro. Assim sendo, eles visualizam uma desassociação do MMA enquanto esporte, reconhecendo-o como prática nociva à saúde das lutadoras, embora o reconheçam como mais uma conquista feminina. A inserção e a crescente presença de lutadoras no MMA, por si só, caracteriza uma vitória e configura novas relações com seus corpos e feminilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Mixed Martial Arts; Mulheres atletas; Saúde; Feminilidades.

ABSTRACT

Sport is a relevant phenomenon for the individual's socialization. Its historical and cultural process was influenced and is still influencing the spaces of occupation of men and women in society. As it is in constant transformation it (re) assures norms, but also causes cracks, and thus, the female body enters the Mixed Martial

Arts (MMA). This study aims to analyse students' discourses on the participation of female athletes in MMA. A qualitative research was conducted, with data from four students' focus groups (16 men and 9 women) of Sport graduation from a University located in Porto, Portugal. We performed content analysis with the QSRNvivo 12 Pro software. Students' overviewed a dissociation of MMA as a sport, recognizing it as a harmful practice to fighters' health, although they recognize it as another feminine achievement. The insertion and the growing presence of fighters in MMA is a victory and shapes new relationships with their bodies and femininity.

KEYWORDS: Sport; Mixed Martial Arts; Female athletes; Health; Femininities.

INTRODUÇÃO

Abrimos o nosso estudo afirmando que o esporte é um fenômeno de extrema relevância para o processo de sociabilização do indivíduo, nas formas de ser, ver e relacionar-se com o mundo, com os outros e consigo mesmo. A ordem discursiva que durante anos sustentou e legitimou o esporte na sociedade esteve vinculada a uma concepção biológica do corpo. Aos homens a força, a coragem e o direito as práticas corporais; as mulheres a fragilidade, delicadeza, beleza e passividade. Tais atribuições evidenciam que as características anatômicas dos corpos definiam os seus direitos, deveres e possibilidades de movimentação dentro dos esportes (Goellner, 2007; Louro, 2018; Silva, 2007; Silveira & Vaz, 2016).

E assim o esporte se desenvolveu, sustentado no discurso do essencialismo biológico, situou homens e mulheres em polos opostos e hierarquizados. Essas oposições engessaram e

fixaram por muito tempo a existência de múltiplas capacidades corporais da mulher enquanto atleta, ao classificar o permitido/proibido e o certo/errado dentro das práticas esportivas. O corpo feminino foi controlado e manipulado segundo padrões de uma feminilidade heteronormativa, que deveria ser preparado para a maternidade e quando a ele era atribuído o direito a alguma prática esportiva, está deveria ser feita de forma a ressaltar atributos e papéis sociais femininos, a beleza a maternidade e a feminilidade (Goellner, 1999, 2003).

Mas o esporte é um fenômeno histórico, ele está conectado com tudo que é produzido e vivenciado em cada sociedade e, através dessa interação ele segue seu percurso, modifica-se, incorpora valores de cada época e constrói sua história (Goellner, 2004). Às mulheres foram delimitadas práticas corporais que ressaltassem atributos de uma feminilidade normalizada e, quando elas decidiram ir além, evidenciando seus desejos e objetivos e, tornando sua presença uma constante no contexto dos esportes de combate, a sua feminilidade passa a ser questionada. Essa infiltração das mulheres em esportes socialmente vistos como área de reserva masculina, embora evidencie a incorporação da resistência a corpos lidos como frágeis, ainda se encontram demarcados por formas de controle normativo.

[...] as normas regulatórias do 'sexo' trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (Butler, 1999, p. 114).

Portanto, ao inserir-se em esportes de combate as atletas infringem as normas do que seria socialmente a elas apropriado e, ameaçam as representações de feminilidade que estão no cerne da cultura. Goellner (1999, 2003) ao analisar os discursos produzidos na Revista Educação Physica¹⁶ constatou que a maternidade era exaltada como a mais encantadora e sublime missão da mulher. A relação maternidade e prática esportiva identificada nos discursos da Revista Educação Physica não deixou de existir, mas passou a ocupar um lugar secundário na vida das mulheres.

Os mesmos discursos que constroem e (re)afirmam as normas dentro dos esportes também geram resistências, provocam fissuras e borram as fronteiras do que é determinado aos homens e mulheres (Grespan, 2012, 2014, 2015). Esse corpo feminino que socialmente foi moldado como frágil e preparado para a maternidade, torna-se forte, resistente e capaz de ingressar até nas formas mais masculinizantes do esporte, a exemplo do *Mixed Martial Arts* (MMA).

O MMA ganhou visibilidade ao seguir o lema "*there are no rules*" e ao estabelecer estratégias promulgadoras que expressassem e divulgassem um combate enfatizado através de um traço distintivo de violência mais real. O distanciamento das lutas coreografadas de *pro-wrestling* e o seu teor existencial pautado no imaginário da violência colocaram em xeque a sua essência e sua prática foi proibida na maioria dos estados norte-americanos. Foi necessário criar e sancionar suas regras para que os confrontos intermodalidades fossem considerados um esporte (Awi, 2012; Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Lise, 2018; Salvini, 2014). A transformação desse jogo de luta em esporte foi

¹⁶ Revista brasileira que esteve em circulação entre os anos de 1932 e 1945 (Goellner, 1999, 2003).

resultante do seu processo de desportivização¹⁷ (construção, organização e padronização das regras) e civilização, que fez com que as manifestações explícitas de violência não fossem mais toleradas (Elias & Dunning, 1986). Portanto, a pretensão de construção de uma competição diferente, abriu espaço para questionamentos, debates e conexões com a sociedade. Era preciso mudar para ser aceito e seguir seu percurso transformando-se e incorporando, também, a presença da mulher agora na condição de atleta.

O MMA, portanto, campo investigativo desse estudo, teve ao longo da sua existência a caracterização de um espaço agressivo, forte e viril, tornando-se propício ao exercício da masculinidade. Mas também, abriu espaço para a inserção das mulheres atletas, colocando em questionamento a concepção de que seu corpo anatômico é determinante na diferenciação dos sexos e dos papéis específicos dentro dos esportes. Carmargo e Kessler (2017) afirmam que no contexto esportivo os indivíduos transitam entre as fronteiras físicas e sociais, desafiando os padrões estabelecidos e provocando tensões nos modelos vigentes assim como fazem as atletas de MMA. Um estudo realizado na cidade de Maceió/Al - Brasil com jovens que assiduamente assistem as lutas do UFC seja em bares ou em casa com amigos, buscou analisar o que motiva o surgimento de desse novo interesse. O gosto por tal esporte de combate perpassa pela surpresa diante da efetivação de um golpe, da tensão e/ou satisfação gerada pela adrenalina, que se encontra calcada na espetacularização do êxtase. São considerações e percepções que abarcam a técnica corporal onde o consumo passa a ser um caminho para a vivência das emoções (Guimarães, 2014). Outro

¹⁷ Regras institucionalizadas: lutas por rounds cronometrados, estabelecimento de categorias por peso, presença de árbitro, declaração de um vencedor por pontuação e proibição de determinados golpes (Awi, 2012).

estudo (Seungmo et al., 2008) analisou o que motiva os espectadores de uma cidade do centro-oeste dos Estados Unidos da América a assistirem os combates de MMA a partir da escala de motivação SFMS (*Sport Fan Motivation Scale*) no qual foram identificados 8 fatores dentre os 23 itens contidos: estresse, autoestima, fuga da vida cotidiana, entretenimento, fatores econômicos, afiliação grupal, estética e necessidades familiares. O estudo constatou que os espectadores gostam do esporte em si e seguem o MMA por considerá-lo legítimo, e não um espetáculo como foi promovido durante o seu processo inicial.

Os estudos revelam que vários fatores influenciam na adesão das pessoas ao MMA, dentre eles destacamos a emoção causada pela iminência dos golpes ou apenas a vinculação da luta a um momento de entretenimento, assim como ocorre nos demais desportos. Mas não podemos desvincular o interesse por combates de MMA de um aspecto cultural, nesses estudos demarcados pelo contexto brasileiro e estadunidense.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural [...] (Laraia, 2001, p. 68).

Assim sendo, ao situarmos o MMA em Portugal e, mais especificamente, ao pontuarmos a presença dos esportes de combate nas discussões e vivências dos/das estudantes dentro das instituições de ensino, percebemos que essa prática corporal, embora esteja em processo de crescimento na sociedade como um todo, ainda não ocupa um espaço relevante na formação dos futuros/as professores/as de educação física.

Ao observarmos os planos de curso voltados para o Desporto, apreendemos que das sete instituições de nível superior em Portugal, apenas três contém disciplinas específicas voltadas ao ensino de esportes de combate. Uma dessas instituições dispõe da disciplina Desporto de combate, em outra o conteúdo está focado no ensino do judô e, em uma terceira o seu plano de curso contempla mais disciplinas específicas, perfazendo um total de quatro, sendo duas obrigatórias (capoeira e judô) e duas optativas (Desportos de combate I e II). No ano de 2013 foi fundada em Portugal a CAPMMA (Comissão Atlética Portuguesa de *Mixed Martial Arts*), que passou a ocupar o lugar da extinta Federação de *Mixed Martial Arts* de Portugal (FMMAP)¹⁸, criada em 2012. Essa comissão tem como missão selecionar possíveis atletas para a modalidade, galgando os primeiros passos na busca pela edificação do esporte no país. Essa é uma entidade nacional que se encontra filiada na IMMAF (*International Mixed Martial Arts Federation*). A CAPMMA encontra-se sob a égide da FPLA (Federação Portuguesa de Lutas Amadoras), que estabelece eventos a exemplo do Open Nacional de MMA, evento destinado a atletas que queiram estrear e adquirir experiência na modalidade¹⁹.

Iremos considerar as falas como discursos constituídos de vivências e experiências corporais e, portanto, carregado de conhecimento. O discurso é “[...] o objeto de desejo, aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 2009, p. 10). Um conceito que aqui relacionamos as representações de mundo dos/das estudantes, posicionado-os/as no contexto de prática desportiva fazendo emergir discursos a partir das suas experiências de vida e

¹⁸ Disponível em <https://www.fcmma-tomar.com/historia-do-club>e Acessado em 31 de outubro de 2019.

¹⁹ Disponível em <https://mmaportugal.blogs.sapo.pt/> Acessado em 12 de outubro de 2019.

dos lugares que os constituem. Para isso, estabelecemos um diálogo, percorremos as convergências e divergências que emergiram das palavras constituintes dos participantes neste estudo, aqui estudantes de licenciatura em Desporto de uma instituição universitária do norte de Portugal. A partir de tais discussões inquirimos: Quais os discursos que permeiam as falas dos/das estudantes acerca do MMA como desporto, os impactos na saúde e a presença das mulheres como atletas? Pretende-se aceder a como os/as estudantes do Desporto entendem, não apenas o processo constitutivo do MMA e espaço que ele ocupa dentro do contexto esportivo, mas sobretudo as permanências e desconstruções de fronteiras existentes nas relações de gênero em um espaço cultural e historicamente masculinizado.

METODOLOGIA

O estudo contempla uma abordagem qualitativa e seu corpo empírico se estrutura a partir da realização da técnica de pesquisa denominada grupo focal. Vale ressaltar que essa é uma técnica de coleta de dados caracterizada pela integração grupal e problematização sobre um tema específico, de forma a gerar novas concepções ou debater uma ideia em profundidade. Nesse sentido, o papel do pesquisador deve ser de um moderador, sendo ele responsável por todo o esquema norteador do processo da coleta. Segundo Kitzinger e Barbour (1999) o pesquisador precisa ter bem claro o que se pretende com a aplicação da técnica de grupo focal, em seguida estudar e desenvolver o roteiro, selecionar os materiais de tal forma que eles possibilitem a interação entre todos, apresentando pontos suficientemente comuns entre eles mas que também se façam presentes com suas singularidades a ponto de gerar o debate.

Realizamos encontros com 4 grupos focais, tendo aproximadamente de 6 a 8 participantes cada um. Foi realizado um encontro com cada grupo, com duração média de uma hora. Os grupos foram compostos por estudantes da licenciatura em Desporto de uma instituição universitária do norte de Portugal, que, após convite, acederam participar de forma voluntária. Os horários e dias dos encontros foram agendados respeitando disponibilidades e foram realizados na própria instituição de forma a facilitar a mobilidade de todos/todas. Logo no início de cada encontro a pesquisadora/moderadora apresentou a proposta da técnica, o seu objeto de estudo e a estrutura do processo. Vale ressaltar que foi solicitada previamente a autorização de gravação do encontro, todos/as os/as integrantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e suas identidades foram preservadas. Aqueles/as que por algum motivo, nesse momento, não aceitassem participar da pesquisa tinham total liberdade para sair da sala. Cada participante será aqui identificado quanto ao grupo (G) de 1 a 4, e de acordo com a ordem das falas no processo de transcrição de homens (H) e mulheres (M) participantes (exemplo: G1/M2). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (19.2018).

Os vídeos apresentados no decorrer dos encontros foram estabelecidos com o propósito de espoletar e orientar os estudantes na construção argumentativa necessária à discussão e apreensão das opiniões. O primeiro vídeo foi estruturado a partir de recortes de outros. As pesquisadoras selecionaram alguns vídeos, os analisaram estrategicamente fazendo apontamentos do que seria relevante a composição do vídeo macro, suscitar discussões e instigar a curiosidade dos participantes. O segundo vídeo transmitido foi captado na íntegra, tal como apresentado no site. As imagens das

lutadoras dentro e fora do octógono foram compostas pelas atletas que no momento eram as detentoras de cinturões em suas respectivas categorias e pela primeira atleta contratada pelo UFC (Peso palha/*Strawweight* - até 52,2 kg - Rosa Namajunas, Peso mosca/*Flyweight* - até 56,7 kg - Valentina Shevchenko, Peso galo/*Bantamweight* - até 65,8 kg - Amanda Nunes, Peso pena/*Featherweight* - até 65,8 kg - Cris Cyborg, Ronda Rousey).

Os encontros foram gravados e em seguida transcritos cuidadosamente, captando e identificando as falas dos/das participantes ao longo de todo o processo. Vale explicitar que no decorrer dos grupos focais algumas anotações foram feitas e, após a realização de cada encontro elas serviram como um suporte de informações que visaram esclarecer a autoria das falas e outros comportamentos observados que complementariam as informações coletadas nos áudios. Estabelecer tais cuidados, desde o primeiro contato até a realização dos grupos focais e posterior transcrição, nos permitiu captar pontos de vista e estabelecer momentos de discussão acerca de uma determinada temática, aqui delimitada por esporte, MMA e mulheres atletas. Embora seguissemos um eixo norteador, as falas ampliam o conhecimento, refletem discursos sobre o novo que se descortina (o que para alguns aconteceu de fato), geram novas concepções e nos permite problematizar uma ideia em profundidade.

Todas as informações escritas foram sujeitas a uma análise de conteúdo (Bardin, 2004) que nos possibilitou interpretar os dados com o auxílio do *software* QSRNvivo 12 Pro. Foi realizada uma pré-análise dos dados, seguida da definição das categorias e interpretação das mesmas. Vale ressaltar que as três investigadoras verificaram independentemente o processo de codificação e análise, de forma a garantir uma

confiabilidade e consistência no processo de análise dos dados.

RESULTADOS

Os nossos dados são o resultado obtido dos encontros de grupos focais com estudantes de licenciatura em Desporto. Foram 4 grupos, compostos por 25 estudantes no total e de quatro nacionalidades (dezessete portugueses/portuguesas, seis brasileiros/brasileiras, um espanhol e uma italiana), sendo 16 homens e 9 mulheres com idades entre 18 e 38 anos. Dentre esses/essas estudantes alguns/algumas já encontram-se inseridos/as no contexto esportivo, seja como atletas federados/as ou treinadores/as adjuntos/as, perfazendo um total de 15 (10 homens e 5 mulheres). A maioria destes/as encontram-se inseridos/as no contexto do futebol, com exceção de um homem e uma mulher que desenvolvem, respectivamente, atividades na área do handebol e atletismo. Assim, a análise dos dados perpassa, de uma forma ou de outra, pela compreensão de que todos nós construímos vínculos e experiências esportivas ao longo das nossas vidas, sejam elas enquanto atletas, praticantes, espectadores/as ou profissionais de diversas áreas de atuação. São entendimentos que se configuram a partir das interações que estabelecemos com as práticas esportivas e que nos permitem tecer conceitos e percepções acerca dos impactos que elas exercem na saúde, mesmo que estas se apresentem como algo novo para nós. O primeiro vídeo que compôs a estrutura do grupo focal retratou, de uma maneira geral, a estrutura do MMA, os confrontos, a euforia dos espectadores e, sobretudo, a presença das mulheres, agora também, na condição de

atleta²⁰. Finalizada a sua apresentação, iniciamos as discussões a partir do seguinte questionamento: O MMA é um esporte? Obtivemos as seguintes respostas:

Eu conhecia, por acaso, o significado MMA, mas não conhecia a modalidade. É a primeira vez realmente que estou vendo [...] e não tenho qualquer competência para falar [...] mas a primeira impressão é que seja um desporto que aponta mais na espetacularização [...] e até as pessoas que estão a ver, não sei até que ponto estejam ligadas ao aspecto desportivo e até que ponto não estão lá para, não sei, descarregar do estresse do dia a dia e pra outras motivações [...] (G2/M1/Italiana)

Eu não me identifico e não tenho muito a dizer sobre isso, nem tenho muito conhecimento sobre a modalidade, se é isso chamado (G1/M3/Portuguesa).

Eu pelo menos vou dar a minha opinião, é pessoal né (rsrs) eu não me identifico muito com esse desporto. É assim, eu não considero um desporto, mas há quem goste, mas não vejo qual o interesse de tá a bater em outra pessoa. Mas eu acho que no caso do MMA vive mais do espetáculo do que propriamente da luta [...] (G2/H2/Brasileiro).

As falas nos levam a refletir que o desconhecimento ou o pouco contato com o MMA está associado a um contexto cultural. A questão que se evidencia move-se por uma

²⁰ O vídeo teve uma duração de 03:22 minutos e foi produzido pela pesquisado a partir de recortes de outros vídeos. Alguns/algumas atletas de destaque estão inseridos/as nele, tais como: Cris Cyborg, Amanda Nunes, Ronda Rousey, José Aldo, Anderson Silva e Conor McGregor.

compreensão de que os/as brasileiros/as têm um maior contato com a modalidade, seja por causa do seu surgimento ou até mesmo por ter um maior acesso aos combates, cujas principais lutas são transmitidos também pela televisão em canal aberto no Brasil. Mas, embora demonstre um conhecimento da modalidade, ele não está constituído em sua totalidade uma vez que não é capaz de tecer uma argumentação para além do que é visivelmente apresentado. Em contrapartida, o discurso de uma das estudantes europeias, ainda que esteja iniciando a sua trajetória como conhecedora desse esporte emergente, perpassa por uma espetacularização, algo que não dissoa das propostas estabelecidas por seus idealizadores. A maneira como determinado esporte se descortina e passa a ser aceito na sociedade depende da forma como ele é culturalmente vivenciado e percebido pelos indivíduos.

O esporte é um processo histórico em constante transformação. Ao elencar características comuns ao esporte moderno, os/as estudantes compactuam com tal afirmação e, dessa maneira, controem discursos acerca do MMA de forma associativa e semelhante às demais práticas esportivas

[...] é uma competição, há duas equipes também
(G1/H1/Português)

Como ele disse, existem duas equipes, têm regras, premiação [...] (G1/M2/Brasileira).

Pensando em termos técnicos ele é um esporte, claro. Ele responde a todas as imposições desportivas e desperta o lado mais primitivo do ser humano (G1/H3/Brasileiro).

Há movimento, contato, público, prêmios
(G3/H1/Português).

Os discursos dos/das estudantes demonstram uma relativa ausência de conhecimento acerca da modalidade e de uma possibilidade de construção perceptiva das suas singularidades. Assim, torna-se mais confortável e seguro estabelecer uma vinculação do MMA com as características presentes nos esportes modernos. Vale ressaltar que o que é apresentado no evento, as músicas que acompanham a entrada dos jogadores, a voz veemente do apresentador Bruce Buffer²¹ e a realização dos combates em si, compõem apenas uma parte de todo o processo estrutural do MMA, mas que exerce fundamental importância em relação a tudo que foi/é projetado e efetivado para atrair o público. Ao associar o MMA a um espetáculo, isso de fato é algo evidenciado na estrutura da sua organização, desde a divulgação das lutas e todas estratégias de marketing sob as quais é alicerçado (*Pay-Per-View/PPV*²², *The Ultimate Fighting/TUF*²³, assinatura dos cartazes, *trash talk*²⁴, momento da pesagem, dentre outros) até o momento exato do combate. Tal compreensão está elencada em algumas das seguintes falas:

[...] mas a primeira impressão é que seja um desporto que aponta mais na espetacularização, no espetáculo e até as pessoas que estão a ver,

²¹ Famoso locutor de lutas do MMA, conhecido como a "voz do UFC" e criador do famoso jargão "*it's time*". Disponível em <https://www.gazetaesportiva.com/todas-as-noticias/voz-do-ufc-bruce-buffer-fala-sobre-experiencia-inesquecivel-no-rio/>, acessado em 9 setembro de 2019.

²² Sistema de entretenimento (campeonato de lutas e futebol, filmes e shows) no qual os usuários compram a programação desejada e que é vista por todos em um único momento (Grespan, 2014, 2015).

²³ *Reality show* criado em 2005 que apresenta os seus lutadores no início da carreira, seus treinamentos e disciplinarização às regras (Grespan, 2014, 2015).

²⁴ Ofensas trocadas entre os/as atletas desde o anúncio até a realização do combate. É uma mercadológica utilizada pelos/as lutadores/as para conseguirem a "*the Money fight*", luta mais valiosa da noite (Jardim, 2018; Salvini, Marchi Junior, 2016).

não sei até que ponto estejam ligadas ao aspecto desportivo [...] (G2/M1/Italiana).

[...] no caso do MMA eu acho que aquilo ali vive mais do espetáculo do que propriamente da luta, do foco que eles dão fora da luta, da quantidade de entrevistas pré-combate que eles fazem, do midiatismo todo que criam a volta do combate e depois resume-se em uma pessoa batendo na outra. Eu acho que as pessoas gostam mais do espetáculo em si, do midiatismo e daquela rivalidade (G2/H2/Brasileiro).

Eu confesso que tem sim o lado midiático, do espetáculo, talvez mais exagerado do que em outros esportes [...] (G1/H1/Português)

[...] por mais que seja um esporte espetacularizado, ele requer muito preparo físico (G2/H1/Brasileiro).

[...] tem que treinar muito. Esses corpos musculosos são muito bem preparados, muito bem treinados (G1/M2/Brasileira).

Não obstante houvesse o reconhecimento de estratégias de marketing sustentadas na espetacularização, que de certa forma, exerceu influência nos olhares sobre a associação do MMA e esporte, elas não excluem a percepção da necessidade de um elevado preparo físico dos/das atletas. Embora reconheçam tal importância, há nas falas uma percepção de que "todos os esportes de alto rendimento trazem malefícios" (G1/H3/Brasileiro) e que "essa galera (lutadores/lutadoras) é pouco saudável" (G1/M1/Brasileira). Esta última fala reflete a compreensão de que os esportes de combate geram

mais danos a saúde do que os demais e, quando este se refere ao MMA, seus treinamentos e combates, o que é visível torna elemento demarcador para edificar compreensões acerca das consequências de sua prática para a saúde dos/das atletas.

Esse esporte é a base de porrada (G1/H1/Português).

De fato, é mal para a saúde não só a longo prazo como a curto prazo, não só as lesões do cérebro como as lesões que surgem após os combates e os treinos intensivos (G1/M2/Brasileira).

É um esporte que desgasta muito o atleta [...] são treinos, dieta muito rigorosa [...] a gente vê muita lesão, muito machucado, um desgaste da musculatura (G2/M2/Portuguesa).

Por ser uma arte marcial é mais suscetível de haver mais ferimentos e mais lesões (G3/H2/Espanhol).

Eu acho que todos os esportes sujeitam a pessoa a ter alguma lesão. Nesse é mais na cabeça, em outros é mais nas pernas (G4/M1/Portuguesa).

As falas dos/das estudantes demonstram que aqueles esportes que possuem um maior contato físico são os que se enquadram entre os mais nocivos à saúde dos/das atletas. A associação do MMA a violência põe em questionamento os valores que permeiam a sua prática esportiva quando em comparação com as demais. Assim, ao desconhecerem ou, não conseguirem visualizar possíveis valores que esse esporte de contato tenha, grande parte dos/das estudantes negam que ele

apresente, de alguma forma, benefícios aos seus/suas atletas e/ou espectadores/as.

[...] não sei se pode falar em valores, mas nos desportos de equipa há ajuda, lealdade e aqui não se vê isso [...] acho realmente atletas aparentemente incríveis e com uma preparação excepcional [...] por outro lado aquilo que leva as pessoas a se aproximarem dessa disciplina provavelmente não são coisas certas, não consigo ver naquilo os verdadeiros valores do desporto (G2/M1/Italiana).

Em contrapartida houve aqueles/as que defenderam:

[...] existem lutadores e lutadoras que são famosos, conhecidos e muitos deles tratam como estilo de vida o esporte. Muitos têm academias para pessoas carentes, e eles ajudam uns aos outros. Pode parecer estranho e achar que não ao vermos uma pessoa batendo na outra, pode parecer estranho para a gente que não participa (G2/H1/Brasileiro).

Tem muitos lutadores que tem academia e que levam esse tipo de esporte por regiões carentes, entendeu? [...] eles tiram as crianças da rua, por trás desse esporte tão agressivo tem sim o espírito desportivo, sabe? (G1/M2/Brasileira)

Os argumentos apresentados acima foram feitos por seus/suas colegas, mas não foram suficientemente consistentes e capazes de desconstruir a negatividade que a estudante G2/M1 apreendeu da prática do MMA. Os discursos proferidos pelos/as colegas tentaram clarificar que aquela luta ali apresentada

também traz em sua essência aspectos positivos. Pensar o MMA somente como uma prática negativa é impedir que seus sentidos e significados positivos mantenham-se presos a olhares generalizadores de uma prática agressiva. E, diante dos argumentos apresentados a estudante G2/M1 segue com suas inquietações:

Será que o mesmo espírito de quem faz desporto é o de quem assiste? Os mesmos valores são partilhados? Se calhar, quem vê de fora não vai ter as definições certas e, de fato aquilo que vemos lá são poucos segundos de muito sangue e muita agressividade e, não deixa de ser uma mensagem que se passa [...] (G2/M1/Italiana).

Foram vários os argumentos evocados pelos/as participantes para tentar desconstruir o impacto negativo que o primeiro contato com o MMA causou. Proferir discursos voltados à capacidade que o MMA tem de juntar todas as modalidades de artes marciais em um único esporte de combate é, por si só, apresentado como condição significativamente positiva por ser capaz de englobar os valores presentes em cada uma delas. E, somada à permissão e presença da lutadora profissional, ambos se tornam argumentos edificadores de valores positivos no MMA.

Eu acho que falar do MMA é abordar outros esportes de artes marciais. O MMA é uma junção deles, então tem também os valores das outras modalidades. Mas talvez o MMA veio a ser mais agressivo e veio criando regras para se tornar menos perigoso, digamos assim. Aí dentro dessas criações de novas regras as mulheres foram entrando e ganhando espaço. E isso mostra que

elas são capazes de desempenhar o mais alto nível do esporte (G2/H1/Brasileiro).

[...] se há o masculino, há também o feminino. Aqui (no MMA) também há esse direito e é completamente normal, pelo menos eu penso assim (G1/M3/Portuguesa).

[...] a história diz-nos que o homem esteve mais associado a trabalhos físicos, de luta, de caça, e pronto. Mas com treino, vontade e talento qualquer mulher consegue lutar. Vemos nos outros desportos as mulheres também serem competentes e até melhores que os homens, no MMA também é possível (G3/H2/Espanhol).

[...] eu acho que antigamente ainda tinha um pouco dessa rixa da mulher ser fraca e não conseguir competir, e eu acho que agora, com o passar dos anos, as mulheres estão vindo com muita força e quebrando todos esses paradigmas de que a mulher é fraca e não consegue lutar (G2/M2/Portuguesa).

Eu acho até normal, mais normal do que nos outros esportes. É porque eu acho que o UFC feminino é mais visto do que outros esportes femininos, quer dizer, pelo menos no Brasil é assim [...], mas o futebol por muitos anos ser só o masculino, o feminino não se desenvolveu e tem essa dificuldade tanto de publicidade, de visualização, de gente praticando e tudo. Já o MMA é um esporte mais moderno, surgiu em um tempo que todo mundo busca a igualdade de gênero e isso facilitou um pouco para que tenha prestígio (G4/H2/Brasileiro).

Das falas acima é possível apreender que a participação das mulheres em esportes de luta e/ou combate é válida e representa mais um espaço de conquista. Embora tenuamente evidenciem que a sua essência é composta por força, coragem e virilidade, mas sugere-se que esses são atributos também existentes nas mulheres e que com bastante dedicação e treino elas são capazes de descortinar suas potencialidades e alçar novos espaços. Mas embora muitos visualizem tais conquistas, outros ainda se mantêm resistentes em olhar para o octógono como mais um espaço da mulher atleta.

É um bocado chocante ver uma mulher nessa luta
(G3/H1/Português).

[...] ver uma mulher cheia de sangue a levar
socos na cara não é assim tão fácil de ver
(G4/H1/Português).

Há, dentro de tais discursos, a incorporação e veiculação de um ser homem e um ser mulher reiterados naquilo que é cultural, a eles a força e a coragem, a elas a fragilidade e a delicadeza. Quando apresentadas algumas imagens de lutadoras dentro e fora do octógono os/as estudantes tecem comentários que, embasados na aparência corporal, legitimam as suas capacidades enquanto lutadoras e a permanência de ser sexuado.

[...] a Cyborg é uma lutadora brasileira, a Ronda
que foi mostrada antes é uma mulher totalmente
o oposto. Você vê Ronda na rua nem imagina que
ela seja uma lutadora, ela não tem a aparência
agressiva né (G2/H1/Brasileiro).

Eu tenho medo dela (G2/M2/Portuguesa).

Da Ronda? Ah, ela é super bonita. Enfim, essa diferença das duas mostra que qualquer tipo de mulher pode lutar (G2/H1/Brasileiro).

Acho que a Ronda Rousey não parece a mesma pessoa. Opá, fora ela é muito bonita e não parecia a mesma pessoa. Mas a outra sim (referência a Cris Cyborg) (G2/H2/Brasileiro).

Dentro elas transmitem raiva, força. Na outra imagem já estão mais calmas, serenas. Nem as reconheceria se as visse num e depois no outro (G1/M3/Portuguesa).

Fora do octógono é normalmente como a mulher é vista, dão ênfase a traços de beleza. Dentro do octógono é performance porque é esporte e é o que importa (G3/H2/Espanhol).

As falas refletem que os corpos femininos são culturalmente lidos para serem belos, sensuais e passivos. Aquelas que rompem com tal associação passam a serem vistas como corpos masculinizados, demarcados por uma transgressão do que se queira naturalizar como essencialmente feminino. O fato é que as lutadoras fazem emergir diversas possibilidades de vivenciar suas feminilidades, aqui também demarcadas pela força e pela coragem. Apresentando-se como belas ou não há quem associe essa inserção e construção da lutadora a uma espetacularização e consumo do esporte. Corpos femininos que demarcados não apenas por suas habilidades técnicas, mas sobretudo, por suas belezas colocam em evidência não apenas

o esporte, mas a multiplicidade de feminilidades que são capazes de percorrer.

Eu vejo como comercial, algo muito vendido no UFC. Por ser algo tão grandioso em termos de dinheiro eu vejo assim, elas fora são uma pessoa e dentro são outra. Elas mudam radicalmente de acordo com a luta (G1/H2/Português).

As atletas parecem muito treinadas também para oferecerem o espetáculo [...] o teatro, a própria atitude corporal, as tatuagens [...] parece existir um código, uma linguagem e é aquilo que tem que passar [...] se calhar há um certo público que provavelmente tem algum prazer ao ver duas mulheres lá a dar porrada uma na outra [...] em termos de espetáculo, quem vai ver os homens e quem vai ver as mulheres, vai sempre por motivações que, se calhar, não são as mesmas (G2/M1Italiana).

Os esportes de luta e/ou combates ainda são classificados como uma prática masculina que, ao exigirem das atletas força e coragem, acabam colocando em questionamento sua feminilidade normalizada. Aquelas que trazem em si um corpo lido como masculino têm a sua permanência aceita e visivelmente justificada nesses esportes, mas em contrapartida a sua generificação passa a ser inquirida. A fala da estudante G2/M1 foi bastante enfática ao reportar essa questão da sensualidade e sexualidade dos corpos femininos nos esportes. Mais do que serem vistos como tecnicamente habilidosas, elas precisam tornar o esporte atrativo e apresentarem corpos comedidoamente tonificados, que estejam duplamente preparados para o exercício da luta

ou da mulher capa de revista como palco de corpos erotizados e sensuais.

O próprio UFC tem uma necessidade de responder a sociedade que pede que ela seja bonita e sensual (G1/H3/Brasileiro).

É, tem que continuar sendo mulher (G1/M1/Portuguesa)

[...] há uma discussão em torno dos corpos, se são verdadeiramente femininos, se são masculinos. Para uns não deixa de ser diferentemente femininos, para outros já não. Não sei (G2/M1/Italiana).

Para a força que mostram ter... acho que fizeram uso de testosterona (G4/H1/Português)

As falas demonstram que as lutadoras transgridem o que convencionalmente foi atribuído aos seus corpos e comportamentos. Se forem bonitas e sensuais os seus corpos tornam-se um dos pilares de argumentação para sua presença e difusão do MMA feminino. Se forem lidos como masculinos, elas enfrentam preconceitos, mas também criam formas de inserção e permanência no esporte ao exibirem, sobretudo, as habilidades de seus corpos.

DISCUSSÃO

Os resultados da análise qualitativa dos dados nos sugerem diálogos que permeiam o MMA como uma modalidade em construção e que suscita questionamentos acerca da sua concepção enquanto esporte, seu processo de espetacularização, os

impactos na saúde e a inserção da mulher atleta. O fato de reunir e promover disputas entre diferentes artes marciais, com o objetivo de comprovar a superioridade de uma modalidade dentre as demais (Awi, 2012; Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Lise, 2018; Salvini, 2014), coloca em dúvida a relevância da sua prática ao ser associada a uma espetacularização.

O esporte enquanto fenômeno social e cultural, cria formas de olhar, consciência e consistência acerca do que nos é visível e experiencial. Para tanto, faz-se necessário compreender que o esporte e os valores que a ele estão arraigados são edificados ao longo dos tempos, modificam-se através dos processos históricos, sociais e culturais. E assim o MMA fez. Ao ser projetado apropriou-se do *slogan there are no rules* como principal propaganda difusora de seus eventos. Um combate que emergia demarcado como diferente diante do notório boxe e *pro-wrestling*, este caracterizado por uma disputa com movimentos coreografados (Awi, 2012; Lise, 2018).

De certa maneira foi essa construção discursiva que fez com que o MMA se propagasse e ganhasse adeptos, mas também olhares hostis. O seu processo de institucionalização deu-se, praticamente, através da necessidade de manter-se vivo na sociedade. Era necessário adotar regras e sancioná-las, encontrar um equilíbrio entre entretenimento, negócio e esporte (Awi, 2012; Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Lise, 2018; Salvini, 2014). Mas será que isso foi possível? Embora reconheçam a existência de regras semelhantes aos demais esportes modernos, a visualização de um combate mais intenso inquietou alguns/algumas dos/das estudantes quanto a associação do MMA a uma prática esportiva.

Conceituar o MMA como um esporte tem relação com a cultura, com a variedade de representações que ele nos possibilita e

oferece a partir das nossas experiências e relações sociais (Woodward, 1997). Os discursos dos/das estudantes fazem alusão aos níveis de agressividade presentes nos combates. As menções à hostilidade eram decorrentes das expressões dos rostos das atletas, até mesmo em momentos antecedentes aos combates como na hora da pesagem. Estas construções discursivas de estudantes encontram-se engendradas no imaginário agressivo das lutas, mas decorrem também das experiências de vida de cada um/uma.

Os discursos apresentados pelos/las estudantes demonstram que a "violência é, antes de tudo, de natureza 'subjética', um 'sentimento', uma maneira de 'ter experiência' do mundo exterior, de ser ou e se sentir exposto a ele" (Martucceli, 1999, p.159). É esse mesmo olhar subjetivo que vai influenciar na percepção dos valores presentes nos esportes. A cultura que forma o ser humano exerce influência na maneira como vemos o mundo. Pessoas de culturas diferentes apresentam visões desconectadas das coisas. É nossa herança cultural (Laraia, 2001).

Nesse sentido, nos discursos de alguns/algumas estudantes é visível um distanciamento ou até mesmo uma negação de que o MMA carrega em si princípios morais. Tal descredito alicerça-se na análise interpessoal dos níveis de violência presente nessa prática esportiva. Assim, mesmo os que compartilham de uma mesma cultura, a exemplo dos/das estudantes brasileiros/as, constroem discursos diferenciados sobre o MMA, que são fruto de um sistema de comunicação que permite a transmissão e o acúmulo de experiências.

Quando colocam em questionamento que os valores de quem pratica o desporto possivelmente são diferentes dos que assistem, acabam por fazer uma alusão ao fato de que presenciar atos considerados agressivos ajuda a difundir a agressividade e que, portanto, os esportes de combate não

teriam nada de positivo a transmitir. Vale ressaltar que até então não foi registrada nenhuma forma de agressão entre os adeptos do MMA. É essencial reconhecer que a violência entre espectadores/espectadoras e/ou torcidas é de origem macro dentro do contexto social, pelo que pode acontecer dentro do esporte, mas não é intrínseca a ele (Murad, 2013).

Compreender o MMA apenas como uma prática brutal e agressiva a todos os envolvidos, nos conduz a uma concepção que extrapola o processo de legalização e construção de suas regras que, são por si só, fatores delimitadores da violência. A possibilidade de visualização de pontos positivos no MMA só é possível com um distanciamento da sua própria cultura, para que esta não seja utilizada para tecer critérios sobre o novo que se apresenta (Laraia, 2001).

Elias e Dunning (1986) ressaltam que as regras e as normas governam o comportamento humano e que isso é uma manifestação do impulso civilizador da sociedade ao atestarem um modelo de comportamento a ser seguido. Nesse sentido, ao obedecerem às regras do MMA os/as lutadores/as partem do princípio que assumem uma postura civilizadora e demarcadora da violência, a sua transgressão sim, reflete situações de brutalidade.

Ainda que o MMA traga em suas especificidades a exigência de um maior contato físico e, portanto, uma maior probabilidade de incidência de lesões, isso não foi levado em consideração pelos/as estudantes ao serem questionados/as acerca da sua prática e os impactos na saúde. Embora alguns/algumas reconhecessem que os esportes de alto rendimento são, de alguma maneira, prejudiciais à saúde do/a atleta, a visualização de combates do MMA foi, por si só, embasamento suficiente para que os/as estudantes lhe atribuíssem o maior número de lesões esportivas, tendo como critério comparativo o boxe. Vale ressaltar que alguns estudos (Bledsoe et al, 2006; Lockwod et al, 2018; Lystad, Gregory & Wilson, 2014)

analisaram a incidência de lesões no MMA colocando em comparação com outros esportes de contato. Segundo alguns desses estudos, quando equiparado ao boxe, o MMA tem menor quantidade de lesões repetitivas na cabeça, uma vez que nessa modalidade há a oportunidade de atacar com trava de braço e pernas. Em contrapartida, outro estudo (Hutchison et al, 2014) analisou a incidência de traumatismo crânio encefálico (TCEs) no MMA em comparação com outros esportes de contato, constatando que no MMA o número de lesões é maior do que os relatados no boxe e em outras artes marciais. Por ser um esporte recente, ainda são poucos os estudos realizados com o MMA e que apresentem resultados mais consistentes. E, embora constituam pesquisas relevantes, faz-se necessário ressaltar que a escassez de dados de alta qualidade dificulta a realização de estudos comparativos e de incidência de lesões sofridas no MMA em relação a outros esportes de contato (Bledsoe et al, 2006).

Por ser um esporte que exige, para além das habilidades técnicas, a força, coragem, a virilidade e a resistência à dor, alguns/algumas estudantes repudiaram a presença de lutadoras nesses espaços e, embora reconheçam que elas são capazes de tornarem-se grandes atletas de MMA, ver uma mulher agredindo e outra apanhando é algo um tanto chocante de ser presenciado. A agressividade sobre as mulheres, mesmo que no contexto esportivo e delimitado por regras, é um ato considerado indesejável e particularmente violento. A ideia que uma mulher pode ferir e ser ferida por alguém viola a concepção de um corpo feminino civilizado e retrata a luta como algo ainda mais repugnante quando praticado por elas (Mierzwinski, Velija & Malcolm, 2014).

O avanço da mulher no mundo do esporte é um fenômeno que é presenciado e reconhecido na generalidade, mas dependendo do esporte que pratica ainda é passível de questionamento e/ou

rejeição (Adelman, 2006; Mourão, 2000). É interessante a fala de um estudante ao informar que, pelo menos no Brasil, o MMA feminino é mais visto do que o futebol feminino. Tal percepção torna-se significativa por apresentar uma análise que, de certa maneira, nos leva a refletir sobre dois problemas fundamentais enfrentados pelas mulheres ao inserirem-se no contexto dos esportes de combate: o primeiro relativo à pouca cobertura da mídia e o segundo é que quando midiaticamente visíveis as atletas sujeitam-se a um juízo sustentado por um discurso heteronormativo e questionador das suas feminilidades (Jakubowska, Channon & Matthews, 2016).

Analisar essa questão da visibilidade do MMA nos remete aos discursos construídos pelos/as estudantes em torno da sua espetacularização. Grespan (2014) argumenta que o conceito que construímos acerca do MMA e os valores que lhe atribuímos vai depender da forma como o percebemos: esporte, espetáculo ou show de brutalidades. O fato é que a contratação de lutadoras pelo presidente do UFC, Dana White, foi vista como algo rentável ao englobar em um único combate beleza e habilidades técnicas (Grespan 2014, 2015; Jardim, 2018; Salvini, 2014). A otimização dos treinamentos intensificada pela projeção das imagens das atletas nas mais diversas estratégias de marketing projetaram corpos que fossem, sobretudo, atraentes ao público. A elas é outorgado o acesso à prática de MMA, mas as estratégias de controle sobre seus corpos permanecem ao longo dos tempos sob diferentes formas e discursos (Goellner, 2000).

Quando apresentadas imagens das mulheres atletas dentro e fora do octógono, foi possível apreender dos discursos dos/das estudantes que aquelas que apresentavam esteticamente uma feminilidade normalizada não pareciam lutadoras. Tal percepção perpassa pela compreensão que o

modelo hegemônico de feminilidade, imbuído de delicadeza e fragilidade, impunha-se como normas que delimita os espaços e práticas socialmente aceitas às mulheres. E, aquelas arquiteturas corporais produzidas pelo treinamento intenso e contínuo, borram a aparência do que é considerada uma feminilidade normalizada (Goellner, 2016, 2007; Mourão, 2000). Tendo em vista que o esporte está em constante processo de transformação, tudo que a ele é inerente desacomoda, promove resistências, gera tensões, possibilita conquistas e constrói feminilidades legitimamente fortes e corajosas, embora as estratégias de vigilância sobre os corpos e a ordem de gênero se transformem e se associem a práticas empoderadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados do estudo, pode-se perceber que a compreensão do MMA enquanto esporte envolve um caráter subjetivo da suposta violência presente nos confrontos, sendo importante considerar os discursos dos/das participantes relativos às experiências e à herança cultural de cada estudante.

Por ter surgido recentemente e ainda encontrar-se em processo de expansão, alguns/algumas estudantes estabeleceram um contato inicial com a modalidade no decorrer dos grupos focais. A apresentação dos combates e a estruturação do MMA, definido como uma junção de diferentes artes marciais, soou como espetáculo e brutalidade. Tal percepção foi o marco crucial para a desassociação do MMA enquanto prática esportiva, mesmo reconhecendo que sua estrutura contém elementos comuns aos esportes modernos: regras institucionalizadas, oponentes, igualdade nas disputas, premiação, público, dentre outros.

A apropriação do MMA enquanto prática agressiva foi um fator estruturador dos discursos de muitos/muitas estudantes que colocaram em questionamento a existência de valores existentes em sua prática. Nesse momento os posicionamentos foram divergentes e os/as estudantes brasileiros/as ressaltaram o trabalho social que alguns lutadores/as fazem no seu país.

Os discursos centrados na questão da agressividade do MMA também estiveram bem presentes quando o tema era acerca da prática e impactos na saúde dos/das atletas. O que era visível nos combates serviu como parâmetro de análise para esse tópico, ao estabelecer compreensões vinculadas a outros esportes de contato, a exemplo do boxe. Os movimentos, golpes, nocautes, atitudes dos/das lutadores/lutadoras serviram como pontos de análise para compreender o MMA como um esporte dos mais nocivos à saúde, tanto a curto quanto a longo prazo. Alguns estudos já iniciaram essa empreitada científica sendo necessária mais investigação para que se possa afirmar tal correlação.

Por fim, quando indagados/as acerca da presença das mulheres atletas no MMA os/as estudantes ressaltaram a importância e valorização das mulheres em ocupar mais espaços dentro do contexto esportivo. Contudo, alguns/mas estudantes reiteraram que a agressividade dos combates no MMA os/as mantém resistentes em assistir uma luta feminina, parecendo ser-lhes difícil presenciar uma mulher agredindo e outra apanhando. A construção de tais discursos ainda se encontra alicerçada na feminilidade normatizada, na perspectiva essencialista biológica que atribui aos corpos das mulheres uma maior fragilidade e uma menor força, na negligência da multiplicidade e potencialidade dos corpos femininos.

Ao vivenciarem seus corpos e as possibilidades de transitar em diferentes espaços e tempos, as lutadoras apontam para

distintas formas de ser e sentir suas feminilidades. Assim, as suas imagens enunciam uma multiplicidade de corpos. Algumas lutadoras encontram-se mais próximas da promulgada feminilidade normalizada, outras rompem tais limitações e todas, de uma forma ou de outra, ousaram atravessar as fronteiras dos binarismos de gênero pelo simples fato de tornarem-se atletas de MMA.

REFERÊNCIAS

- Adelman, M. (2006). Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. *Movimento*, 12(1), pp.11-29.
- Awil, F. (2012). *Filho teu não foge à luta*. Editora Intrínseca.
- Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 225 p. 2004.
- Bledsoe, G. H., Hsu, E. B., Grabowski, J. G., Brill, J. D., & Li, G. (2006). Incidence of injury in professional mixed martial arts competitions. *Journal of sports science & medicine*, 5(CSSI), 136.
- Butler, J. (1999). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Camargo, W. X., & Kessler, C. S. (2017). Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. *Horizontes Antropológicos*(47), pp. 191-225.
- Elias, N., & Dunning, E. (1986). An essay on sport and violence. In: Norbert Elias e Eric Dunning. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*. Oxford: Basil Blackwell, pp. 150-173.

- Foucault, M. (2009). *Ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª edição. São Paulo: Edições Loyola.
- Goellner, S. V. (1999). *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*.
- Goellner, S. V. (2000). A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. *Movimento*. Porto Alegre. Vol. 7, n. 13, (2000), pp. 61-70.
- Goellner, S. V. (2003). *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Editora Unijuí.
- Goellner, S. V. (2004). Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história genereficada. In: SIMÕES, A. C. ; KNIJNIK, J. D . O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, pp.35973.
- Goellner, S. V. (2007). Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*. Vol. 13, n. 2, pp. 171-196.
- Goellner, S. V. (2016). Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. *Revista USP*, (108), 29-38.
- Grespan, C. L. (2012). Mulheres no octógono: representações midiáticas do discurso da heteronormatividade. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* (Anais Eletrônicos), Florianópolis - Santa Catarina, Brasil.
- Grespan, C. L. (2014). *Mulheres no octógono: performatividades de corpos e sexualidades*. Dissertação (Mestrado em ciências do movimento humano). Escola de Educação Física - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre).

- Grespan, C. L. (2015). *Mulheres no Octógono: Performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades*. Appris Ed. 1 ed. Curitiba Brasil.
- Guimarães, F. C., (2014). *Práticas sociais do consumo pelo êxtase: artes marciais mistas, masculinidades e o novo esporte-entretenimento*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Maceio/BR.
- Hutchison, M. G., Lawrence, D. W., Cusimano, M. D., & Schweizer, T. A. (2014). Head trauma in mixed martial arts. *The American journal of sports medicine*, 42(6), pp. 1352-1358.
- Jakubowska, H., Channon, A., & Matthews, C. R. (2016). Gender, media, and mixed martial arts in Poland: The case of Joanna Jędrzejczyk. *Journal of Sport and Social Issues*, 40(5), pp. 410-431.
- Jardim, J. G. (2018). *"it's time"! mma feminino, mercado da beleza e cis-heteronormatividade: uma etnografia multissituada com lutadoras brasileiras*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, são paulo.
- Kitzinger, J. & Barbour, R.S. (1999) Introduction: The challenge and promise of focus groups. In R.S. Barbour and J. Kitzinger (eds), *Developing Focus Group Research: Politics, Theory and Practice*. London: Sage, pp. 1-20.
- Laraia, R. de B., (2001). *Cultura: um conceito antropológico* 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed.
- Lise, R. S. (2018). *Cerceamentos, coerções e esportividade no Ultimate Fighting Championship (UFC)*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Setor de

- Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Curitiba, 2018.
- Lockwood, J., Frappe, L., Lin, S., & Ackery, A. (2018). Traumatic brain injuries in mixed martial arts: A systematic review. *Trauma*, 20(4), pp. 245-254.
- Louro, G. L. (2018). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. São Paulo: Autêntica.
- Lystad, R. P., Gregory, K., & Wilson, J. (2014). The epidemiology of injuries in mixed martial arts: a systematic review and meta-analysis. *Orthopaedic Journal of Sports Medicine*, 2(1).
- Martuccelli, D. (1999). Reflexões sobre a violência na condição moderna. *Tempo social*, 11(1), pp. 157-175.
- Mierzwinski, M., Velija, P., & Malcolm, D. (2014). Women's experiences in the mixed martial arts: A quest for excitement? *Sociology of Sport Journal*, 31(1), pp. 66-84.
- Mourão, L. (2000). Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento*, 7(13), pp. 5-18.
- Murad, M. (2013). Violências e mortes no futebol brasileiro: Reflexões, investigações, proposições. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 13(1).
- Salvini, L. (2014). A luta como "ofício do corpo": entre a delimitação do subcampo e a constituição do habitus do Mixed Martial Arts em mulheres lutadoras. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Curitiba, Paraná.
- Seungmo, K., Greenwell, T. C., Andrew, D. P., Lee, J., & Mahony, D. F. (2008). An analysis of spectator motives in an individual combat sport: A study of mixed martial arts fans. *Sport Marketing Quarterly*, 17(2), 109.

Silva, P. (2007). *A construção/estruturação do gênero na educação física*. Porto: FD/UP.

Silveira, V. T., & Vaz, A. F. (2016). Corpo feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36.

Woodward, K. (1997). *Identity and difference* (Vol. 3): Sage.

Financiamento: CIAFEL, FCT/UID/DTP/00617/2019

ESTUDO 3

Women athletes of MMA: the triad body-power-spectacle

Grasiela Silva

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Centro de Investigação em Actividade Física, Saúde e Lazer
(CIAFEL)

Angelita Jaeger

Universidade Federal de Santa Maria / RS - BR

Paula Silva

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Centro de Investigação em Actividade Física, Saúde e Lazer
(CIAFEL)

ABSTRACT

Sport is one of the most expressive phenomena of modernity. It shows itself mainly through bodies and their experience. Women athletes' inclusion into MMA aimed the financial gain and the introduction of technical skills and beauty. This study identifies and analyses the connections between MMA female athletes and their bodies from two key elements, power and spectacle. Data collection was conducted on A Dama de Ferro, MMA Space and UFC Brasil sites. We used the QSRNvivo 12 software as a collaborative tool in the category construction: Erotization of bodies in MMA; Plural femininities; The empowerment of MMA athletes. We verified that fighters' bodies were eroticized in MMA, but also, they transgressed the norms, thus empowering themselves and enabling a multiplicity of directions that femininities are able to go through.

KEYWORDS: Mixed Martial Arts; Body; Power; Spectacle; Empowerment.

RESUMO

O esporte é um dos fenômenos mais expressivos da modernidade, presentificando-se nos corpos e suas experiências. A inserção de mulheres atletas no MMA foi entendida como oportunidade financeira, habilidades técnicas e beleza. O estudo identifica e analisa as imbricações entre atletas de MMA e seus corpos a partir de dois elementos chave, poder e espetáculo. A coleta de dados foi realizada nos sites A Dama de Ferro, MMA Space e UFC Brasil. Utilizamos o software QSRNvivo 12 como ferramenta colaborativa na categorização: Erotização de corpos no MMA; Feminilidades plurais; O

empoderamento das atletas de MMA. Constatamos que os corpos das lutadoras foram erotizados no MMA, mas transgrediram normas, fortalecendo-se e possibilitando uma multiplicidade de direções pelas quais as feminilidades são capazes de passar.

PALAVRAS-CHAVE: artes marciais mistas; corpo; poder; espetáculo; empoderamento.

INTRODUCTION

Currently, sport is one of the most significant phenomena of modernity. Its expansion, associated with its influence on the whole society, is in the diversity of body practices, but, above all, in the different ways of experiencing and feeling the body. Hence, we can identify it as a relevant field of investigation by stimulating looks and disputes about body meanings, masculinities and femininities (Grespan, 2015; McClearen, 2015; Sailors & Weaving, 2017). As a cultural expression, it operates as a kind of mirror, capable of reflecting societal changes and among them the gradual presence of women, especially in combat sports, such as Mixed Martial Arts (MMA). However, sport assumes itself as a possible emancipation space by enabling to visualize a horizon in which biological determinism and the binary conceptions of being man and being woman are not determining factors of the current social norms. The inclusion of female athletes into MMA was seen by Dana White²⁵ (UFC – Ultimate Fighting Championship – president) as an opportunity for financial gain by introducing technical skills and beauty

²⁵ Although athletes have gained greater visibility within MMA from their UFC insertion, it is noteworthy that they had already fought in this type of events since 1996 (Grespan, 2014).

into a single fight and incorporate in the show another strategy of insertion of feminized images in sport (Jakubowska, Channon & Matthews, 2016; Weaving, 2014). Thus, it were not only the skills demonstrated by Ronda Rousey as a judoka that guaranteed her a signed contract with the UFC and the possibility of making history in MMA as the first woman to participate in this great event.

MMA was designed and has promoted itself from both the spectacularization of masculine bodies and from socially constructed attributes as belonging to men - strength, courage and virility. The inclusion of female athletes into hegemonic masculine sports poses a challenge to gender norms, a demand for new space, a (re)construction of discourses and, hence, they will arrange and disarrange their places and their ways of being themselves and their place in the world (Louro, 1997). Sport is a breeding ground for the reproduction of normative representations of femininities and masculinities, but also for the production of new gender configurations. The insertion, the will to be there and the permanence of fighters in MMA seem to be influenced by the peculiar bodies and their gestures. Simultaneously, these bodies promote a disorder in a binary and normative order of women and man in these sport practices (Fernandes et al., 2015).

Although sport has its own potential, its relationship with the media has emerged as a strategy of expansion and social visibility, attracting more and more practitioners and spectators, and increasing its importance at the political, social and economic levels (Betti, 2001). The use of media was an effective plan for its propagation, arising feelings of esteem and rejection of those who from then on came to know it (Jardim, 2018). It was through the pay-per-view and the slogan "there are no rules" that MMA took the first steps

towards spectacularization. After going through a period of prohibition²⁶ when was regarded as a spectacle of brutalities, the creation and respect for rules enabled it to walk a new path (Awi, 2012). The process of sportivisation started growing and removed from the arena the blows considered violent, establishing a civilizing law-abiding and self-discipline, reaching to a balance between the excitement of practice and the control imposed by the rules (Elias & Dunning, 1986).

Body is a biopolitical reality (Foucault, 1979) and becomes fetishized in the society of spectacle (Debord, 2003). In MMA the octagon presents itself not only as a space where fights take place, but also as a fertile territory for the production of performativity and sexuality of female bodies (Grespan, 2014, 2015). Power relations established in the context of MMA feed themselves with the construction of the show, athletes' bodies undergo different control strategies under different mechanisms and discourses, but also resist, they walk the boundaries and reinvent themselves by empowering themselves. Foucault (1979) sustains that power has an emancipatory potential, but in the society of spectacle this emancipation is relative, since one has no absolute control of the collective construction of the social organization. Thus, athletes' bodies incorporate singular entities endowed with potentialities that, if at times they reproduce and abide one social order, sometimes they break barriers of what one wants to implement as feminine. Sport, as a social institution, labels the truth about bodies and demarcates the places that men and women must occupy by

²⁶ Since 1932 fights began to be prohibited in Rio de Janeiro, returning only in 1980 when Jiu Jitsu began to lose space for other modalities. In the 1990s the United States banned disputes in 36 states. A new event happening and broadcasting permission was only possible with the creation and sanction of the rules by the state athletic commissions (Awi, 2012).

exercising a disciplinary power in the construction and maintenance of social norms. Through discipline sport socially regulates bodies and behaviours. Louro (2018, p. 82) states that "The regulatory norms turn to the bodies to indicate limits of sanity, legitimacy, morality or coherence".

MMA athletes' bodies are at the service of the sporting spectacle that, under the spotlights, are asked to exhibit symbols of a feminine pattern, in dress code, nail colour and haircare. The discourse of a heteronormative femininity exerts a power of control and manipulation over the bodies in the attempt to shape them according to a female body ideal (Silveira & Vaz, 2014).

Body has a central place in MMA and becomes visible, measured and comparable. This body lives, desires, acts, resists, but also lets itself be penetrated by social norms. It is the main character in the sporting spectacle and the guiding element of this study that starts from questions such as: which body / femininity reading can be done in a hegemonic masculinized sport? How does the emergence of female participation in MMA produce power relations between athletes and MMA social context?

The present study deals with the possibilities of thinking, understand and studying bodies from two key elements, power and spectacle. The triad body - power - spectacle allows us to perceive the place that female athletes occupy within MMA. They are athletic bodies that adjust themselves and resist to the relations of power that spread through that territory. Therefore, they create fissures and provoke tensions between the singularities and the exacerbated control of a femininity constructed in favour of spectacularization. "Power has penetrated the body, it is exposed in the body itself" (Foucault, 1979, p. 146), and in

MMA the body is the very root of the spectacle, broadcasted by the images delimited by the discourse and representation of a normalised femininity. The analysis of exclusive MMA website posts will allow access to the representations of women athletes' bodies. Hence, the study proposes to identify and analyse the connections existing between MMA female athletes and their bodies from two key elements, power and spectacle.

METHODOLOGY

We can look at the internet as a virtual and horizontal world. Everyone has access to information and, through fast communication, the web builds and gives speeches about everything. Considering this interactivity and recognizing that media play a fundamental role in the diffusion of MMA in real time, we defined as our research field sites and their posts, resulting from a filter in the Google Internet search engine from the expression MMA Feminine. The following inclusion criteria were considered:

- Sites / pages in Portuguese language and with exclusive content about MMA;
- Sites of institutions promoting only MMA fights
- Sites that contain identified posts.
- Sites with posts whose central theme was the body of female MMA athletes.

Three sites²⁷ were considered for the present study: A Dama de Ferro, MMA Space and UFC Brasil.

²⁷ It is necessary to inform that we have contacted the managers of the three sites and obtained feedback only from the MMA Space. The other information has been taken from what is presented on the websites. Data were collected until July 2018, with the exception of the MMA Space, whose site was temporarily deactivated.

Dama de Ferro, funded in April 1, 2013, is the first and the only Brazilian site dedicated exclusively to women's MMA. It features tabs with access to news, interviews, videos, columnists and information on events such as WMMA, Invicta, UFC and TUF (The Ultimate Fighter) 20. Among the columnists are athletes and former MMA athletes or just sport lovers. UFC Brasil is a page within the site of the official UFC broadcast world, with all its programming dedicated to the martial arts with interviews and live fight broadcasting. This page enables to access tabs to event announcements and ticket sales, presentation of fighters, news, videos, *octagon girls* and signature for Combat (channel broadcasting fights). The *posts* in the news have been signed by the UFC Team, hence it is not possible to identify directly who wrote them.

MMA Space was created in December 7, 2011. Gina Carano was the first MMA female athlete post and generated 3 thousand visitors in the launching day, with the site counting on about half a million monthly views. It contained tabs to access news, videos, advertising and fight results.

Data collection began November 2012, the date when the discussions about the possibility of UFC hiring women to participate in fights started and finished July 2018.

The QSRNvivo 12 Pro software was used as an instrument for the organization and codification of content, texts and images and allowed to develop thematic analysis. Image analysis comprised the texts within images. Data were subjected to a content analysis (Bardin, 2004), with the theme as a unit of appreciation, specifically inductive, which was later treated through a process of interpretation. It is worth noting that in all data collection and analysis, from the moment words became written text, the gap between

the writer and the reader widened the possibility of reinterpretations (Hodder, 1994).

Text and image posts from the thematic analysis - women athletes' body - totalised 66 units, 43 of them in the site A Dama de Ferro, 14 in MMA Space and 09 in UFC Brasil.

PRESENTATION AND DISCUSSION OF RESULTS

Navigating MMA sites allowed us to collect important information, about the insertion of female athletes in a culturally masculinized sport and on the meanings, they have shown with their bodies and femininities. Of the three sites browsed, only one, A Dama de Ferro features an exclusive content on MMA female athlete. In the other sites, posts about women share space with the other topics, and although visibility is increasing every day, the number of posts related to MMA practiced by women is still lower when compared to men. This disparity may find a justification associated to the lower number of female categories, and to their recent insertion into sport.

In these almost six years it is possible to verify a decline in the number of posts associated to the physical representations of MMA women athletes (in 2013 we found 24 posts and in 2018 only 3). Possibly, such decline is associated with new ways of looking at these bodies, now also delimited by ruptures, discontinuation and displacements of the linearity sex, gender, sexuality and sports.

We turn our attention to the ways in which women athletes' fight and manage their bodies and describe ways of living femininities in this strongly masculinized territory that is MMA. Three categories have been here discussed and presented

from data analysis: Eroticization of bodies in MMA; Plural femininities; The empowerment²⁸ of MMA athletes.

Diving into the contents of the posts enabled us to follow female athletes' tracks, marked above all by stories of conquest and resistance. The discussion takes place amidst power relations and spectacularization, making appearances, producing speeches and provoking new paths for (re) thinking fighters' bodies.

The Erotization of bodies in MMA

Sport is an institution that has a central position in contemporary society. As a practice or consumption, its existence awakens curiosities, enlivens experiences and looks at the potentialities of athletic bodies that, being thin, bulky or defined, become the main protagonists of the sporting spectacle. Think about the representation of MMA female athletes' bodies is to be aware that they persist in breaking the barriers of what is permitted or not, going beyond this perseverance in producing the subjectivities that strengthen and give subjects voices through power. Power is not centralized. It manifests itself at different points of the social network through micro-powers, and all subjects can either exercise it and suffer their action (Foucault, 1979).

To engage in a culturally masculinized sport is to transgress what would be considered appropriate to women's behaviours and bodies. Foucault (2013) stated that one does not live in a neutral and white space, but in places coloured by different levels of power communication. This same power

²⁸ Batliwala (1994) conceptualizes empowerment as a process where ideologies and power relations are challenged as it causes ruptures and transformations upon oppressive forces.

that sometimes exerts control, also liberates and produces resistance. The lines point to this transitory process between the liberation of practice and the control over beauty:

It's a fine line to walk [...] my goal is to be respected first and foremost as an athlete. However, I see no problem for the woman to expose her beauty. Sensuality is good (A Dama de Ferro, Miesha Tate, fighter, 07/09/2013).

I wanted to show that you can be a fighter and still be feminine I hate the stereotype that women who struggle want to be equal to men. It's good to be able to be a beautiful, strong woman (A Dama de Ferro, Miesha Tate, fighter, 07/15/2013).

Ronda Rousey is a cultural phenomenon. She is the perfect combination of beauty, intelligence, physical strength and humility. (UFC Brasil, Mj Day, editor of Sports Illustrated Swimsuit magazine, 02/04/2016).

Inside or outside the octagon bodies are the main protagonists of this sporting spectacle. There is a relationship between the society of spectacle and a system of social control, and one of the strategies of this spectacle is to make the athletic bodies visible in such a way that the message they convey is broad and capable of attracting more and more fans. Therefore, MMA takes possession either of the possible violent blows and of the reality shows performed by the fighters but, above all, of their athletic bodies when spreading a representation of

beauty associated to sport. Among the mostly viewed posts on the UFC website, 10 refer to MMA athletes among the sexiest and hottest women in the world. Ronda Rousey also became the "inspiration" of rapper Eminem:

I have a Magic Johnson (male sexual organ, in slang). It's a magic wand that allows me to get excited with a blonde (MMA Space, 11/25/2014).

There is a relationship between athletic bodies and the offer of excitement as an attraction to spectators. Everything is transformed into a commodity (Debord, 2003), including female athletes' bodies. Female representations projected throughout the history of the sport reflect the way women are seen and if they were previously associated with motherhood (Goellner, 2003a), today they acquire erotic contours. They are forms of power that move in relationships, but follow the course of their investment (Foucault, 1979). A power mechanism that expands itself and reaches not only body forms but also their attitudes and speeches, and follows its course through a self-vigilance.

Many men still cannot see a woman as a fighter in the first place. Before they look at the body and the physical attributes (A Dama de Ferro, Fabíola Nishi, columnist, 08/21/2013).

I would love that most people admire me because of my fights (A Dama de Ferro, Felice Herrig, fighter, 21/08/2013).

These statements show that female athletes' bodies are under the others gaze, most of them worshiped due to a heteronormative beauty, control and manipulation of

femininity (Silveira; Vaz, 2014). The tone of their bodies starts to be used in favour of a certain order required by the training load and, if at times they have their femininity questioned, others they contribute to a self-affirmation of feeling feminine with their bodies. Inside the sports spectacle athletes' images are in the spotlight and all the looks turn to their erotic bodies. This representation shows the cover of a magazine where an athlete displays her naked white body, lightly toned, long hair, eyes and lips inspiring sensuality, breasts covered by arms positioned frontally and in the background a mixture of colours between blue and pink frame the image, whose modality is advertised only by the pink bandage surrounding her fists, where it reads in a black band: "built to fight"²⁹.

Thus, contrasting with the aggressiveness of fights, magazine covers are a harmonious layout emphasized by the corporeal curves at the service of the spectacle. The investments that produce the athletic bodies are in favour of a cisnormative body able to sell the sport and make the business to move. Jardim (2018) states that MMA selects athletes who are feminine, beautiful and white to print magazine covers. The society of the spectacle is not neutral. Its power is centred in the communicative capacity that secretly grasps the essence of everything (Debord, 2003).

I just think if I'm going to pay \$ 60 on pay per view to watch women struggling, they should at least make it topless. How many knockouts do you see in fights between women? (MMA Space, Matt Brown, fighter, 01/10/2014).

²⁹

Disponível

em:

http://www.espn.com/espn/photos/gallery/_/id/8136693/image/2/ronda-rousey-2012-body-issue-bodies-want-espn-magazine Acessado em 22 de março de 2019.

They want to talk nonsense just to get promoted. These girls are trouble. I do not show my butt that way. I do not do any of this (A Dama de Ferro, Felice Herrig, fighter, 07/20/2014).

It's hard to see an obese fighter enter the UFC, but if you have different skills and make good bikini shots, you can get in. I'm just saying that the direction that MMA and MMA fans have taken has driven the female MMA (A Dama de Ferro, Mark Bocek, fighter, 08/15/2014).

The spectacularization of bodies can be seen in all the speeches of those who are connected to the show. The appeal to the eroticization and objectification of female bodies in the speeches of fighters Matt Brown and Mark Bocek supports itself on their appearance, judged and justified as necessary to their permanence in the sport. Transgressors or not, women are in MMA. Although Felice Herrig denies the need to display her body, she assumes a political stance that breaks with the sexual objectification of women within sport.

Athletes are driven to comply with the norms used to maintain the order due to the possibility of rising through the disclosure of a body representation inside and outside the octagon. They present different discourses regarding the use of their bodies and MMA spectacularization. Sometimes they agree that the care with the appearance and the exposure are effective strategies for their rise. On the other hand, they deny this connection (see Edjane Gomes discourse). Power strategies lie at the core of sport by reaffirming a normalized femininity and exhibition of extravagant bodies.

I like compliments ... but I'm not looking at someone to date through my fights. I just like the sport (A Dama de Ferro, Julie Kedzie, fighter, 05/06/2013).

I think to be in famous magazines is a great feat for the fighters. If you're on the cover of Maxim or ESPN, you're sure to get more famous and powerful. This is fantastic (A Dama de Ferro, Julianna Pena, fighter, 11/27/2013).

Yes, it's true ... I decided to enter the NPC Bikini competition in Illinois. I'm already in shape for the TUF 20. I thought it would be a good surprise for the team that helps me so much and for my sponsors (A Dama de Ferro, Felice Herrig, fighter, 12/05/2014).

UFC fighters are more concerned with showing off their butts than fighting. Female MMA became trendy because of Ronda. To enter the UFC, one has to show the butt, has to appear. It was better to put some strippers on top of the octagon that would look better (A Dama de Ferro, Edjane Gomes, fighter, 06/22/2014).

Athletes' bodies are part of MMA's growth strategies and power relations produced in the midst of economic interests, cross sports and produce representations of eroticized bodies. There is within this erotization a relationship with the living body movements that is linked to seductive aspects and sexed bodies (Bataille, 1986). Therefore, although we may identify them as transgressive bodies by breaking a certain order of male sporting hegemony, MMA female athletes are still seen as having an erotic bias. But, the ability to

resist is connected to this search for the spectacularization of sport and to the body power over women athletes' bodies. In their speeches some incorporate and celebrate the eroticization of their bodies, others partially support these discourses, while some ignore and resist to the questions. Hence, if power presupposes a connection of forces, that is where resistance appears. There is no power without resistance, and within power connections we generate possibilities and create strategies that point to change. There would be no place for power without free subject's existence (Foucault, 1979, 1980).

If they say you're smart, if they say you're a great athlete, it's far more significant than a sexist in the sport to say: Yes, she looks hot (A Dama de Ferro, Cat Zingano, fighter, 05/06/2013).

I hope it does not matter what you look like, because this is a sport, and at the end of the day it should not matter if you're beautiful or not, it must be because you're a good fighter or not (A Dama de Ferro, Janne Calderwood, Fighter, 02/03/2015).

It's a fight, it's not a beauty pageant. It's great when you can put two girls in a poster, but at the end of the day, beauty will not save anyone (A Dama de Ferro, Felice Herrig, fighter, 02/04/2015).

Power relations in MMA get in possession of athlete women's bodies as an alternative of spectacularization and oppress them requiring either the technical skills necessary for a

good fighter, but above all, beauty to compete. As a form of resistance, they oppose, thus originating a doubt over the woman - body - erotization linearity. To imbalance this relationship in the combat sports field is to both deconstruct representations that normalize bodies and their sexualities and claim a belonging beyond their body contours. The insertion of women athletes into MMA had as central element the erotization of their bodies. Ruptures and deconstructions, they have undergone in the course of these years reveal them as possessing beauty and, mainly, abilities and singularities in perceiving their bodies and their femininities.

Plural femininities

Over time sport has been a territory of disputes about what a male or a female body could / should do. This was a place influenced by ambiguities of fascinating, unsettling and provoking tensions between freedom and body control (Goellner, 2004a). For many years the relationship of women with sport has been centred on beautiful - maternal - feminine linearity. When analysing the discourses and knowledge of the Revista Educação Física, Goellner (2003a) found that whereas motherhood was glorified as the loveliest and most sublime women's mission, sporting practice was directed towards body strengthening and emotion refinement. This representation was built through power relations that, based on the anatomical discourses, originated and still originates subjects' positioning within sports practices.

[...] A woman should be a domestic goddess, raise her children and be female. There are many different sports that help with this, but MMA is

not one of them (A Dama de Ferro, Fedor Emelianenko, fighter, 06/04/2014).

[...] it's not really my thing, I respect what they do, but hey, she does not have the body type or the strength to knockouts [...] (MMA Space, Matt Brown, fighter, 01/10/2014).

Speeches present a conservative view and women in MMA emerge as a possible threat to destabilize a territory that was created and maintained under male dominance. The relationship maternity and sports practice identified in Revista Educação Física did not cease to exist, rather became second on female athletes' lives.

I think being a mother definitely gives me an advantage [...] I wanted to do something with my life that he could be proud of, something that would show him the importance of having something that you're passionate about (A dama de ferro, Cat Zingano, fighter, 04/30/2013).

For her it is like: There is no mother doing what she does [...] I can be at peace with my career [...] (A Dama de Ferro, Sara McMann, fighter, 04/30/2013).

If you have a dream, even being older, bet on it. I have a son and I will be 30 years old within two months, but I am happy to have followed my passion (MMA Space, Bryan Anne Russilo, fighter, 09/29/2015).

Excerpts show that these women draw their own destinies by reconciling motherhood with their athlete's life. Therefore,

we can think sport as a historical apparatus of a regulation network that both organizes practices and polices bodies and their behaviours (Foucault, 1979, 1980). Moreover, it is also a space of imposed transgression and breaking of enforced rules.

By engaging in combat sports, female athletes break the rules of what would be socially suitable to their bodies and challenge the much-vaunted representation of femininity. Two posts refer to the "Bloody Elbow" reporting, in which a man affirmed to have evidence that Ronda Rousey is a man, who uses anabolic steroids and that it would be a threat to her physical integrity. There is a suspicion that the woman who inhabits a virile body distances herself from a normalized femininity and approaches a discourse on the masculinization of women (Goellner, 2005a). Muscle potentiation (Jaeger & Goellner, 2011), associated with courage and technical performance represents a form of transgression of what would be appropriate to her body and behaviour.

I think the biggest misconception about female athletes is that we are tomboys and that we are not well, we are not girls - we are like male figures in the sport. We are not! (A Dama de Ferro, Jessica Eye, fighter, 08/15/2015).

It's funny that people think that because I'm a fighter I must be a lesbian [...] (A Dama de Ferro, Ronda Rousey, fighter, 06/23/2015).

It is unacceptable that an official representative of Holly Holm and Jackson Wink call me transgender soon after my fight (A Dama de Ferro, Cris Cyborg, fighter, 01/02/18).

These lines show the real world of power and how it acts on female athletes' body (Foucault, 1979). This real world determines what is or is not appropriate to the bodies, defining them according to the binarism masculinity / femininity. Grespan (2014) and Jardim (2018) sustain that fighters' strong bodies, resulting from the training load, often cause revulsion and have their sexualities questioned (see Rousey's speech). There is a heterosexual matrix linked to a social expectation that draws a linearity for each sex (Butler, 2003). Women break with such linearity practising MMA and place their femininity under the yoke of heteronormative spotlights.

Thus, the bodies of female athletes attract looks to their health, performance and abilities but mainly to their physical appearance. In the society of the spectacle, social relations are assessed by images (Debord, 2003) and power is exercised through them enabling ways of being and feeling the body. The more you show, the more you expose, the more you invade public life with intimacy, the more intimacy is invaded by the public sphere. Within MMA, image is a spin-off from spectacle and bodies show several forms of experiencing and feeling femininity.

Feminizing women is mainly, to feminize the appearance and use of their body (Goellner, 2001). Their behaviour, tone muscles and clothes put these women into the constant process of vigilance and inhibition of their unique ways of being. It is therefore necessary to take care of oneself, to be vigilant attempting to remain in the limit between a normalized femininity and the athletic body required by MMA.

We are female too. We still like fashion, we still like makeup, we still like to go out on

special dates and be treated like women (A Dama de Ferro, Jessica Eye, fighter, 08/15/2015).

This speech reflects an embodiment and a reaffirmation of a femininity pattern on their bodies and a conformism with stereotyped models, but also to their appearances and with their expected behaviours. To put on make-up would be as acquiring another body (Foucault, 2013), more beautiful and decorated, easily recognizable by a normalized femininity that exists in the relations of power that spread throughout MMA. This discourse shows a concern to maintain and reproduce the norms. It remembers the female athletes to remain feminine and maintain the characteristics that are socially attributed to them.

I just felt like I should be proud to be a strong, strong woman. I'm proud of my body (A Dama de Ferro, Miesha Tate, fighter, 06/09/2013).

I like being fit and still looking like a woman. I do not feel like giving up my femininity to be an athlete. I feel good about my body because I work hard every day, and I continue to look and hold myself as a woman, as a strong woman (A Dama de Ferro, Miesha Tate, fighter, 07/15/2013).

You know, I like the way I am. I like to have thick legs! I like to have broad shoulders! I like these things now (A Dama de Ferro, Ronda Rousey, fighter, 07/15/2015).

It is possible to perceive that there is a fighters' concern in demonstrating their femininities that, uttered in the

midst of muscles, techniques and abilities, is evidenced in the tidiness of their hair, nail colours and dress code. Silveira and Vaz (2014) argue that, unlikely it may seem, female athletes are still forced to adopt and adjust to patriarchal ideologies and to follow a stereotyped model of femininity to succeed in sport. The lack of femininity is presumed by a masculinity of bodies and even by concerns about behaviour rules within MMA, such as the possible use of steroids.

I will say that some of the girls in my weight division have very masculine bodies, and I do not know if you can achieve this naturally (A Dama de Ferro, Ronda Rousey, fighter, 02/09/2015).

She was out of reach of competitiveness among women, and she did it on purpose [...] She is out of reach of women who do not take steroids (A Dama de Ferro, Fallon Fox, fighter, 10/17/2014).

The more women's bodies move away from a normalized referential model, the more intense are the looks, the comments and the strategies to bring them back to the centre. Brazil's Cris Cyborg, UFC Featherweight belt, is one of the prime criticism targets on her appearance, as she is on the margins of a normalized femininity. Inside the octagon she presents herself with her hair tidy, usually braided, nails done in darker shades, shaped eyebrows, and a rose tattooed on her right shoulder. Cris Cyborg's body is the spectacle itself; it is visible and susceptible to any and all forms of welcoming looks and most of them of disgust and rejection. One of the posts presents her gender identity

questioned by another fighter and by the manager of the institution.

When you accept the person to tell you something, you accept bullying. So every time Dana White or Ronda talked to me things like: Oh, she's just like a man, I thought: They might say that because I fight like a man (MMA Space, Cris Cyborg, fighter, 05/14/2015).

Power relations between the two reflect a rivalry that goes beyond the octagon grids and attracts MMA lovers to the show (Salvini & Marchi Júnior, 2016). The degree of Cyborg's awareness is a demonstration that the exercise of power transforms, provokes, moves and creates resistance. According to Foucault (1995) it is necessary to analyse the power relations from some points: the differentiations that allow to act on the others' action, objectives pursued, instrumental modalities, forms of institutionalization and degrees of rationalization.

MMA shows a spectacularization of the struggles and bodies, and is therefore, a double spectacle. More than an anatomical machine and a physical appearance, bodies are sensed and are representations and singular discourses that are produced by themselves, hence destabilizing preconceived truths. They are bodies that, through combat sports evidence their plural femininities, now also represented by strength, courage and resistance.

The empowerment of MMA athletes

Female MMA grows linked to the process of sport spectacularization, and its achievements aim hegemonic

patterns of gender, and simultaneously, they enable athletes new ways of feeling, acting, and experiencing their bodies. Experiences built throughout life produce subjectivities that strengthen and give fighters voice. When asked about the inclusion of female athletes in MMA, Ronda, based on a discourse of female empowerment, was incisive:

[...] Fighting is not a male thing, it is a human thing. To say that it is not for women is anti-feminist. [...] ", and adds: " I am the biggest attraction of the sport and I am a woman (A Dama de Ferro, Ronda Rousey, fighter, 03/30/2015).

"Fight is human," Rousey's speech crosses power relations and initiates a new connection of the female athlete with her body. The biological factor will not be anyone's destiny (Sailors & Weaving, 2017). Sport is also expressed as a space of awareness and liberation, of re-signification of the multiple possibilities of living their body, crucial to the empowerment of women athletes.

Their insertion into a hegemonic masculine space emerges as a challenge to the current norms and a rupture with a tradition of combat sport culture (Goellner, 2004b). Physical exertion, fights and technical skills exhibited by women in the octagon implode the representation of the fragile sex, making them also protagonists in the territory of combat sports.

We have two arms, two legs and a heartbeat, just like any male fighter so let's fight, bro! (A Dama de Ferro, Bec Hyatt, fighter, 06/17/2013).

We have to raise our voices, and we have all the rights that men have [...] we are the same! (A

Dama de Ferro, Lina Lansberg, fighter, 09/20/2016).

[...] men, still sometimes underestimate us, but we have always been able to give our message because we have achieved with our effort: to achieve the same technical level as theirs, the same prominence in the media spotlight and the same credibility [...] (A Dama de Ferro, Alexandra Lima, judo athlete, 01/17/2016).

Fighters' lines claim equality, their voices break the frontiers of normalized femininity and cover themselves with a counter-hegemonic discourse to affirm that they are capable. It is a fact that power exercises control over the bodies delimiting and defining what is or is not appropriate to them. Power has new mechanisms, it is changeable and moveable but continues with its investment (Foucault, 1979), although creating resistance. Experiences constructed in this context are subjects in action, as they catch their own attention.

Women's achievements are constant and their body is time and place (Goellner, 2003b). Not only the spectacular MMA spotlight illuminates their body shapes, but also, they possess techniques and skills necessary for a good fighter. These bodies rediscover, reinvent and empower themselves through training. In the spectacle society (Debord, 2003) everything is transformed into a commodity. MMA practiced by women, which initially took the form of money-oriented body representations, now begins its transition to another form of visibility, extolling the bodies that fight and make history within combat sports.

MMA female athletes have erased the boundaries that delimit norms exposed on the surface of their bodies and that exert

power through them. Fighter's construction widened the looks, allowed the identification of traces and ruptures, deconstructed representations, distorted the bodies and has analysed them from different discourses, which were understood from their acceptance and recognition (Goellner, 2005a, 2005b).

Although their inclusion in MMA has been analysed as a potential financial gain, either due to the technical skills and especially for the beauty of their bodies, MMA has proved to be a fertile ground for the construction of new experiences of a lived body and the construction of the value of an essential fighter woman (Weaving, 2014). Posts below depict these two moments:

She's phenomenal, you know? I have never seen anything like it with another woman and especially as great and as powerful as she was. Ronda Rousey has turned into a big star for us. She brought the media attention we never had [...] (A Dama de Ferro, Dana White, president of the UFC, 05/27/2013).

Ronda Rousey listed as "the 50 women who are changing the world (A Dama de Ferro, Fabíola Nishi, columnist, 05/06/2013).

Ronda Rousey Special [...] Dana White surprised once again and announced that Ronda would be TUF's first woman coach (A Dama de Ferro, Fabíola Nishi, columnist, 05/11/2013).

It's one of those things, a blessing, to be one of the first women to train an 'Ultimate Fighter' season and also help other women and men who pursue their dreams and somehow be a part of it.

It is a unique experience (A Dama de Ferro, Miesha Tate, fighter, 06/27/2013).

[...] today they carry out exciting and highly technical fights, including fights of greater audience and great profit (A Dama de Ferro, Alexandra Lima, judo athlete, 01/17/2016).

Women's achievements are not restricted to the octagon. Whether during the fight or as TUF coaches they glorify themselves as strong and skilful. The hegemonic masculinity so worshiped within combat sports opens space for female athlete's empowerment. And, "as a territory of cultural and historical inscription, women's bodies appear as places of resistance and transposition of frontiers in the context of sport" (Silva, Jaeger & Oliveira, 2017, p.137).

Discussions presented here give female athletes visibility and reflect stories of daily struggle and goal attainment and also the pursuit of their achievements. Established relationships stress, mobilize and transform the structures of combat sports and enable the construction of women's recognition in MMA, beyond the spectators and the ring girls.

i thought if i went there and performed the skills i practiced and dedicated myself to the training period, i would be proud of my performance regardless of how the result would be (a dama de ferro, sara mcmann, fighter, 04/30/2013).

every muscle in my body is for a real task, there are no muscles that i train to show. if i want to be able to make a certain move or action, i

train hard until i succeed (a dama de ferro, bobby brown, fighter, 09/05/2014).

in this male-dominated sport, it is important to show that women can be strong and can be whatever they want. women can do things that are considered dangerous and difficult. mma women show they can be strong and athletic, and that's important (a dama de ferro, lina lansberg, fighter, 09/20/2016).

my body is everything. it's my machine, that's what i need to sharpen to work (ufc brasil, michelle waterson, fighter, 06/26/2017).

Speeches address the octagon as a space of knowledge and production of themselves. The discoveries of the limitations and potentialities of their bodies are associated with the pleasure of feeling them respond to each training, to become recognized and respected. The idea of a weak socialized body, frozen and internalized in hegemonic femininity (Follo, 2012) opens space for freedom. "Power is exercised only on free subjects" (Foucault, 1995, p. 244). It is this freedom that, within the spectacularization of MMA, builds bodies of female athletes who express and unleash a series of potentialities, thus becoming symbols of resistance and conquest.

FINAL CONSIDERATIONS

Investigative sources allowed us to analyse the multiplicities of MMA women's bodies. It is one of the sport spaces that allows the looks and the thoughts over the body in society. Connections established between the

speeches and the images enabled us to approach what is heard and seen.

Over time, power relations that existed in this territory limited women to the condition of ring girls or spectators and invisible as fighters. Masculine sport discourses dictate and determine what is appropriate for each sex, but female athletes disobey these discourses and erase the boundaries of what has been determined. When they entered MMA, women athletes transgressed and broke barriers, they set on a trajectory in the midst of power relations and sports spectacularization.

If at first their visibility within sport was strongly evidenced by feminine requirements associated with beauty and sensuality, today their technical skills also are easily noticed. Their bodies are in the spotlight. Inside this show called MMA, discourses of empowerment coexist with those who still see eroticization as a gateway to the sport.

In this process of spectacularization, body contours experiencing fights are equally eroticized and appear like an imperative, triggering both sport and athletes' career. Posts have shown that in 2013 and 2014 there was, within MMA, a curtailment of appearance care by fearing the construction of a masculinized body. Consequently, the beginning of their trajectory as MMA athletes was shaped by a strong erotization of their bodies. The body - power - show triad was based on the offer of excitement and strategies aimed at capturing viewers' attention. But all this show around the body cannot imprison it. If at times the latter adjusts, others it reacts and transgresses, claims visibility, utters an empowering discourse that values training and technical skills beyond its contours.

Even when MMA female athletes experience body practice ruled by different power relations, they show and create

singular forms of being and living the body, of being and living in the world. They are athletic bodies that break with the boundary that regulates and normalizes "truths" about sexes. Those who are on the margins of a cisnormative ideal destabilize stereotyped patterns of bodies and have their femininity questioned. However, they contest, react but stay in sport. The relation body - femininity is a cultural construction historically and geographically positioned, it is the result of the experiences woven within MMA. Transformations, disruptions, transgressions, and empowerment raised new meanings about women's plural bodies and femininities in combat sports.

The discussion about athletes' empowerment has shown that, rather than trying to silence them, the power exercised in favour of spectacularization has been giving their achievements visibility and fragility is no longer taken as an innate characteristic of women. The decline in the number of posts about the eroticization of athletes' bodies gave room for new looks, that now glimpse the recognition and empowerment of women within combat sports. In the octagon they demystify the projection of a frail, delicate female body targeting reproduction. It is about activating their potential and build spaces of self-realization and barrier transposition.

The path is long, there is still much to walk, the octagon will still be the stage of many achievements and this is just the beginning of the show. MMA female athletes begin to write their own stories and their bodies are the main protagonists of this plot. They are symbols of resistance and conquest of their time and space inside the sports arena.

REFERENCES

- Awí, F., (2012). Filho teu não foge à luta. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- Bardin, L., (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bataille, G., (1986). *Erotism: death and sensuality*. San Francisco: City Lights Books.
- Batliwala, S., (1994) The meaning of women's empowerment: new concept from action. in: Sen, G., Germain, A. & Chen, L. *Population policies reconsidered: health empowerment and rights*. Cambridge: Havard University Press. 1994. pp. 127 - 138.
- Betti, M., (2001). Esporte na mídia ou esporte da mídia? *Motrivivência*, UFSC, nº 17, pp. 1-3.
- Butler, J., (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Debord, G. (2003) *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto.
- Elias, N., & Dunning, E., (1986). An essay on sport and violence. In: Elias, N., & Dunning, E. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process*. Oxford: Basil Blackwell, pp. 150-173.
- Fernandes, V., Mourão, L., Goellner, S. V., & Grespan, C. L., (2015). Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA. *Revista da Educação Física*, UEM, v. 26, nº 3, pp. 367-376.
- Follo, G., (2012). A literature review of women and the martial arts: Where are we right now?. *Sociology Compass*, v. 6, nº 9, pp. 707-717.
- Foucault, M., (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

- Foucault, M., (1980). *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes Editora.
- Foucault, M. (1995). Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, H. L. & Rabinow, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 251-278.
- Foucault, M., (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições.
- Goellner, S. V., (2001). A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. *Motrivivência UFSC*, nº 16.
- Goellner, S. V., (2003a). Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Editora Unijuí. 2003a.
- Goellner, S. V., (2003b). A produção cultural do corpo. In: Louro, G. L., Felipe, J.; Goellner, S. V. (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, pp. 28-40.
- Goellner, S. V., (2004a). *Mulher e esporte em perspectiva*.
- Goellner, S. V., (2004b). Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: Simões, A. C., & Knijnik, J. D., (2004b). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph. pp. 359-372.
- Goellner, S. V., (2005a). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*. Goiânia. v. 8, nº , pp. 85-100.
- Goellner, S. V., (2005b). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, USP*, v 19, nº 2, pp. 143-151.

- Grespan, C. L. (2014) *Mulheres no octógono: performatividades de corpos e de sexualidades*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, RS, Brasil.
- Grespan, C. L. (2015). *Mulheres no Octógono: Performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades*. Curitiba: Appris.
- Hodder, I., (1994) The interpretation of documents and material culture. In: Goodwin, J. (Eds) *Sage biographical research v. 1: Starting points, debates and approaches*. Londres: SAGE Publications, 1994. pp. 393-402.
- Jaeger, A. A., Goellner, S. V., (2011). O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. *Estudos Feministas*, UFSC, v. 19, n° 3, pp. 955-975.
- Jakubowska, H., Channon, A., & Matthews, C., (2016). Gender, Media, and Mixed Martial Arts in Poland: The Case of Joanna Jędrzejczyk. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 40, n° 5, pp. 410-431.
- Jardim, J. G., (2018). *"It's time"! MMA feminino, mercado da beleza e cis-heteronormatividade: uma etnografia multissituada com lutadoras brasileiras*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, São Paulo, Brasil.
- Louro, G. L., (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Louro, G. L., (2018). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

- McClearen, J., (2015). The paradox of Fallon's fight: Interlocking discourses of sexism and cissexism in Mixed Martial Arts fighting. *New Formations* v. 86, pp. 74-88.
- Sailors, P., & Weaving, C., (2017). Foucault and the Glamazon: The Autonomy of Ronda Rousey. *Sport, Ethics and Philosophy*, pp. 1-12.
- Salvini, L., & Marchi Júnior, W., (2016). More than a "weight issue": Analysis of the content of rivalry discourses between mma (mixed martial arts) fighters Ronda Rousey and Cris Cyborg. *Movimento*, UFRGS v. 22, n° 3, pp. 795-808.
- Silva, P., Jaeger, A. A., & Oliveira, G., (2017). Conscientização e empoderamento dos corpos das mulheres no desporto: O caso do Mixed Martial Arts e do Bodybuilding. In: *Ecos de Freire e o Pensamento Feminista: Diálogos e Esclarecimentos*, Coleção Querer Saber 6 IPFP - CRPF - CIIE.
- Silveira, V. T., & Vaz, A. F., (2014). Corpo feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 36, n° 2, pp. S212 - S222.
- Weaving, C., (2014). Cage fighting like a girl: Exploring gender constructions in the Ultimate Fighting Championship (UFC). *Journal of the Philosophy of Sport*, v. 41, n° 1, pp. 129-142.

Funding: CIAFEL, FCT/UID/DTP/00617/2019

ESTUDO 4

MMA e Indústria Cultural: um olhar sobre a trajetória e o treinamento das lutadoras

Grasiela Silva

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Centro de Investigação em Actividade Física, Saúde e Lazer
(CIAFEL)

Angelita Jaeger

Universidade Federal de Santa Maria / RS - BR

Paula Silva

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Centro de Investigação em Actividade Física, Saúde e Lazer
(CIAFEL)

RESUMO

O Mixed Martial Arts (MMA) ganhou popularidade ao promover combates em forma de espetáculo. A "inexistência" de regras impulsionadora da sua prática foi também o motivo da sua proibição. Foi preciso criar regras, institucionalizar-se e racionalizar sua prática para gerar resultados, estimular o consumo e produzir lucros. O estudo objetiva analisar treinamento, mercantilização e formação das atletas dentro do MMA a partir da teoria da Indústria Cultural (IC). Na pesquisa qualitativa utilizamos a observação e a entrevista semi-estruturada como técnicas de pesquisa, tendo como participantes 6 lutadoras e 3 preparadores/a físicos/a, integrantes de duas academias no Rio de Janeiro. Os dados foram sujeitos a uma análise de conteúdo (triangulação das fontes) com auxílio do software QSRNvivo. Três categorias emergiram: Trajetória de inserção no MMA; Treinamento e funcionalidade dos corpos; MMA e mercadorização. Na lógica IC - Esporte os resultados sugerem uma forte influência da IC, e que os corpos das atletas são manipulados, medidos e programados, precisamente treinados e belos para tornarem-se produtos em condições de serem consumidos.

PALAVRAS-CHAVE: MMA; Indústria Cultural; lutadoras; treinamento; mercadorização.

ABSTRACT

Mixed Martial Arts (MMA) has gained popularity by promoting show fighting. The "nonexistence" of rules driving its practice was also the reason for their prohibition. It was necessary to create rules, institutionalize and rationalize its practice to generate results, stimulate consumption and

produce profits. The study aims to analyze training, commodification and training of athletes within the MMA from the theory of the Cultural Industry (CI). In qualitative research we used observation and semi-structured interview as research techniques, having as participants 6 fighters and 3 physical preparers, members of two gyms in Rio de Janeiro. Data were subjected to content analysis (triangulation of sources) with the aid of QSRNvivo software. Three categories emerged: MMA insertion trajectory; Body training and functionality; MMA and merchandising. In the logic IC - Sport the results suggest a strong influence of CI, and that the bodies of athletes are manipulated, measured and programmed, precisely trained and beautiful to become products able to be consumed.

KEYWORDS: MMA; Cultural industry; fighters; training; commodification.

INTRODUÇÃO

O *Mixed Martial Arts* (MMA) ganha popularidade ao estabelecer lutas "sem regras" (só não era permitido colocar o dedo no olho do adversário e golpear na região genital), caracterizadas por um confronto violento cessado apenas com um nocaute ou a desistência de um dos oponentes (Awi, 2012). O slogan "*there are no rules*", tão difundido por seus idealizadores, foi utilizado estrategicamente para atrair os olhares que, fascinados pela curiosidade em assistir um combate no formato de um espetáculo, deram início ao seu processo de consumo. A princípio o objetivo foi alcançado, mas logo depois o evento foi proibido por ser considerado demasiado violento. Era necessário encontrar um equilíbrio, adaptar-se para se legitimar e garantir seu espaço no

contexto esportivo. Para isso foi preciso criar regras e organizar-se enquanto instituição, fazer gerir o negócio e despertar as emoções dos espectadores (Jardim, 2017). A institucionalização das regras delimitou o teor de violência ao exercer um poder civilizador e ao racionalizar as práticas corporais (Elias & Dunning, 1986), e conferiu ao MMA os moldes do espetáculo esportivo retirando dele a concepção de uma luta entre gladiadores, tornando-se hoje um dos esportes mais populares do mundo. Segundo levantamento realizado em junho de 2018 com base no Sponsorlink, o IBOPE³⁰ Repucom destaca que só no Brasil o MMA desperta a atenção de 30 milhões de pessoas que consideram esse esporte interessante ou superinteressante, desse total 47% são mulheres³¹.

Em nome do lucro o esporte investe, se organiza, muda o formato e incorpora os pilares de sustentação do contexto social - a razão, a sistematização e otimização dos resultados, tornando-se instituição inseparável da estrutura e funcionamento da sociedade capitalista na concepção de um corpo planejado, positivado e produtor de resultados (Brohm, 1982; Casco, 2018). Bracht (1997) considera mais alguns: competição, rendimento físico-técnico, record e cientificização do treinamento, máximas que ganharam força e se propagaram pelo mundo através das diversas práticas esportivas.

Vale ressaltar que tal contexto despertou vários olhares acerca do surgimento de uma mercantilização sobre a cultura, através da padronização e racionalização das suas formas. Foi a partir de tal observação que os pensadores Adorno e Horkheimer (1985), no ano de 1947, cunharam o termo Indústria Cultural (IC). A sua criação deu-se em substituição

³⁰ Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (disponível em: <https://www.dicio.com.br/ibope/>. Acessado em 11 de setembro de 2019).

³¹ Disponível em: <http://www.iboperepucom.com/br/search/mma/>. Acessado em 30 de agosto de 2019.

do termo cultura de massa e a criticidade de como a cultura havia regredido à condição de mero instrumento capitalista, ao adestrar os indivíduos segundo uma lógica econômica (Costa et al., 2010). Vale destacar que tal conceito ainda se faz pertinente e atual na análise e interpretação da sociedade e suas manifestações culturais, a exemplo das práticas corporais.

Estudar o esporte à luz da IC nos permite pensá-lo e compreendê-lo como uma das expressões sociais mais fortes, um fenômeno rico e multifacetado passível de diversas reflexões. E embora o esporte não tenha sido tema central nas discussões de Adorno e Horkheimer (Vaz, 2008, 2001a, 2001b), nos apropriaremos de sua teoria para observar a relação entre treinamento, formação de atletas e consumo.

O esporte é umas das principais atividades culturais, ocupando um lugar de destaque na sociedade, que sendo vinculada à indústria cultural também se transforma em mercadoria. A mídia que o comercializa acaba, por sua vez, influenciando nas práticas corporais dos indivíduos através da promulgação de formas universalizantes de comportamento e consumismo (Vaz, 2001a, 2001b, 2003, 2008; Casco, 2018; Pires, 2017). O consumo dentro da prática esportiva acontece por vários vieses: os produtos usados pelos atletas na modalidade; as mercadorias que são divulgadas nos anúncios esportivos; a promulgação das ideologias do corpo saudável e esbelto; a subjugação do atleta ao sistema competitivo, rendimentos, vitórias e recordes (Torri, 2008).

As análises estabelecidas por alguns teóricos nos permitem compreender a produção e reprodução cultural em meio a mercadorização, sua banalização e reificação (e.g. Vaz, 2001a, 2001b, 2003) e, olhar para o esporte como um mecanismo de lucratividade e controle sobre os corpos. Nos esportes a IC presentifica-se na supremacia do profissionalismo, que

através do treinamento e formação das atletas busca encantar a todos e produzir lucros.

Assim como nos outros esportes, no MMA as técnicas das lutas e o preparo físico engendram uma busca incansável não apenas da formação da atleta mas, sobretudo, dos imperativos econômicos. No caso das lutadoras, além de serem técnica e fisicamente preparadas, os contornos dos seus corpos também são alvo de olhares, despertam desejos e, por vezes, repulsas, mas são corpos a favor de uma ordem econômica, corpos treinados e projetados como uma mercadoria de consumo (Silva, Jaeger & Silva, 2016). Dentro do MMA tudo é pensado e articulado segundo uma lógica mercadológica. A inserção das mulheres à condição de atleta está imbricada nesse show business, assim como as melhores lutas, patrocínio e oportunidades de carreira são destinadas aos atletas que mais vendem e, não necessariamente, a quem obtém o melhor resultado (Jardim, 2017).

O corpo deve ser aperfeiçoado para que se torne produtivo e rentável, expressões máximas resultantes da manipulação, adequação e submissão aos treinamentos. Quanto mais eficientes e belos forem os corpos das atletas, maiores serão os rendimentos por eles gerados (Silva, Jaeger & Silva, 2016). É verdade que a atleta se lança à prática esportiva de livre vontade, mas uma vez inserida, transitará entre o sacrifício e a glorificação que o universo esportivo impõe. Assim como Homero precisou enfrentar as forças míticas e os perigos, dominar o seu corpo e discipliná-lo (Adorno & Horkheimer, 1985), elas precisam encarar todos os desafios requeridos à construção de uma grande lutadora.

Embora o MMA tenha surgido relativamente há pouco tempo, é nítido o seu avanço econômico, principalmente através da instituição *Ultimate Fighting Championship* (UFC). O UFC está presente nos meios de comunicação, utiliza-se do *pay per*

view (PPV) e de outras ferramentas (Canal Combate, Revista Tatame, *The Ultimate Fighter*/TUF e canais abertos) como mecanismos essenciais à apresentação e divulgação do MMA. O PPV está presente em todo o mundo, caracteriza-se por um sistema de entretenimento (campeonato de lutas e futebol, filmes e shows) no qual os usuários compram a programação desejada e que é vista por todos em um único momento. O TUF, criado em 2005, é um reality show que apresenta lutadores no início da carreira, seus treinamentos e disciplinarização às regras (Grespan, 2014, 2015). Estas estratégias de marketing que envolvem não apenas os atletas e suas equipes de treinamento. Dentro desse contexto os espectadores assumem um papel crucial de aceitação, difusão e consumo de práticas corporais. O UFC é uma das maiores organizações esportivas do mundo, cujo valor da marca equivale a 4 bilhões de dólares (Jardim, 2018). Há dentro dessa lógica a construção de um esporte segundo os princípios e estratégias da IC. As práticas esportivas e seus corpos delineados passam a ser venerados nessa relação entre esporte e consumo. A organização do esporte de acordo com os princípios que regem a sociedade, a racionalização dos corpos, o alcance máximo do desempenho, a superação dos desafios, a conquista das vitórias, a encantamento dos espectadores contituem elementos que demarcam percepção do esporte como produtor da IC (Casco, 2018; Pires, 2017; Torri, 2008; Vaz, 2001a, 2001b, 2003, 2008).

Portanto, a espetacularização do esporte projetada para o entretenimento cultural, desperta inúmeras formas de sentimentos e o coloca numa condição consumível. O mundo da mercadoria domina tudo o que é vivido, a exemplo das práticas esportivas. Como objeto dessa lógica do consumo, o esporte “[...] cria, imita e vende imagens, sonhos, gestos, gostos, estilos, roupas [...]” (Bitencourt, 1997, p. 86). Partindo de

tais discussões levantamos os seguintes questionamentos: Até que ponto a IC influencia na inserção e permanência das atletas no MMA? Como a estratégia de treinamento está vinculada a IC?

O presente estudo objetiva analisar treinamento, mercantilização e formação das atletas dentro do MMA a partir da teoria da IC, considerando o MMA como um produto mercadológico, consumível direta e/ou indiretamente a partir dos olhares das atletas e preparadores físicos e também, das observações sobre o contexto do local de treinamento.

METODOLOGIA

O percurso investigativo, realizado a partir de uma pesquisa qualitativa, foi se descortinando acompanhado por autores e autoras que, com suas teorias nos possibilitaram dialogar, articular ideias e pensar o nosso objeto de estudo. De acordo com Minayo (2008) as pesquisas de cunho qualitativo têm em comum um imbricamento indissociável entre o subjetivo e o objetivo e que se fazem presentes nas relações sociais e na forma como as informações captadas são interpretadas pelos pesquisadores. Para esse estudo empregamos a observação e a entrevista semi-estruturada como técnicas de pesquisa à recolha dos dados.

A aproximação com o objeto de estudo aconteceu em duas academias de lutas situadas na zona sul da cidade do Rio de Janeiro - Brasil. As observações foram feitas durante todos os momentos que estive em contato com o campo investigativo. Vale ressaltar que o meu acesso aos espaços foi precedido de uma rede de contatos e minha presença autorizada por uma semana. A restrição do tempo a priori deu-se tendo em vista que uma das atletas estava nas etapas de finais de preparação para seu início de carreira no MMA nacional e outra

encontrava-se em recuperação de uma lesão ocorrida durante o sparring e preparo para o seu combate de estreia no UFC. Um dos espaços que fizeram parte do estudo é pequeno, composto apenas de locais e equipamentos destinados ao treinamento de artes marciais. Conta com um pequeno número de alunos que praticam principalmente o jiu jitsu e o muay thay. Também é menor o número de mulheres que lá estão, perfazendo um total de 5, das quais, apenas uma delas desenvolve um treinamento específico para competições no MMA.

A outra academia é um prédio que ocupa todo um quarteirão de uma zona nobre da cidade. A sua estrutura é composta de piscina, salas de musculação, ringue, tatames, área para a realização de exercícios funcionais, lojas de material esportivo, sala de fisioterapia, salas de estética e cafeteria. A academia ainda está situada próxima a uma quadra polidesportiva e uma praia, locais nos quais também são realizados alguns treinamentos. O proprietário há pouco tempo construiu um novo espaço com um octógono, destinado à realização de eventos a nível nacional.

Esse é um dos locais mais (re)conhecidos como “celeiro” de formação de lutadores de MMA no Brasil, possuindo 45 atletas profissionais de MMA (sendo 5 mulheres), 6 atletas de jiu jitsu brasileiro, 4 atletas de kickboxing e 2 atletas de wrestling.

O seu trabalho está voltado para a descoberta de talentos e sua equipe é composta de atletas das mais diversas regiões do país. Grande parte deles/delas estão alojados em apartamentos distribuídos pela cidade, recebem salário e tem suas despesas básicas custeadas pelo empresário³². Ela é a

³² Vale ressaltar que essa informação foi coletada informalmente oriunda de um diálogo entre eles sobre a limpeza do apartamento. Aproveitei a ocasião para obter mais informações sobre o salário e despesas, mas elas

sede de uma rede de formação de atletas que conta com mais de 400 unidades de treinamento espalhadas pelo mundo, mais de 20 atletas no UFC, mais de 20 atletas campeões de jiu jitsu brasileiros e mais de 80000 alunos matriculados em suas filiais³³.

Acompanhei os treinamentos das lutadoras durante todo o período de coleta, todos os dias observava uma diversidade de treinos de atletas diferentes. As anotações oriundas das observações foram significativas por permitir captar as singularidades externalizadas no processo de interação entre todos e estar mais próximo das experiências estabelecidas dentro do contexto investigativo. E, embora tenha ocupado uma posição de espectadora a minha presença foi consciente, captando e descrevendo minuciosamente os fatos à medida que eles se descortinam e tornavam-se relevantes à investigação. Realizamos entrevistas semi-estruturadas que foram situadas tanto online (a partir de uma conectividade via Skype com um treinador e sua atleta integrante do *Invicta FC*, instituição americana promotora de lutas exclusivamente femininas) quanto presencialmente, com lutadoras de duas academias descritas anteriormente. A ideia era estar lá presente e conseguir captar as informações, mas sem alterar as suas rotinas de treinos e compromissos para que o nosso objeto de estudo se apresentasse em sua essência. Seguir por tal caminho nos possibilita compreender que o foco está em um determinado tema e não somente em uma localização geográfica. Isso é viável porque, segundo Marcus (1995) o processo intelectual do mundo pós-moderno viabiliza uma pesquisa multissituada diante dos novos desafios do mundo.

Como participantes temos um total de 9 pessoas, nomeadamente:

não souberam dizer o número exato de atletas que se encontram em tal situação.

³³ Disponível em: <http://novauniao.com/>. Acessado em 03 de setembro de 2019.

- 6 lutadoras de MMA, com idades entre 2 e 36 anos, tempo de prática e competição de MMA entre 3 e 10 anos; três delas com nível superior de ensino (Educação Física, Pedagogia e Publicidade e Propaganda) e três com ensino médio completo; três delas integrantes do UFC, uma do Invicta FC e as outras duas sem intuição definida; duas não vivem exclusivamente dos rendimentos oriundos das lutas e patrocínios.
- 2 preparadores físicos e 1 preparadora física, com idades entre 28 e 35 anos; tempo de trabalho com a preparação física de atletas no MMA entre 2 e 13 anos; dois formados em educação física bacharelado e um possui apenas o ensino médio, sendo este possuidor de faixa preta no judô;

Os entrevistados e as entrevistadas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e suas identidades foram preservadas. Utilizaremos iniciais dos nomes seguidas das palavras lutadora e preparador/a físico/a conforme a sua identificação ao referenciá-los/as no corpo do texto. Seguimos um guia de entrevistas estruturado a partir de roteiros temáticos (informações pessoais, interesse pelo MMA, a mulher no MMA, treinamento, MMA e visibilidade da atleta), mas com plena liberdade para elaborarmos outro(s) questionamento(s) sempre que sentíssemos necessidade em obter mais informações.

Todas as entrevistas foram previamente agendadas e antes de iniciarmos a conversa o objetivo do estudo foi apresentado. A coleta de dados foi realizada entre os dias 23 e 28 de janeiro de 2017 em conformidade com o parecer emitido pelo CEFAD (Comitê de Ética da Faculdade de Desporto) 19.2018. É preciso frisar que conviver com elas, mesmo que por um curto espaço de tempo, foi bastante significativo para estabelecer uma relação de confiança entre pesquisadora e

participantes. Mergulhar no mundo das mulheres atletas de MMA nos possibilitou olhar para nosso objeto de estudo de forma mais clara e, captar e vivenciar com mais afinco a realidade dentro das academias de lutas.

ANÁLISE DOS DADOS

As nossas análises atravessam as fronteiras entre o presente e o passado, sendo aprofundadas através do contato presencial, das vivências e olhares construídos na observação do contexto do MMA. Estabelecemos um processo de triangulação dos dados (entrevistas com preparadores físicos e preparadora física, com as atletas e as observações) e, através das suas particularidades olhamos para o todo, atravessamos os enunciados, falas e discursos que são produzidos no contexto do MMA. Para isso seguiremos as três fases propostas por Marcondes e Brisola (2014): preparação, reunião e avaliação da qualidade dos dados, seguida da elaboração das categorias de análise. Vale frisar que os dados coletados foram categorizadas com o apoio do software QSRNvivo 12 Pro e submetidas a uma análise de conteúdo (Bardin, 2004). Fizemos uma leitura flutuante e em seguida olharmos para os nossos dados de maneira mais aprofundada. Tal procedimento nos possibilitou discuti-los em consonância com a teoria da IC a partir de três categorias que emergiram da análise: Trajetória das lutadoras no MMA; Treinamento e funcionalidade dos corpos das atletas; MMA e a mercantilização esportiva.

Trajetória das lutadoras no MMA

O MMA é uma prática esportiva caracterizada pela junção de técnicas oriundas de diversas artes marciais. Inicialmente

esteve relacionado ao vale tudo, objetivando demonstrar a superioridade técnica do jiu jitsu brasileiro em relação as demais modalidades. Por causa da inexistência de regras associada ao elevado teor de violência foi considerado um show de brutalidades e passou a ser uma prática proibida. Como estratégia de ascensão os seus mentores criaram e sancionaram as regras, conseguindo “encontrar o equilíbrio certo entre entretenimento, negócio e esporte performance” (Awi, 2012, p. 180). Outras estratégias de promulgação e lucratividade foram a criação do TUF e posteriormente a contratação de mulheres atletas pelo UFC.

Segundo Grespan (2014) alguns acontecimentos influenciaram na decisão das contratações: a compra da Strikeforce pela Zuffa, a permanência dos combates entre atletas da Strikeforce, a criação do *Invicta Fighting Championship* (*Invicta FC* - instituição promotora de lutas exclusivamente femininas) e o interesse em manter o contrato das lutadoras do Strikeforce agora pelo UFC. O fato é que a existência de mulheres atletas no MMA tornou-se uma estratégia rentável ao englobar técnica e beleza em uma só luta (Weaving, 2014). É preciso que vivenciem o esporte, mas sem descuidar da beleza e graciosidade.

Então, a minha mãe no início ela não gostou muito né. Ela falava que sou única filha mulher, eu tenho três irmãos. Então ela falava para mim: ah! você estragou seu corpo, está toda musculosa e agora vai machucar seu rosto? (KV - lutadora).

A fala da lutadora demonstra que ela precisou, e ainda precisa, romper com estereótipos sexuais que demarcam os esportes de combate. A preocupação materna apresenta um receio de que a mulher que habita um corpo viril distancia-

se de uma feminilidade normalizada. A presença das mulheres em um espaço privilegiado à construção da masculinidade pode tornar visíveis corpos reestruturados e ressignificados daquilo que hegemonicamente se identifica como feminino (Fernandes et al., 2015). Segundo Adelman (2003) com o declínio da domesticação feminina o conceito de fragilidade passa a assumir uma nova conotação, abre-se espaço para a imagem da mulher ativa que ocupa outros lugares. As suas histórias de vida refletem uma trajetória de determinação e diversificação nas formas de ver/sentir seus corpos e suas potencialidades.

[...] meu avô por parte de mãe é um pugilista aposentado e o outro é lutador de kung fu (risos) [...] foi novidade só eu ser a única a ter seguido esse caminho. Aí quando eu vim pro MMA, eu já vim direto pro profissional [...] (GRV, lutadora).

Eu comecei tipo, com mais ou menos 5, 6 anos, eu já fazia capoeira [...] fui para [cidade] e comecei no muai thay lá e daí eu tive uma proposta para lutar MMA e eu larguei o muai thay, entre aspas (risos), largar eu não larguei e, pra ir pro MMA, tudo faz parte (IN, lutadora).

Eu já participei da seleção brasileira de luta olímpica e de judô, eu lutei muitos anos judô e me decepcionei um pouco, aí então eu decidi migrar de vez para o MMA (KV, lutadora).

A viabilidade de construir uma carreira através do esporte torna-se uma possibilidade interessante e alcançável. Se o esporte gera lucro, todos os envolvidos também ganham e essa foi uma das justificativas para a inserção e permanência das atletas e preparadora física dentro do MMA. Quando questionadas sobre o que as fizeram entrar no MMA quase unanimemente elas apontam o financeiro como fator primordial

Então, eu já praticava muay thai e aí, por conta do financeiro eu acabei migrando para o MMA (LA, preparadora física).

[...] eu migrei para o MMA como um desafio e não só por isso, porque também era um sonho, é sempre uma realização pessoal, mas o jiu jitsu não estava me dando um retorno financeiro e isso no MMA, pelo menos comigo, está sendo diferente (VJ, lutadora).

Então, eu sempre lutei muai thay né, só que o muay thai você lutava lutava lutava e você ganhava medalha, ainda pagava inscrição e não era reconhecida. Até que um dia eu resolvi ir para o MMA até pela parte financeira [...] comecei a gostar e estou até hoje (LP, lutadora).

A busca pelo retorno financeiro e a ascensão profissional dentro do MMA nos conduz a uma discussão do esporte enquanto elemento da IC. Nos esportes, a rentabilidade preconizada pela IC não se dá apenas pelo consumo da prática, da venda do *pay per view*, dos ingressos ou do direito de transmissão. Dentro dessa lógica o próprio corpo da atleta passa a ser mercadorizado, cultuado fisicamente, exposto nas publicidades para que seja desejado, copiado e não apenas

notado (Albino & Vaz, 2008; Araújo, Vaz, Bassani & Vaz 2008; Hansei, Vaz, 2004). O esporte traz em si elementos do mundo do trabalho alienado, de um rendimento associado à ideia da produtividade, de um corpo máquina capaz de fazer funcionar o sistema da lógica do mercado (Adorno, 2002).

Duas das lutadoras (GRV e LP) exercem outras atividades desvinculadas do contexto do MMA e, embora sigam com afinco na sua profissionalização, ainda não adquiriram destaque na mídia. Apenas as lutadoras que são contratadas pelo UFC ou Invicta FC vivem exclusivamente do que recebem da organização, com rendimentos oriundos das lutas e dos patrocinadores.

Embora o *Invicta FC* seja uma instituição renomada e promotora exclusivamente de lutas femininas, o UFC ainda é a mais desejada pelas atletas. Sua marca esportiva é uma das que mais cresce, chegando a gerar um impacto econômico em uma noite de luta o equivalente a US\$ 86,4 milhões³⁴. O documentário³⁵ de Cris Cyborg, produzido em 2016, apresenta seu treinamento e o processo de perda de peso para o combate de estreia no UFC. Um fato que chamou a atenção é que todo o treino físico, técnico e tático foi conduzido exclusivamente por homens. Cyborg, até então atleta do Invicta FC, assina o contrato com o UFC e, diante da ausência de sua categoria em eventos promovidos por essa instituição, ela decide baixar o seu peso e lutar na categoria peso casado (até 63,5 kg) contra atletas do peso galo (até 61 kg). A inclusão de Cyborg na equipe do UFC é reflexo da sua dedicação, força e coragem, mas também é a clara demonstração da busca por ascensão na carreira e financeira, intensificada

³⁴Disponível em <https://sportv.globo.com/site/combate/noticia/curtinhas-ufc-229-gera-mais-de-r-300-milhoes-de-impacto-economico-em-las-vegas.ghtml>. Acessado em: 1 de junho de 2019.

³⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=X8A5VhKWUJY>. Acessado em 6 setembro de 2019.

pelo desejo da compra da casa própria. O evento de pesagem foi realizado em um estádio e acompanhado por milhares de pessoas ali presentes e outras tantas espalhadas pelo mundo. Havia toda uma expectativa se Cyborg realizaria seu combate de estreia, a luta fazia parte do card principal e era uma considerada umas das mais rentáveis do evento. Embora ainda não tivesse lutado pelo UFC e precisasse reduzir o peso, ela era considerada a favorita. “Não quero ninguém dizendo que foi fácil” (Cris Cyborg). E, toda essa demonstração de coragem e determinação esteve presente no momento da pesagem, na famosa encarada e na escolha da música gospel Santo Espírito na condução da sua entrada no combate. Tanta dedicação sagrou-a grande campeã da noite, ela é ovacionada pelo público presente, em sua maioria seus conterrâneos. Em setembro de 2019 a atleta trocou a renomada UFC pela Bellator, segunda maior instituição promotora de lutas de MMA, assinando o contrato mais valioso da história do MMA para uma atleta feminina³⁶.

[...] parece evidente a hipótese, entre outras, de que, mediante os esforços requeridos pelo esporte, mediante a funcionalização do corpo team, que se realiza precisamente nos esportes prediletos, as pessoas adestram-se sem sabe-lo para as formas de comportamento mais ou menos sublimadas que delas se espera no processo do trabalho (Adorno, 2002, p. 123).

O foco no MMA enquanto profissão e negócio é bastante buscado por atletas e há, nesse sentido, toda uma lógica que permeia a forma como gerenciam suas carreiras, otimizam as

³⁶ Disponível em: <https://www.record.pt/modalidades/desportos-de-combate/detalhe/cris-cyborg-troca-ufc-pelo-bellator-e-assina-o-contrato-mais-lucrativo-da-historia>. Acessado em 6 de setembro de 2019.

oportunidades e consolidam seus nomes no contexto do MMA. As atletas tornam-se produtos interessantes sobretudo se apresentarem um excelente desempenho técnico e físico, e forem belas, femininas e sexies.

Jardim (2018) chama a atenção para a inexistência de categorias mais pesadas dentro do MMA feminino e levanta uma inquietação sobre o receio da presença de atletas com mais músculos e de certa forma fora de um padrão corporal feminino. O MMA não é apenas um esporte, é um negócio rentável. O fato é que no UFC existem poucas categorias de MMA, o que impõe certa limitação à quantidade de lutas femininas.

Por ser mulher a gente tem algumas vias mais fáceis, mas ao mesmo tempo não é tão fácil porque não há tanta mulher e nem tantas categorias. Por exemplo, os garotos conseguem fazer 4, 5 lutas e eu só consigo 2, 3 no máximo num ano muito ativo (GRV, lutadora).

Os homens sempre têm o primeiro lugar, sempre têm mais lutas, fazem a luta principal, mas as mulheres sempre deixam a luta a melhor da noite, o melhor nocaute, a melhor finalização. Então, tipo, elas sempre tão ali no meio (IN, lutadora).

Chegar ao elevado nível profissional, ser reconhecida internacionalmente não é uma trajetória fácil. Quando se fala em retorno financeiro as lutadoras recebem valores inferiores aos homens, com exceção de Ronda Rousey, campeã de desempenho físico excepcional e beleza comercial (Jardim, 2018). As mulheres atletas seguem uma via de mão dupla dentro do MMA, se por um lado elas precisam empenhar-se nos treinos e demonstrar sua capacidade técnica, por

outros precisam ser bonitas, possuidoras de uma imagem vendável capaz de gerir recursos econômicos. Torna-se essencial então treinar, vender a imagem, produzir lucros.

Na verdade, o interesse de Dana White pela luta feminina é que ele viu um poder de mercado e ele abraçou. Mas foi uma conquista nossa, não foi concedido, não foi concessão deles. O UFC é um evento extremamente machista, eu acho que só a existência de ring girls lá já comprova isso. Por que essa objetificação da mulher o tempo todo? (VJ, lutadora)

[...] o Dana White falou que nunca abriria uma luta feminina e hoje, um dos maiores *pay per view* é a Honda, depois vem o McGregor [...] pra gente isso é uma conquista muito grande hoje ter uma luta feminina e ganhar como a melhor da noite (GRV, lutadora).

O esporte espetaculariza os corpos, celebra seus feitos e suas conquistas. Mas, se ele fracassa é reafirmado com mais treinamento, se seus contornos corporais não se adequam ao ideal desejado eles são dominados, funcionalizados e moldados para os fins que se almeja. Dentro desse processo, os corpos femininos no MMA, sejam eles das lutadoras ou das *ring girls*, estão reduzidos a uma mercadoria. São corpos a serviço de uma sociedade na qual as imagens são produzidas e consumidas para satisfazer os desejos dos espectadores, e quem resiste só pode sobreviver integrando-se (Adorno & Horkheimer, 1985).

Treinamento e funcionalidade dos corpos das atletas

Aqui discutiremos e contextualizaremos a promulgação de ideais de um corpo disciplinado, meticulosamente treinado para fazer-se vitorioso e ser capaz de envolver e capturar os/as espectadores/as. A formação da atleta não se dá desvinculada de um contexto que condensa em um único lugar o treinamento e as estratégias de uma cultura de consumo. A forma como o MMA foi pensado e projetado nos possibilita afirmar que ele é ao mesmo tempo esporte e espetáculo. A estrutura da arena onde os combates acontecem, delimitada por oito lados e localizada ao centro, foi sugestão de John Milius³⁷ e inspirada no filme Conan, o Bárbaro (Grespan, 2014). Há dentro dessa lógica um poder de envolvimento e motivação que, através da produção de corpos fortes e tecnicamente habilidosos, busca a construção de lutadores e a legitimação do esporte

Spencer (2013) destaca três aspectos essenciais à formação de um/a exímio/a lutador/a: o combate, o ritual e o desempenho. É preciso dominar as técnicas e práticas específicas das artes marciais e preparar-se para o combate; ritualizar os movimentos para torná-los cada vez mais precisos; submeter-se aos diversos treinamentos e preparar o corpo para a eficácia do desempenho. Vejamos o que diz um recorte das fontes de pesquisa:

Foi possível observar que as embora as atletas compartilhem os mesmos espaços, os seus treinamentos eram individualizados e conduzidos por preparadores/as físicos/as diferentes. Cada

³⁷ John Frederick Milius is an American screenwriter, director, and producer of motion pictures (disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/John_Milius, acessado em 04 de setembro de 2019)

uma delas tinha a sua equipe de treino dentre todos os profissionais presentes nos espaços, exceto no treinamento das técnicas das variadas lutas. Este era conduzido pelos mesmos professores/mestres, todos homens, mas seguindo estratégias de treino em consonância com as potencialidades e dificuldades das atletas, como também da possível adversária do combate. O treinamento contempla as artes marciais, força, agilidade, resistência e o sparing³⁸ e, estão distribuídos ao longo da semana e em todos os turnos. Aos fins de semana os treinos são mais curtos (Diário de observação, 28 de janeiro de 2017, 10:00 hrs).

Elas treinam todos os dias estilos de luta diferenciados (judô, caratê, muay thai, *kickboxing*, jiu jitsu, *wrestling*) e executam exercícios de força, resistência e agilidade, tornando-se mais intensos nos meses que antecedem a luta.

[...] dois meses antes da luta [...] é uma coisa mais puxada do que no meu dia a dia. Normalmente eu faço três treinos [...] de manhã eu faço, a gente chama treino de meio que daí é pancadaria. Eu fico no meio e rodo com todo mundo, rodo com os homens, com as meninas e acabo o treino, daí a tarde eu venho e faço um técnico, a noite faço um jiu jitsu, um *wrestling*, depende muito do dia (IN, lutadora).

[...] três vezes na semana eu faço o muay thai, aí duas vezes na semana eu faço boxe, todos os

³⁸ Preparação física caracterizada por uma simulação real de luta, projetada de acordo com a necessidade de atleta e preparação para uma determinada luta.

dias eu faço jiu jitsu [...] a preparação duas vezes na semana, aí eu vou mesclando né, pra mim não fica muito fatigada (KV, lutadora).

[...] a gente luta diariamente. A gente treina, por exemplo, o boxe com queda, o muay thai. Cada dia a gente treina uma coisa, as modalidades separadas [...] ainda tem o sparing e a preparação física (VJ, lutadora).

Os excertos nos possibilitaram notar uma dinâmica na utilização dos espaços e execução do treino de acordo com o objetivo a ser alcançado, potencialidades e fragilidades das atletas e etapa do treinamento. Cada fase do treinamento torna-se fundamental para a preparação e formação da atleta, um caminho que é trilhado por todos, cada um executando a sua função em harmonia com o todo. Um corpo bem treinado estará preparado para a funcionalidades dos fins que almeja, mas é preciso também conhecer a adversária para projetar e executar cada etapa baseada nas possíveis potencialidades e fragilidades do combate. Quanto mais aperfeiçoado mais próximo estará da produção, do rendimento e das suas conquistas. A glorificação do sacrifício e do sofrimento tornam-se expressões significativas que todo esforço valeu a pena.

O treinamento é um conjunto teórico-prático de discursos e estratégias na busca pelo rendimento (Hansen & Vaz, 2004), mas é preciso também ter coragem e tornar o corpo resistente à dor. Portanto, o preparo físico e a dor estão fortemente presentes na estrutura do treino como partes essenciais do processo de formação e preparação da lutadora.

[...] na verdade a preparação física é a simulação da dor. Você leva o corpo a potenciais

similares ou maiores, dependendo da fase de treinamento, para que quando chegue na luta o corpo já tenha a noção que já passou por aquilo e saiba se adaptar (AL, preparador físico).

A preparação física a gente lida com a questão muscular né, com a questão do esforço. É preciso treinar e prepara bem a atleta para não se desesperar com a dor, posso colocar dor entre aspas (rsrs). É do esforço que ele tá feito [...] (LS, preparadora física).

É fazer bastante sparing [...] se ela sofrer dentro da academia, na luta não vai ver nada que já não tenha passado antes, entendeu? (V, preparador físico).

[...] eu acho que a maior preparação é o sparring. É um treinamento que a gente faz que é similar a luta e talvez mais duro que ela [...] (KV, lutadora).

No quarto dia de acompanhamento do treino a lutadora KV me conduziu até a sala de lutas. Ela estava em processo de preparação para o seu combate de estreia no UFC e um dos treinamentos que presenciei foi o sparing³⁹. Ao todo eram 5 pessoas: a atleta, outra lutadora (GRV) e os demais atletas. A atleta teve que executar variados golpes de lutas com todos que estavam ali. Foi uma atividade muito extenuante, o cansaço era visível em sua fisionomia, mas também a sua garra e o desejo em fazer uma boa

³⁹ Uma das atletas (PB) do estudo estava realizando os treinamentos, mas com restrições. Ela estava em processo de recuperação de uma fratura no punho esquerdo ocorrido durante um treinamento de sparing.

luta (Diário de observação, 26 de janeiro de 2017, 16:00 hrs).

O sofrimento desempenhado no treinamento é justificado pelo resultado dentro do octógono, a vitória torna-se símbolo de merecimento e reconhecimento de que todo o esforço foi válido. Níveis elevados de adrenalina camuflam a dor e o organismo reage diante de uma iminente derrota. Hansen e Vaz (2004) afirmam que não pode haver treinamento sem domínio do corpo de forma racionalizada, sem uma transformação do corpo em uma maquinaria à disposição de um além-corpo e porque não dizer, a favor de uma cultura da indústria do esporte.

Nesse sentido, a técnica e todo o treinamento projetado sobre os corpos perpassam por uma estrutura racional e planificada que, alicerçada no saber científico, constroem lutadoras preparadas para o combate. Para Adorno e Horkheimer (1985) a submissão ao formalismo lógico tem por preço a subordinação ao imediatamente dado. A formação da mulher atleta estaria, portanto, vinculada a um mecanismo de controle não apenas de preparação de um corpo fisicamente forte e hábil para a luta, mas sobretudo a serviço de uma lógica da IC. No esporte, o instrumento técnico por natureza é o próprio corpo, de forma que é ele que deve ser dominado, treinado e funcionalizado para os fins que se procuram (Vaz, 2001a). O esporte seria funcional à manutenção do mercado e, nesse sentido, a preparação da atleta associada ao caráter de espetáculo do MMA apresentaria um papel fundamental. Seja a lutadora detentora de maior força ou de uma eficácia técnica, o fato é que uma boa luta atrai mais olhares, traz mais visibilidade e gera mais lucro. Quando questionadas sobre se a luta feminina era mais técnica ou força, elas responderam:

Eu acho que hoje em dia na verdade a gente tá com dois padrões. A gente até brinca né (rsrs) que as mulheres paraibas são tipo, donas de uma força fora do comum. A Claudinha (referência a lutadora Claudia Gadelha) é um exemplo, ela é forte pra caramba. A Polyana (referência a lutadora Polyana Botelho) também, ela é bem forte. São lutadoras que têm dentro da carreira nocaute, o que não é muito normal para mulher assim. Mas eu acho que a mulher sim, ela é mais técnica porque ela se dedica mais a fazer aquilo ali [...] (GRV, lutadora).

[...] acho que é de acordo com a característica da pessoa né. Tipo, eu vou na luta mais agarrada, eu faço bastante força durante a luta, mas acho que é de acordo com a modalidade que a pessoa é especialista (KV, lutadora).

Os caras vão mais pra técnica, ficam estudando muito. A mulher já vai para cima querendo lutar. E a mulher já tem uma competição em si, né?! (PB, lutadora).

A partir dos dados é possível observar que o treinamento técnico e de força adquirem um caráter comum, ambos são relevantes para a formação da atleta. Porém, dentro desse processo de treinamento e formação o que mais sobressai na hora do combate são as habilidades especificidades de cada atleta, sejam elas oriundas de uma maior força ou de uma melhor tecnicidade. Os treinamentos aos quais as atletas são submetidas estão estruturados na racionalidade e tecnificação e são embasados, também, na essência de sua formação (GRV - muay thai e jiu jitsu; IN - mauy thai; KV - luta olímpica e judô; LP - taekwondo; PB - muay thai; VJ -

jiu jitsu). Entretanto, um corpo manipulável, medido e programável quando submetido ao treinamento torna-se eficazmente preparado para desenvolver a técnica e a força necessárias ao combate. Os corpos dentro da IC pertencem ao mundo da não liberdade (Adorno & Horkheimer, 1985) que, dentro do espetáculo esportivo aliena e mistifica a figura da atleta heroína. São corpos que potencializam a imagem ideal da atleta, refletida na harmonização dos músculos, na eficácia das suas técnicas, na potencialização das suas forças e na glorificação das suas conquistas.

MMA e a mercantilização esportiva

It's the time! Jargão famoso pronunciado por Bruce Buffer, locutor do UFC, de certa forma anuncia não apenas a iminência de uma luta, mas sobretudo de um esporte que em tão pouco tempo de existência conquista cada vez mais popularidade. A capacidade de propagar-se tão rapidamente através da indústria cultural aliada ao seu caráter espetacularizador aumenta as suas possibilidades de mercadorização. Bracht (1997) afirma que o esporte expandiu-se pelo mundo tão rápido e ferozmente quanto o capitalismo.

No caso do MMA algumas estratégias foram pensadas e efetivadas para atrair cada vez mais olhares. Projetada pela lógica da espetacularização e mercadorização, a violência não é mais empregada como estratégia promocional. Jardim (2018) cita algumas táticas que são utilizadas a exemplo do *thash talk*, troca de insultos entre os/as atletas com o objetivo de promover a luta e conseguir um combate mais rentável, uma *money fight*; as encaradas no momento da pesagem onde os/as lutadores/as cerram os punhos e afrontam-se, numa clara demonstração de que estão preparados para o combate; os encontros promovidos entre atletas e fãs nos dias que

antecedem o evento. É possível apreender que toda essa estruturação do esporte perpassa por sua mercadorização, desde o treinamento até as estratégias de torná-lo cada vez mais conhecido estão alicerçadas sobre a teoria da IC. E todo o processo midiático que sobre ele é projetado, torna-se o modelo mais claro desse rendimento econômico esportivo.

O MMA é um mercado financeiro. [...] É assim que funciona o MMA, esse é o MMA [...] Se o UFC não tivesse dinheiro o MMA não seria o que era hoje provavelmente (A, preparador físico).

[...] o UFC faz um trabalho sensacional né, com mídia e tudo mais. Eu acho que faltava era isso, profissionalizar de fato o esporte, entendeu? [...] Eu acho que ainda vai melhorar muito, eu acho que tem tudo para ir muito mais longe (V, preparador físico).

Nos espaços destinados aos diversos treinamentos das atletas apenas encontram-se afixadas publicidades da própria academia e do grupo de luta do qual as atletas fazem parte. As suas vestimentas de treino também traziam a logomarca da academia e/ou do grupo de luta, embora algumas delas fossem do Invicta FC e do UFC e tivessem os patrocinadores específicos de cada instituição (Diário de observação, 23 de janeiro de 2017, 11:00 am).

O MMA ganhou popularidade, tornou-se um esporte almejado por muitos/as atletas no contexto das artes marciais. Mais do que a projeção e concretização de um sonho, ele tornou-se um negócio rentável. Em geral as atletas são patrocinadas por seus grupos de luta, salvo aquelas contratadas pelas

instituições de renome, a exemplo do Invicta FC e do UFC. O Invicta FC⁴⁰ tem como patrocinadores as empresas: *Alienware, AWMA, AlertSquad, O₂ Trainer, V-Moda, Wilner and O'Reilly*; O UFC⁴¹, por ser detentor de uma das marcas esportivas que mais cresce no mundo esportivo, estabelece parcerias comerciais com: *Reebok, Go4it, Try e PokerStars*. Os feitos dos atletas, suas habilidades técnicas e coragem, clamam por uma espetacularização do MMA delimitada pelo que é ou não aceitável, pelo que é ou não rentável, pelo que é ou não vendável. O corpo das atletas, instrumento técnico por excelência, torna-se obediente, disciplina a dor e fascina a todos com as suas habilidades técnicas e força. São corpos que transitam entre os espaços midiáticos como um catálogo de vendas ambulante dispostos a lançar a última moda, divulgar uma marca de roupa ou demonstrar a eficácia da bebida energética do momento.

O fato é que ao ganhar força e popularidade o esporte pode/deve ser seguido e, como tal, consumido. Esse movimento promulgado, sobretudo, pelos meios de comunicação constituem o braço operacional da IC. A venda de lutas por pay per view e dos direitos de transmissão pelo canal Fox Sports e Canal Combat (Brasil), o *reality show* onde são apresentadas as estruturas de treinamentos e preparação dos seus atletas e o contrato de exclusividade com a marca *Reebok*, exerceram um papel fundamental na divulgação e ampliação da capacidade mercadológica desse esporte emergente (Jardim, 2018). Em pouco tempo a marca UFC tornou-se uma organização avaliada

⁴⁰ Disponível em <https://invictafc.com/about-us/>, acessado em 9 de setembro de 2019.

⁴¹Disponível em: https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/ufc-cria-nova-categoria-de-patrocinio-e-tera-aporte-do-pokerstars_36153.html; <https://www.ufc.com.br/news/ufc-brasil-anuncia-novos-parceiros-comerciais>; <https://exame.abril.com.br/blog/esporte-executivo/reebok-e-ufc-anunciam-parceria/>. Acessado em 9 de setembro de 2019.

em bilhões de dólares e passou a despertar olhares e ser objeto de desejo de muitos preparadores físicos e atletas. Nessa configuração esportiva é possível notar uma rede de negócios não só referente à luta em si, mas dos sujeitos envolvidos e, principalmente, atletas que preparados/as para a luta ascendem a celebridades cujas imagens são exploradas nas diversas formas de mercado (Jardim, 2018).

Então, meio que explodiu do nada [...] é uma porta gigante aberta. Ela (Ronda Rousey) abriu para ela e abriu para todas as outras meninas, que hoje a gente tem um espaço enorme (IN, lutadora).

A Ronda foi a maior referência para muitas pessoas, fez filmes, fez ensaio sensual, ela é vista como bonita, mas atleta ao mesmo tempo (A, preparador físico).

Pensando no esporte e a sua mercadorização há nesse sentido uma busca pela construção não apenas de exímias lutadoras, mas de mulheres atletas cuja beleza seja considerada um “produto” potencialmente rentável. Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que a IC expõe repetidamente o seu objeto de desejo, no caso das mulheres atletas de MMA, os seus corpos habilidosos, torneados e sexies.

Aparecia Amanda Nunes dois segundos e três minutos a Ronda. Eles dão mais visibilidade para ela do que para outras que são masculinas. Assim, é tipo, tem mais patrocínio, tem mais tudo ali (risos) (IN, lutadora).

O UFC quer explorar isso, quer é mostrar a feminilidade da mulher e a parte da lutadora né?

Então eles procuram fazer todo aquele marketing em cima delas, como aconteceu com a Ronda. Entendeu? (KV, lutadora).

É mercado, é mercado financeiro. Se você não chamar a atenção do UFC o UFC não vai te olhar. Mas não é chamar atenção sendo vulgar, é você mostrando o seu potencial técnico e sua beleza que isso vende, as pessoas te seguem (A, preparador físico).

Jardim (2018) afirma que hoje a mulher atleta é uma instituição, resultante do crescimento da indústria de consumo e da expansão da indústria do entretenimento.

O caráter fetichista da mercadoria se apodera [...] das pessoas em si; elas se transformam em fetiches para si mesmas (Adorno, 2002, p. 118).

O esporte passa a celebrar os grandes números, a que mais conquista, a mais habilidosa, a mais bonita, a que mais vende. O valor da atleta passa a ser mensurado pela técnica, força e beleza.

O UFC é um evento que tá dando espaço para mulher cada vez mais, abrindo categorias e dando visibilidade pra mulher, valorizando a mulher né? E ele procura sempre assim, manter o lado feminino da mulher e aquele lado da lutadora [...] graças a Deus o UFC ajudou muito isso né, a botar a valorização da mulher (KV, lutadora).

Nesse sentido, há dentro do MMA uma valorização da mulher lutadora, mas também feminina. Lutadora porque ela precisa ter resistência, força e técnica para competir e ocupar um

lugar que não foi pensado para elas. Ser feminina para exibir um corpo atraente aos olhares heterossexuais masculinos. Seus comportamentos refletem uma busca constante de serem lidas como belas/atraentes, habilidosas/fortes e, portanto, consideradas uma boa conquista para os grandes mentores do UFC, público e patrocinadores. São corpos que se adequam e se encaixam a um viés mercadológico. Jardim (2018) vai dizer que dentro do MMA existe um mercado da beleza no qual as marcas de gênero, sexualidade e raça se articulam delimitando o que seria uma atleta ideal. É preciso, portanto, apresentar-se como belas, sexies e exímias lutadoras para tornarem-se mais atrativa aos patrocinadores e, assim, impulsionarem suas carreiras.

Então eu posto uma foto normal de treino eu tenho 100 curtidas, eu coloco uma foto de biquíni tenho 500 curtidas. Pô, acontece isso comigo, se eu colocar uma foto de treino pô é um tanto de curtida normal, coloco outra pô, é um exagero de curtida (risos) [...] é mídia né. Então todo mundo quer mídia também. Então se tiver que posar de biquíni, calcinha e sutiã, por que não? (IN, lutadora).

Ah, é tudo marketing em cima né, a gente acaba aproveitando [...] é outra maneira de tá ganhando dinheiro. A nossa carreira de atleta não é tão longa, então eu acho que quanto mais a gente puder aproveitar aquilo, tá no topo e conseguir fazer dinheiro de outra forma né [...] acho que quem tem condições pra: ah vou ser modelo, ah vou ser, vou fazer filme. É interessante também pra isso e tipo, dá pra conciliar uma coisa com a outra (PB, lutadora).

O uso de perfis nas redes sociais, alimentados por fotos sensuais que ressaltam os contornos do corpo ou apenas partes dele, é umas das estratégias utilizadas pelas atletas no seguimento dessa possível trajetória de sucesso. As falas das lutadoras demonstram que são comuns os ensaios sensuais e que isso faz parte do marketing tanto da atleta quando da instituição promotora de lutas. Permitir que sua beleza seja também explorada significa ampliar as possibilidades de sucesso e de lucro. Dentro dessa lógica do consumo o valor dos corpos das mulheres atletas e de tantos outros é fornecido, também, por sua exterioridade, é culturalmente condicionado, codificado e introjetado pela mídia, elemento central da IC. Quando questionadas se a beleza é um fator influenciador para a sua valorização e reconhecimento dentro do MMA elas concordaram que sim:

Você começa a olhar aquela mulher é bonita e tudo mais e aí entra pra ser lutadora, já fica sendo conhecida entendeu? Então a beleza ajuda, lógico (KV, lutadora).

[...] o público quer ver a mulher linda lutando, sabe. Tipo, batendo muito, entendeu? E eu acho que isso acaba sendo bom (risos) (PB, lutadora).

Segundo Jardim (2018) as lutadoras mais valorizadas pelas organizações e patrocinadores são aquelas que além de um bom desempenho atlético também encaixam-se em um padrão de feminilidade. Embora os esportes de combate apresentem-se abertos à presença e permanência de mulheres atletas e espectadoras, eles ainda são pensados e produzidos por e para um público majoritariamente masculino e heterossexual.

Por exigirem força e agressividade, elementos destoantes dos ideais femininos, aquelas que ousam romper com tais estruturas são consideradas desviantes. O esporte é ainda um espaço marcado pela perpetuação de comportamentos que reiteram representações normalizadores de feminilidades e masculinidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo empreendemos uma pesquisa qualitativa, que nos possibilitou mergulhar no contexto do MMA feminino e analisar o processo de inserção e formação da atleta a partir de reflexões estabelecidas pela teoria da IC. O MMA torna-se referência para a construção de sonhos e consubstancia-se como uma possível conquista financeira na construção de uma carreira de sucesso. Nesse sentido, o crescimento rápido do esporte, o elevado retorno financeiro associado a um baixo número de competições e de reconhecimento em outras artes marciais foram expoentes influenciadores na decisão das lutadoras em iniciar sua trajetória no MMA.

Por ser uma modalidade que visa, sobretudo, a obtenção cada vez maior de lucro, abrir categorias para lutadoras, promover e divulgar as disputas foram ações que estiveram vinculadas a massivos interesses financeiros. Ao mesmo tempo em que os corpos das mulheres atletas apresentam-se nas arenas como tecnicamente habilidosos, eles também devem ser bonitos e sensuais.

O MMA traz em si uma série de características que o coloca, assim como os demais esportes modernos, como um elemento da IC: a competitividade, o desejo pela vitória, a possibilidade de ascensão e a obtenção de lucro. No esporte a IC se faz presente na busca do profissionalismo, na beleza dos corpos e na execução das suas técnicas, tudo é projetado para a

comercialização e produção de lucros. As atletas são produtos da IC, treinadas e formadas para criarem condições de consumo. Dentro dessa lógica Indústria Cultural - Esporte, os corpos das atletas transformam-se em algo que tem que ser manipulável, medido e programado, precisamente treinado e belo para tornarem-se produtos em condições de serem consumidos.

A IC vende um ideal de atleta e, mesmo que seja uma ideia utópica de indivíduo ou mesmo a imagem de uma heroína, a lutadora é produto cultural e acaba sendo uma propaganda de si próprio. Há dentro dessa lógica uma adequação perfeita entre meios e fins, a formação da atleta também é permeada por estratégias midiáticas que conferem poder e reconhecimento. O MMA edifica-se como um espaço de tecnificação corporal, mas também como um terreno fértil para a construção e propagação de discursos e práticas impulsionadas pelos imperativos econômicos. Dentro dessa lógica, formar a atleta e prepará-la técnica e fisicamente perpassa pela construção de contornos corporais simetricamente adequados e a serviço da lógica da mercadorização esportiva. Quanto mais belas e eficientes as atletas forem, maiores serão os seus rendimentos financeiros.

O fato é que inserir-se nos esportes de combate demonstra que as lutadoras assumiram uma postura desafiadora, ousada e, por certo libertadora, ao caminhar no sentido contrário às normas tradicionalmente estabelecidas. Mas, ao mesmo tempo em que as atletas rompem barreiras de gênero ao adentrarem na modalidade, elas ainda precisam exibir uma feminilidade padrão. Como diz Rhodes Lima (narrador de MMA do Canal Combate) calcem as luvas, coloquem os protetores bucais e vamos para a luta. Embora o MMA seja considerado como um espaço de conquista, resistência e empoderamento das

mulheres atletas, é importante continuar a estudar a forma como é apropriado por questões mercadológicas, subjugando as atletas aos princípios da IC.

REFERÊNCIAS

- Adelman, M. (2003). Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*, 11(2).
- Adorno, T. W. (2002). *Indústria cultural e sociedade*: Paz e Terra São Paulo.
- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 19-52.
- Albino, B. S., & Vaz, A. F., (2008). O corpo e as técnicas de embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. *Movimento*. (ESEFID/UFRGS) vol. 14, n 1, Jan/abr 2008. pp. 199 - 223.
- Araújo, A. M. A. de, Vaz, A. F., & Bassani, J. J. (2018). Corpo e identidade: um olhar sobre mulheres praticantes de bodybuilding. *Movimento* (ESEFID/UFRGS), 24(3), pp. 961-972.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições, 70, 225.
- Bassani, J. J., & Vaz, A. F. (2008). Technique, body and reification: work notes about this theme by Theodor W. Adorno. *Educação & Sociedade*, 29(102), pp. 99-118.
- Bitencourt, F. G. (1997). Globalização: O Esporte e a Cultura de consumo. *Motrivivência* (10), pp. 85-95.
- Bracht, V. (1997). *Sociologia crítica do esporte*: uma introdução: Centro de Educacao Fisica e Desportos da UFES.

- Brohm, J., (1982). *Sociología Política Dell Deporte*. Traducción de: David Álvares Aub; René Palacios More. Fondo de Cultura Económica. Cidade do México. 1982.
- Casco, R. (2018). Ideologia esportiva e formação do indivíduo: contribuições da Teoria Crítica do Esporte. *Psicologia USP*, 29(2), pp. 179-188.
- Costa, A. C. S. da, Palheta, A. N. A. A., Mendes, A. M. P., & de Sousa Loureiro, A. (2010). *Indústria cultural: revisando Adorno e Horkheimer*.
- Elias, N., & Dunning, E. (1986). An essay on sport and violence. In: Elias, N. & Dunning, E. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process*. Oxford: Basil Blackwell, pp. 150-173.
- Fernandes, V. L. F. P., Mourão, L., Goellner, S. V., & Grespan, C. L. (2015). Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de Boxe e MMA. *Revista da educação física/UEM*. Maringá. Vol. 26, n. 3 (jul./set. 2015), pp. 367-376.
- Grespan, C. L. (2014). *Mulheres no octógono: performatividades de corpos e sexualidades*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Grespan, C. L., (2015). *Mulheres no octógono: performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades*. 1ª edição. Curitiba: Appris.
- Hansen, R., & Vaz, A. F. (2004). Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 26(1).
- Jardim, J. (2017). "Até vestidinho elas estão botando": Problematizando padrões corporais, de gêneros e sexualidades nas Artes Marciais Mistas femininas.

- Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress* (Anais Eletrônicos), pp. 1-12.
- Jardim, J. G. (2018). *"It's time"! MMA feminino, mercado da beleza e cis-heteronormatividade: uma etnografia multissituada com lutadoras brasileiras*. In Faculdade de Filosofia e Ciências (pp. 255): Universidade Estadual Paulista - Marília/SP.
- Marcondes, N. A. V., & Brisola, E. M. A. (2014). Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. *Revista Univap*, 20(35), pp. 201-208.
- Marcus, G. E. (1995). Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. *Annual review of Anthropology*, 24(1), pp. 95-117.
- Minayo, M.C. S., (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª ed. São Paulo: Hucitec.
- Pires, G. d. L. (2017). A indústria cultural e as atividades físicas e esportivas. Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas,. *Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. PNUD. Empoderando vidas. Fortalecendo nações.*, 1-37.
- Silva, G. O. S. da, Jaeger, A. A.; Silva, P., (2016). Mulheres no Mixed Martial Arts: Corpos for a do lugar? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. v. 16. nº S2A. Faculdade de Desporto. Universidade do Porto. pp. 107 - 115. ISSN: 1695-0523.
- Spencer, D. C. (2013). *Ultimate fighting and embodiment: Violence, gender and mixed martial arts*. Routledge.
- Torri, D., (2008). *Teoria Crítica do esporte: atualidades, disputas e interpretações*. Dissertação (mestrado). Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. 2008.

- Vaz, A. F. (2001a). Técnica, esporte, rendimento. *Movimento*. Porto Alegre. Vol. 7, n. 14 (2001), pp. 87-99.
- VAZ, F. A. (2001b). Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento. *Caderno CEDES*.
- Vaz, A. F. (2003). Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. *Pro-Posições*, 14(2), pp. 61-75.
- Vaz, A. F. (2008). Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade. *Revista Esporte e Sociedade*, 1(1).
- Weaving, C. (2014). Cage fighting like a girl: Exploring gender constructions in the Ultimate Fighting Championship (UFC). *Journal of the Philosophy of Sport*, 41(1), 129-142.

Financiamento: CIAFEL, FCT/UID/DTP/00617/2019

DISCUSSÃO

DISCUSSÃO

As discussões que permeiam a presente pesquisa em torno do *Mixed Martial Arts* praticado por mulheres tem, sobretudo, uma significação política por trazer à luz uma temática que, face ao crescente interesse, ainda é um fenômeno pouco estudado no meio acadêmico. Não podemos negar, e isso é obvio, que o nosso primeiro estudo foi fundamental para nos aproximarmos mais das pesquisas desenvolvidas no universo do MMA e as leituras a partir dele feitas foram essenciais para a ampliação do nosso olhar acerca da presença das mulheres atletas no contexto desse esporte de combate, fazendo emergir novos questionamentos e assim dando suporte ao processo de (re)estruturação da pesquisa.

Não queremos aqui delimitar esse início do processo como o princípio e o fim de tudo e que esse primeiro contato foi, por si só, suficiente para pensarmos sobre nosso objeto e o campo de pesquisa. Não, isso não aconteceu, o ato investigativo foi sendo descoberto ao longo do processo, a cada momento que fechávamos alguns pontos outras questões apareciam e assim fomos seguindo, sempre atentas às múltiplas possibilidades de (re)significação das mulheres atletas em um esporte hegemonicamente masculino. As discussões que teceremos são considerações do agora, mas que por si só não estão definidas, foram respostas momentâneas, formas de olhar para os dados buscando captar o que eles evidenciavam e, sobretudo, o que ainda se encontrava escondido (Flick, 2009).

A legitimação do MMA como esporte

O MMA, prática caracterizada pela junção de diferentes artes marciais e originariamente masculina, traz

em sua essência poderes e saberes constituídos e constituidores de um atleta forte, viril e corajoso. Desejosos de tornarem-se visíveis e conseguirem mais adeptos, os seus idealizadores buscaram promover combates mais reais e assim conseguirem distanciar-se de práticas de destaque no momento: o *pro-wrestling* e o boxe. Em nome do lucro o MMA investe e se organiza, passa de uma prática proibida a uma instituição estrategicamente projetada para atrair olhares, fazendo gerir um negócio e despertar as emoções dos espectadores (Awi, 2012; Grespan, 2014; Jardim, 2018; Lise, 2017; Salvini, 2014). A adoção de regras foi necessária para estabelecer um equilíbrio entre entretenimento, negócio e esporte (Awi, 2012).

Galgar os primeiros passos em direção ao conhecimento desse esporte emergente, suas estratégias de edificação, propagação e institucionalização foi possível a partir de um mapeamento dos estudos já realizados. Faz-se necessário ressaltar que no estudo de revisão sistemática qualitativa realizado estabelecemos critérios de inclusão e exclusão, sendo os estudos selecionados aqueles de viés qualitativo em sua maioria caracterizado por ensaios e realizados principalmente no Brasil e Estados Unidos da América (EUA). Acreditamos que essa relação entre o número de estudos e os referidos países ocorra devido a estes exercerem papel fundamental no MMA, os brasileiros por serem os mentores da sua criação e os estadunidenses por serem possuidores da maior instituição promotora de lutas. Outro ponto que reforça tal relação é o fato de que os EUA é o país com maior número de lutadores/as profissionais, nesse quesito o Brasil encontra-se em segunda posição (Jardim, 2018; Lise, 2018). Cada esporte traz consigo singularidades existenciais e, por ser contemporâneo, o MMA apropriou-se de estratégias midiáticas como forma de divulgação. Porém, o fácil acesso

ao que estava sendo colocado em prática gerou aproximações e afastamentos das pessoas que passaram a conhecê-lo, dividindo-se entre aqueles que o consideram uma prática esportiva e os que o associam a uma prática agressiva (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Lise, 2018). Essas foram algumas associações presentificadas nos discursos de estudantes de Licenciatura em Desporto de uma universidade do norte de Portugal. As falas dos estudantes foram consideradas como discursos constituídos de vivências e experiências corporais e, portanto, carregado de conhecimento. O discurso é “[...] o objeto de desejo, aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 2009, p. 10). Este foi um conceito que aqui relacionamos as representações de mundo dos/das estudantes, posicionado-os/as no contexto de prática esportiva fazendo emergir discursos a partir das suas experiências de vida e dos lugares que os contituem, dos vínculos e experiências desportivas que construímos ao longo das nossas vidas, sejam enquanto atletas, praticantes, espectadores ou profissionais das mais diversas áreas de atuação.

Olhar para esses dados é perceber que os/as estudantes, embora inseridos em um mesmo curso, possuem concepções diferenciadas acerca do MMA. Vale ressaltar que alguns até desconheciam essa prática sendo que neste primeiro contato o que foi apresentado, através da técnica de grupo focal, causou algum desconforto a ponto de ser necessária uma pausa para apresentar algum tipo de discurso. Mas era o novo que se apresentava, um novo que foi pensado e promulgado sustentado no slogan ‘*there are no rules*’ e na promoção de uma luta mais real e diferente do que até então estava em difusão (Awi, 2012; Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Lise, 2017).

A primeira impressão perpassava mais por uma "espetacularização" (G2/M1/Italiana, G1/H1/Português)⁴² e uma "prática agressiva" (G2/H2/Brasileiro) do que pela percepção esportiva. Entretanto, se por um lado emergiu uma associação do MMA a um espetáculo de práticas agressivas, por outro, foram referidas características comuns aos esportes modernos: "competição" (G1/M2/Brasileira), "movimento, contato, público, prêmios" (G3/H1/Português), "técnica" (G1/H3/Brasileiro). O processo de desportivização foi um impulso civilizador no qual as regras são orientadas pela ideia de justiça, igualdade de oportunidades entre os oponentes e eficiência no cumprimento às regras (Elias, 1992).

Associar o MMA a um espetáculo é de fato algo evidenciado na estrutura da sua organização, desde a divulgação das lutas e todas estratégias de marketing sob as quais é alicerçado (*Pay-Per-View/PPV*⁴³, *The Ultimate Fighting/TUF*⁴⁴, assinatura dos cartazes, *trash talk*⁴⁵, momento da pesagem, dentre outros) até o momento exato do combate. E, embora hoje o MMA esteja estruturado por regras, processo que aconteceu praticamente como uma obrigação já que a sua transmissão passou a ser proibida em grande parte dos estados estadunidenses, a visualização de uma prática de elevado contato corporal soou um tanto agressiva aos que até então a desconheciam.

⁴² Cada participante foi aqui identificado quanto ao grupo (G) de 1 a 4, e de acordo com a ordem das falas no processo de transcrição de homens (H) e mulheres (M) participantes (exemplo: G1/M2).

⁴³ Sistema de entretenimento (campeonato de lutas e futebol, filmes e shows) no qual os usuários comprem a programação desejada e que é vista por todos em um único momento (Grespan, 2014, 2015).

⁴⁴ Reality show criado em 2005 que apresenta os seus lutadores no início da carreira, seus treinamentos e disciplinarização às regras (Grespan, 2014, 2015).

⁴⁵ Ofensas trocadas entre os/as atletas desde o anúncio até a realização do combate. É uma mercadológica utilizada pelos/as lutadores/as para conseguirem a "*the Money fight*", luta mais valiosa da noite (Jardim, 2018; Salvini, Marchi Junior, 2016).

Sejam em grandes ou pequenas proporções o MMA já é uma realidade em praticamente todo o mundo, mas isso não quer dizer que seja uma prática acessível a todos. Embora seja transmitido em mais de 150 países e em 22 línguas diferentes ao redor do mundo⁴⁶, essa transmissão geralmente é feita em canais de TV pagas. Mesmo inseridos em uma mesma cultura, os indivíduos participam diferentemente dela. Assim seria um equívoco conectar o conceito de cultura a um determinismo geográfico e biológico. Eles não podem ser responsáveis pelas diferenças culturais existentes entre os povos, uma vez que existem diferenças culturais significativas em condições geográficas semelhantes, e as diferenças culturais também não podem ser justificadas em função da genética (Laraia, 2001). Assim, os brasileiros, embora estejam em um contexto propagador do MMA e compartilhem de uma mesma cultura, eles não são influenciados de forma igualitária por essa prática: "eu não considero um desporto, mas há quem goste, mas não vejo qual o interesse de tá a bater em outra pessoa" (G2/H2/Brasileiro); "Eu acho que falar do MMA é abordar outros esportes de artes marciais. O MMA é uma junção deles, então tem também os valores das outras modalidades" (G2/H1/Brasileiro). Um estudante consegue observá-la enquanto esporte já o outro mantém-se firma na vinculação do MMA a uma prática agressiva. Tais exemplos compactuam com a compreensão de que nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura (Laraia, 2001).

O que se pode perceber decorrente da análise interpretativa na presente investigação é que todo o processo que se segue à compreensão do MMA enquanto modalidade esportiva está permeado pela percepção de uma prática eminentemente

⁴⁶ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ultimate_Fighting_Championship Acessado em 23 de outubro de 2019.

agressiva. Visualizar o MMA de tal maneira reflete um discurso que extrapola o seu processo de legalização e suas regras que, por si só, são fatores delimitadores de atos hostis, uma linha delimitadora do que é proibido e permitido (Adabo e Gonçalves, 2014).

O esporte enquanto fenômeno social e cultural, cria formas de olhar, consciência e consistência acerca do que é visível e experiencial. Esse mesmo olhar subjetivo afirmador ou negador do MMA enquanto prática esportiva é, por sua vez, influenciador na compreensão acerca de outros elementos existenciais das práticas esportivas. Embora os estudantes reconheçam no MMA a existência de características semelhantes aos demais esportes, visualizar um combate repletos de golpes fez emergir outros pontos de discussão: a prática do MMA e os impactos na saúde, a existência de valores que permeiam a sua prática e a presença de mulheres atletas em uma modalidade tão agressiva.

Um estudo realizado nos Estados Unidos da América constatou que a prática de atividades esportivas e de lazer correspondem a 10% do total das principais causas de ocorrência da lesão cerebral traumática, uma incidência equivalente entre 1,6 a 3,8 milhões de casos constatados (Lanof et al., 2014). Quando esse esporte é o MMA eles/elas consideram que os impactos poderão ser mais nocivos tanto a curto quanto a longo prazo e fazem tal afirmação ao compará-lo com o boxe: "Esse esporte é a base de porrada igual ao boxe" (G1/H1/Português); "De fato é mal para a saúde não só a longo prazo como a curto prazo [...]" (G1/M2/Brasileira). A visualização de um contato maior durante o combate ainda o coloca no topo dos esportes que mais geram impactos negativos na saúde dos praticantes. Sánchez e Malcolm (2010) apresentam dados de uma pesquisa acerca do número de mortes

nos esportes dentro dos EUA⁴⁷. De acordo com esse estudo o MMA não apresenta nenhum caso e, ressaltam que a associação desse esporte a um dos mais nocivos encontra-se permeada pelo que eles chamam de “pânico moral” um entendimento que se encontra baseado na percepção e não nos níveis reais de violência. Outros estudos (Bledsoe et al., 2006; Lockwod et al., 2018; Lystad, Gregory e Wilson, 2014) concluíram que quando equiparado ao boxe, o MMA apresenta uma quantidade menor de lesões por conter entre suas estratégias de luta golpes como trava de braço e pernas, fato que acaba reduzindo o número de golpes repetitivos na cabeça. Um outro (Hutchison et al, 2014), ao analisar o MMA em referência a outros esportes de contato, verificou nele uma maior incidência de traumatismo crânio encefálico. Embora já existam alguns estudos (e.g. Bledsoe et al., 2006; Hutchison et al., 2014; Lockwod et al, 2018; Lystad, Gregory e Wilson, 2014) acerca de tal investigação apresentem resultados interessantes, eles ainda não são suficientemente significativos para tecer tais conclusões.

A visualização de um combate considerado agressivo coloca em xeque os valores que permeiam a sua prática e justificam a sua existência: ‘Nos desportos de equipa há ajuda, lealdade e aqui não se vê isso [...] aquilo que vemos lá são poucos segundos de muito sangue e muita agressividade e, não deixa de ser uma mensagem que se passa [...]’ (G2/M1/Italiana). A capacidade de tolerância à violência, depende de fatores históricos, culturais, sociais e individuais (Vasques, 2003).

Segundo Dunning (1992) os esportes são por sua natureza competitivos e por isso agressivos, mas o transbordar de tal

⁴⁷ Número de mortes nos esportes a cada 1000 participantes: 0,13 - boxe; 0,3 - futebol americano; 5,1 - montanhismo; 12, 3 - paraquedismo (Sánchez, Malcolm, 2010).

condição a atos violentos são um reflexo de um descumprimento das regras. O que visualizamos no MMA é uma agressão socialmente aceita, ritualizada, regida e controlada fisicamente por regras e por todos os indivíduos que pensam e vivenciam esse esporte. Porém, tal compreensão tecida por Dunning (1992) é contestada pela estudante ao acreditar que o MMA não possui nada de positivo e que presenciar uma modalidade tão brutal potencializa a frequência de atos agressivos no dia-a-dia. Outros defendem que o desconhecimento de determinada prática contribui, significativamente, para tecer tal tipo de associação e, que embora muitos a ignorem e tenham como ideia apenas o que foi visualizado nos encontros, existem sim valores sociais que permeiam esse esporte e as atitudes dos que dele fazem parte: "Muitos lutadores e lutadoras têm academias para pessoas carentes, e eles ajudam uns aos outros" (G2/H1/Brasileiro), "por trás desse esporte tão agressivo tem sim o espírito desportivo, sabe?" (G1/M2/Brasileira). A relação que os estudantes estabelecem com o MMA perpassa por um processo de significação carregado de história e cultura e que produz sentido sobre as coisas. O efeito como determinado esporte se descortina e passa a ser aceito na sociedade depende da forma como ele é culturalmente vivenciado e percebido pelos indivíduos. O modo de ver o mundo, a moralidade, os comportamentos sociais e até mesmo as posturas corporais são produtos da cultura (Laraia, 2001).

Por ser mais realista e ser posicionado como o mais violento, o MMA foi associado a um show de brutalidades e reforçado como prática eminentemente masculina e, portanto, inadequada ao corpo frágil, delicado e passivo da mulher (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018). A vinculação de força, virilidade e coragem aos homens e a fragilidade, delicadeza e passividade às mulheres foram perspectivas que emergiram nos estudos

empíricos, o que implica considerar que tais características ao serem vinculadas ao sexo biológico determinam o pertencimento e as possibilidades de movimentação nas práticas esportivas (Goellner, 2007, 2016).

As mulheres atletas de MMA

O MMA por ser um esporte que, para além das habilidades técnicas específicas das lutas, exige força, coragem, virilidade e resistência, a sua prática não é vista por alguns/algumas estudantes como apropriada às mulheres: “É um bocado chocante ver uma mulher nessa luta” (G3/H1/Português); “[...] ver uma mulher cheia de sangue a levar socos na cara não é assim tão fácil de ver” (G4/H1/Português). A compreensão de que uma mulher pode ferir e/ou ser ferida por alguém viola a concepção de um corpo feminino civilizado e retrata o MMA como algo abjeto quando praticado por elas (Mierzwinski, Velija e Malcolm, 2014). Os caminhos trilhados pelas mulheres atletas sempre se direcionam para uma encruzilhada do que é ou não permitido e adequado a elas.

A alegada justificativa dos estudantes encontra-se sustentada na percepção de que essa é uma prática corporal que exige um maior contato físico e que ver uma mulher deferindo golpes de maneira tão agressiva sobre outra é algo um tanto chocante de ser presenciado. As palavras de Louveau de há quase duas décadas atrás continuam pertinentes no presente e plenas de significado, quando afirmava que

Mostrar ou exercer a sua força, entregar-se a um combate, dar ou levar golpes, assumir riscos corporais são atributos que as mulheres parecem não poder fazer seus e que, portanto,

pertenceriam, em exclusivo, à masculinidade (Louveau, 2000).

Esta percepção também está presente nos espaços sociais das atletas. Embora as atletas participantes da nossa pesquisa de campo já estivessem há muito tempo inseridas no contexto das artes marciais (GRV - muay thai e jiu jitsu; IN - mauy thai; KV - luta olímpica e judô; LP - taekwondo; PB - muay thai; VJ - jiu jitsu), a transição para o MMA provoca um receio em pessoas do círculo familiar de que a prática masculiniza o corpo da mulher. A fala da mãe da lutadora KV de que ela havia estragado o corpo e agora iria machucar o rosto, demonstra que, embora ela já seja atleta de artes marciais (judô e Luta olímpica) o MMA soa como uma prática um tanto agressiva para uma mulher. Parece que ser uma competente atleta de MMA inviabiliza a afirmação identitária de ser mulher na sociedade. Com efeito, a associação da masculinidade a uma determinada prática esportiva é reflexo de uma estrutura social que exerce com todo o seu poder formas de controle ao restringir ou excluir as mulheres de espaços e papéis, também no esporte.

Estes discursos de participantes nesta pesquisa parecem estar sustentados por uma visão biologista de corpo, crenças que condicionam as práticas esportivas ao gênero, ou seja, sustentam-se na generificação do corpo biológico que lança as bases e sustenta um corpo social performativo com repercussões visíveis nas formas e movimentos que os corpos no esporte devem, ou não, exhibir e desenvolver (Silva, Botelho-Gomes & Goellner, 2012).

O MMA convoca-nos a alargar os olhares, identificar os vestígios e rupturas, desconstruir representação do corpo e analisá-lo a partir de diferentes discursos para que possamos compreendê-lo a partir do desejo e aceitação, revelando-se

como possuidor de uma singularidade em meio ao tempo e ao espaço. Um eu construído a partir de referências inscritas e prescritas em diversas instâncias culturais (Goellner, 2003). Mesmo associado o MMA a uma prática agressiva, que em muitos momentos a presença de mulheres atletas tenha soado um tanto chocante, foi um consenso entre os estudantes o reconhecimento e a afirmação de que elas estão conquistando cada vez mais outros espaços, reivindicando e obtendo novos direitos, dentre eles o acesso à profissionalização em esportes de combate: “[...] se há o masculino, há também o feminino” (G1/M3/Portuguesa); “Com treino, vontade e talento qualquer mulher consegue lutar” (G3/H2/Espanhol). A participação das mulheres no esporte do MMA, e a organização do UFC em particular, desafiam os estereótipos tradicionais da passividade física feminina e tentativas de invisibilidade física. As experiências estão enraizadas nos objetos-sujeito, e não apenas nos objetos-corpo. O MMA abre espaço para que as mulheres realizem experiências corporais vividas e desafiem as limitações impostas às suas capacidades corporais (Weaving, 2015).

Um corpo bem treinado estará preparado para a funcionalidades dos fins que almeja. Quanto mais aperfeiçoado mais próximo estará da produção, do rendimento e das suas conquistas. Nos últimos anos temos presenciado um aumento significativo da participação das mulheres nos esportes de combate e inserir-se neles é uma demonstração libertadora e desafiadora, em sentido contrário das normas tradicionais estabelecidas pela heteronormatividade e de apresentarem corpos reestruturados e ressignificados daquilo que socialmente foi atribuído e considerado adequado ao feminino (Fernandes et al., 2015; Mierzwinski, Velija e Malcolm, 201; Ming, Simpson & Rosenberg, 2016).

Todo esse processo é demarcado também pela descoberta das limitações e potencialidades, do prazer em sentir o corpo desabrochar e adelgaçar-se e sentir o fazer como fruto do treinamento, disciplina, dedicação e desejo em tornar-se reconhecida e respeitada como uma grande lutadora (Wacquant, 2002). A glorificação do sacrifício e do sofrimento se tornam expressões significativas que todo esforço valeu a pena. O treinamento é um conjunto teórico-prático de discursos e estratégias na busca pelo rendimento (Hansen e Vaz, 2004), mas é preciso também ter coragem e tornar o corpo resistente à dor. Não pode haver treinamento sem domínio do corpo de forma racionalizada, sem uma transformação do corpo em uma maquinaria à disposição de um além-corpo e porque não dizer, a favor de uma cultura da indústria do esporte. E assim elas seguem em busca da sua carreira, dando visibilidade a novas formas de representação do ser mulher, também demarcado pela força, coragem e determinação, presentificadas durante os seus treinamentos e nos combates travados dentro e fora do octógono.

Dentro e fora do octógono

O MMA é uma das marcas esportivas que mais cresce e transformou-se em um dos esportes mais rentáveis explicitamente demonstrado pela indústria cultural, hoje uma das mais lucrativas mercadorias. Dentro dessa lógica os corpos também se tornam rentáveis. Adorno e Horkheimer (1985) dizem que o indivíduo desenvolveu técnicas que lhe permitisse num primeiro momento sobreviver, para posteriormente viver em sociedade. Seguindo essa lógica da indústria cultural os corpos das atletas submeteram-se à lógica estrutural do esporte, treinaram, mostraram-se eficientes para garantir a sua inserção e permanência no MMA e, uma vez iniciado esse

caminho, foi preciso dominar o corpo e dispô-lo a serviço do esporte. Durante a pesquisa de campo, quando questionadas acerca da estrutura dos seus treinamentos elas responderam: “[...] a gente luta diariamente [...] Cada dia a gente treina uma coisa, as modalidades separadas [...] Ainda tem o sparring e a preparação física” (VJ⁴⁸, lutadora); “Você leva o corpo a potenciais similares ou maiores, dependendo da fase de treinamento, para que quando chegue na luta o corpo já tenha a noção que já passou por aquilo e saiba se adaptar” (AL, preparador físico).

Elas treinam todos os dias estilos de luta diferenciados (judô, caratê, muay thai, kickboxing, jiu jitsu, wrestling) e executam exercícios de força, resistência e agilidade, tornando-se mais intensos nos meses que antecedem a luta. Embora compartilhem os mesmos espaços, os seus treinamentos são individualizados e conduzidos por preparadores/as físicos/as diferentes. Cada uma delas tem a sua equipe de treino dentre todos os profissionais presentes nos espaços, exceto no treinamento das técnicas das variadas lutas. Este é conduzido pelos mesmos professores/mestres, todos homens, mas seguindo estratégias de treino em consonância com as potencialidades e dificuldades das atletas, como também da possível adversária do combate (Diário de observação, 28 de janeiro de 2017, 10:00 hrs).

Embora a presença das lutadoras seja reconhecida e legitimada no MMA é possível ver um cerceamento quanto aos cuidados com a aparência diante do temor de um aspecto masculinizado. Isto porque, como dados desta pesquisa sugerem, o MMA é entendido como uma prática desportiva que masculiniza corpos e inviabiliza uma aparência socialmente codificada à mulher.

⁴⁸ As iniciais seguidas das palavras lutadoras ou preparador/a físico/a correspondem as identificações dos sujeitos participantes do nosso quarto estudo.

Apesar de fazer-se legítima a presença das lutadoras no MMA, representa uma infração às normas do que socialmente seria apropriado e uma ameaça à representação de uma feminilidade normalizada (Adelman, 2003; Goellner 2005a, 2005b), pelo que os códigos simbólicos no octógono que da mulher fazem a atleta devem ser erradicados quando esse corpo se apresenta no espaço social fora do octógono.

Sailors e Weaving (2017) definiram as atletas de MMA a partir de dois conceitos: Glamazon e Amazon. A partir de tal divisão as autoras tiveram como foco de análise a lutadora Ronda Rousey, a primeira a ser contratada pelo UFC, uma atleta que consegue incorporar as duas formas diferenciadas de sentir e perceber seu corpo ao estar conectada aos espaços in/out do octógono. No octógono incorpora a amazon que, possuidora de elevada habilidade técnica, exhibe-se na arena com um corpo forte e viril. Fora do octógono assume o perfil da Glamazon, encaixando-se nos ideais sociais de uma feminilidade normalizada.

Diante das imagens das lutadoras dentro e fora do octógono os/as estudantes demonstraram um pouco incomodados com o que veem e expressam-se como se estivessem diante de pessoas diferentes. Tal inquietação perpassa principalmente com aquelas cujos corpos são lidos como masculinizados, desde o aumento muscular, até as expressões agressivas demarcadas em seus rostos no evento da pesagem e a famosa encarada protagonizada pelas lutadoras e, nos momentos que antecedem a luta quando elas adentram ao espaço do evento embaladas por uma música de sua escolha e ovacionada pelo grande público. Ao inserirem-se em esportes que a elas histórica e culturalmente a prática foi negada, as mulheres tonificam seus corpos ao seguir uma rotina de treinamento rigorosa, e por mais que em determinados momentos elas contribuam para a manutenção de uma estabelecida ordem social demarcada pelos

ensaios sensuais e a autoafirmação de vivenciarem uma feminilidade normalizada, elas provocam uma desordem no que é socialmente estabelecido para elas (Silveira e Vaz, 2016). Toda essa estrutura, as ações midiáticas projetadas sobre os corpos e seus comportamentos reforçaram o olhar de uma estudante (G2, M2, italiana) de que tudo assemelha-se a um grande teatro, no qual todos/as que dele fazem parte reproduzem formas de comportamento que contribuem para a edificação de um espetáculo. “Eu queria mostrar que você pode ser uma lutadora e ainda ser feminina” (adamadeferro, Miesha Tate, lutadora, 15/07/2013); “É difícil ver uma lutadora obesa entrar no UFC, mas se você tem habilidades diferentes e faz boas fotos de biquíni, você pode entrar” (adamadeferro, Mark Bocek, lutador, 15/08/2014); “O público quer ver a mulher linda lutando, sabe. Tipo, batendo muito, entendeu?” (PB, lutadora).

As representações das lutadoras de MMA contrastam com as que até então transitavam pelo octógono, as *ring girls*. A presença destas mulheres no UFC são formas de entretenimento entre um round e outro que, exibindo os seus corpos esculturais seminus moldados em conformidade com as normas da feminilidade, entram na arena para a alegria do público majoritariamente masculino (Mierzwinski, Velija e Malcolm, 2014).

A intensificação da beleza estereotipada como produto de mercado dentro do UFC, promulgado sobretudo entre os seus promotores, patrocinadores e agentes, promove uma certa rivalidade entre *ring girls* e lutadoras e entre as próprias lutadoras. Em 2014 a musa das lutadoras (Ronda Rousey) protagonizou uma disputa verbal com a musa das *ring girls* (Arianny Celeste) que perpassava pela questão de salário, de destaque no MMA e beleza. Uma pesquisa divulgada pela revista americana Maxim com o ranking das mulheres mais sexies de

2013 apresentava Ronda Rousey em 28º lugar, enquanto que Arianny Celeste ocupava o 18º. Diante dos resultado Rousey, que também já atuou em filmes de Hollywood reagiu: “a razão para elas (*ring girls*) não serem chamadas para estrelar filmes é que, apesar de bonitinhas, não têm nenhum talento”⁴⁹. Já a edição anual 2019 do projeto “*Body Issue*”⁵⁰ da revista ESPN Magazine tem a lutadora Amanda Nunes⁵¹ estampando a capa, outras lutadoras já haviam posado para a referida revista: Gina Carrano – 2009, Ronda Rousey – 2015, Miesha Tate – 2013 e Michelle Waterson – 2017⁵². As revistas e sites são estruturas intensificadoras dessas disputas, alimentam-se dessa rivalidade evidenciada nas mais diversas formas de mídia como uma estratégia de visibilidade⁵³. O *talk trash* é uma outra forma de rivalidade presente no MMA e nas suas diversas estruturas midiáticas, mas que também é utilizado pelas lutadoras como estratégia de aquisição de visibilidade, quanto mais ofensas elas trocam desde o momento do anúncio do combate até a realização do mesmo, maiores são as chances de conquistarem uma *Money fight*, a luta mais rentável da noite e, dessa forma, conseguirem desembolsar um valor maior (Jardim, 2018; Salvini & Marchi Junior, 2016). Para Sánchez e Malcolm (2010) a popularização do MMA está

⁴⁹ Disponível em

<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2014/02/arianny-celeste-da-resposta-ronda-rousey-apos-provocacao-em-revista.html> Acessado em 22 de outubro de 2019.

⁵⁰ Edição anual da ESPN Magazine que apresenta atletas em ensaio sensual. Disponível em <https://rondarousey-brasil.blogspot.com/2017/07/vazam-fotos-do-ensaio-de-ronda-rousey.html>

⁵¹ Disponível em <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/09/musa-do-ufc-amanda-nunes-posa-pelada-para-revista-gringa> Acessado em 22 de outubro de 2019.

⁵² Disponível em http://www.espn.com/espn/feature/story/_/id/27400369/the-body-issue#! Acessado em 22 de outubro de 2019.

⁵³ Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/lutas/album/2012/10/21/lutadoras-levam-beleza-ao-mma.htm#fotoNav=3> Acessado em 22 de outubro de 2019.

associada a uma busca da excitação e espetacularização e, ao utilizar-se de uma ferramenta dramática como a utilização de uma gaiola (octógono) e a representação dos/as lutadores/as a partir de um estímulo à rivalidade fora e dentro do octógono, deixa a disputa ainda mais excitante aos espectadores.

A espectacularização dos corpos

A espetacularização presente no MMA está associada a oferta de excitação, de estratégias e atenções complementares que sejam capazes de prender a atenção. Assim, o poder do MMA foi arquitetado. Primeiro organiza-se a modalidade, as estratégias de propagação, estabelece as regras, sanciona-as e apropria-se dos golpes e dos corpos tonificados a favor da instrumentalização do espetáculo (Vasques, 2003). O corpo é uma realidade biopolítica (Foucault, 1979) e na sociedade do espetáculo (Debord, 2003) torna-se fetichizado.

Dentro dessa lógica os corpos dos/das atletas tornam-se os grandes protagonistas do MMA e o octógono transforma-se em um palco fértil para a produção de performatividades e sexualidades. Aos lutadores a espetacularização de corpos masculinos fortes, corajosos e viris. A elas, a visualização de corpos tecnicamente habilidosos, mas evidenciados sobretudo pela beleza e tonificação comedida dos seus músculos. Por mais que tenham fissurado as fronteiras do que é ou não permitido,

um corpo feminino actuante, desportista, é, não um corpo libertado, mas um corpo aprisionado por uma cultura masculina hegemônica (Silva, Gomes e Queirós, 2006, p. 1).

De acordo com resultados da presente pesquisa, os corpos das atletas fazem parte das estratégias de ascensão e espetacularização do MMA e, as relações de poder produzidas em meio a interesses econômicos atravessam o esporte e produzem representações de corpos erotizados. Ao afirmar que para entrar no UFC é preciso mostrar a bunda e aparecer, a atleta Edjane Gomes (adamadeferro, 22/06/2014) compactua com a compreensão que os corpos das atletas são utilizados como um fetiche a serviço de uma lógica de mercado (Debord, 2003). O espetáculo reduz a realidade a fragmentos mercantilizáveis, bundas, pernas, abdômen, tudo é projetado e encorajado para atrair e estimular o consumo. E, embora a lutadora tenha a capacidade de refletir e se emancipar nessa lógica do poder (Foucault, 1979) que permeia o contexto do UFC, na sociedade do espetáculo essa emancipação consciente é relativa, uma vez que o controle da construção coletiva de organização da instituição lhe escapa.

Matt Brown, lutador do UFC, disse em uma entrevista que o preço pago por um *pay per view* de luta feminina só seria justo se elas fizessem topless (mmaspace, 10/01/2014). O poder é um dispositivo que se estrutura em rede (Foucault, 1979), pelo que nas relações esportivas há um dispositivo de normatização que delimita o que é ou não adequado para cada sexo e que atua não apenas na ordem do discurso, mas também de uma materialidade que encontra-se evidenciada nas formas de se portar, vestir ou até mesmo de se despir. Os corpos das mulheres atletas são objetos de olhar do outro, em sua maioria cultuados a partir de uma beleza heteronormativa, de controle e manipulação da feminilidade (Silveira e Vaz, 2016). A sua espetacularização atravessa e constitui as falas tanto de quem vê, quanto de quem é ou sente. "Muitos homens ainda não conseguem enxergar uma mulher como lutadora em primeiro lugar" (adamadeferro, Fabíola Nishi, colunista,

21/08/2013); “Ele (o UFC) procura sempre assim, manter o lado feminino da mulher e aquele lado da lutadora” (KV, lutadora). É nítido o apelo à erotização e objetificação dos corpos femininos, que é julgada e justificada como necessária à sua permanência no esporte. Há no interior dessa erotização uma relação com os movimentos corporais vivos que estão ligados a aspectos sedutores e corpos sexuados (Bataille, 1986).

A espetacularização esportiva oferece dois tipos de imagens corporais: uma enquanto mercadoria, que precisa demonstrar o seu desempenho, rendimento e habilidades físicas como forma de adquirir reconhecimento social e status econômico; e a outra como parte integrante do sujeito, um corpo que, integrado aos aspectos culturais e políticos, busca um autoconhecimento e valorização das suas qualidades (Alonso, 2004). Mas tal reconhecimento e aceitação perpassa, sobretudo, pela construção de imagem corporal mais próxima de uma feminilidade normalizada. Ao desejar que a maioria das pessoas a admirassem por causa das suas lutas, a atleta Felice Herrig (adamadeferro, Felice Herrig, lutadora, 21/08/2013) defende que podemos olhar o corpo como algo em constante transformação e diálogo com os discursos que ele produz e reproduz, e que o esporte constitui um terreno fértil para a produção de corpos e subjetividades.

Goellner (2003) alerta que os corpos devem ser analisados a partir dos diferentes discursos. “[...] um corpo não é só um corpo. É ainda, o conjunto de signos que compõem sua produção” (Goellner, 2003, p. 37). Olhar assim é enxergar o entorno que envolve os corpos das lutadoras de MMA e de tantas outras atletas que, mais do que um conjunto de músculos comedidos, de técnicas e habilidades, eles são reflexos, sensações, gestos, falas e silêncios, são corpos que se reinventam, se redescobrem. Portanto, as lutas

travadas no octógono refletem a construção de uma feminilidade desvinculada de um comportamento apático e servil.

Conforme afirma Bento (2006, p. 97)

o corpo é uma situação histórica, uma maneira de ir fazendo-se, tornando-se, dramatizando e reproduzindo uma situação histórica que o gera, que o torna real, que o corporifica (Bento, 2006, p. 97).

As experiências produzem subjetividades que fortalecem e dão vozes aos sujeitos. Assim, os estudos de gênero que ao longo dos tempos vêm sendo desenvolvidos nas academias caminham para uma desconstrução da naturalização e do silenciamento dos corpos femininos: “É uma linha tênue para andar [...] Meu objetivo é ser respeitada em primeiro lugar como uma atleta” (adamadeferro, Miesha Tate, lutadora, 09/07/2013).

As mulheres atletas de MMA são corpos que transcenderam os limites do que é/ou não permitido, borraram as fronteiras dos binarismos e entraram nos cenários esportivos. São corpos que agem, vivem, desejam, resistem e se deixam, também, penetrar pelas imposições sociais (Foucault, 2013). Dentro de tal análise é preciso compreender que a otimização dos treinamentos, intensificada pela divulgação das imagens das atletas nas mais diversas estratégias de marketing, projetam corpos que se pretendem, sobretudo, atraentes ao público. A elas é outorgado o acesso à prática do MMA, mas as estratégias de controle sobre seus corpos permanecem ao longo dos tempos sob diferentes formas e discursos (Goellner, 2000).

O poder da mercantilização

Na sociedade do espetáculo as relações sociais são mediadas pelas imagens (Debord, 2003), através delas o poder é exercido ao promulgar formas de ser e sentir o corpo. Quanto mais você mostra, quanto mais você expõe, quanto mais você invade a vida pública com a intimidade, mais a intimidade é invadida pela esfera pública. Dentro do MMA a imagem é um subproduto da ideia do espetáculo e os corpos evidenciam diversas maneiras de vivenciar e sentir a feminilidade. Nessa configuração esportiva é possível notar uma rede de negócios não só referente à luta em si, mas dos sujeitos envolvidos e, principalmente, atletas que preparados/as para a luta ascendem a celebridades cujas imagens são exploradas nas diversas formas de mercado (Jardim, 2018). Pensando no esporte e a sua mercadorização, os dados dos estudos realizados nesta dissertação sugerem uma busca pela construção não apenas de exímias lutadoras, mas de mulheres atletas cuja beleza seja considerada um “produto” potencialmente rentável.

Thorpe, Toffoletti & Bruce (2017) afirmam que o esporte feminino tem uma exposição midiática limitada e de pior qualidade de conteúdo, sendo as suas reportagens rotineiramente estetizadas, sexualizadas e banalizadas. Por outro lado, argumentam que a mídia também tem um potencial capaz de aumentar a visibilidade da mulher atleta e conduzi-las por uma transformação da natureza da mídia esportiva ao recuperar o controle sobre como são representadas e, dessa maneira, construir. Hoje não podemos inferir que toda a cobertura midiática do MMA feminino esteja associada em torno da espetacularização dos corpos das atletas, entretanto não se pode negar que a sexualização foi um fator impulsionador para a visibilidade das lutadoras (Jakubowska, Channon &

Matthews, 2016). E isso foi algo constatado nos resultados do terceiro estudo, no qual, a partir de um mapeamento de posts divulgados em três sites promotores e divulgadores de MMA (A dama de ferro. MMA Space e UFC Brasil) verificamos, entre outros resultados, um decréscimo de reportagens que tinham como foco a beleza e performance das lutadoras de MMA.

Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que a IC expõe repetidamente o seu objeto de desejo, que no caso deste estudo sobre as mulheres atletas de MMA, os seus corpos habilidosos, torneados e sexies passam a ser mais um produto passível de ser negociado em “[...] é mercado financeiro. Se você não chamar a atenção do UFC o UFC não vai te olhar [...] é você mostrando o seu potencial técnico e sua beleza que isso vende [...]” (A, preparador físico); “Você começa a olhar aquela mulher é bonita e tudo mais e aí entra pra ser lutadora, já fica sendo conhecida entendeu? Então a beleza ajuda, lógico” (KV, lutadora).

A análise dos dados sugere que dentro dessa lógica do consumo, o valor dos corpos das mulheres atletas e de tantos outros é fornecido, também, por sua exterioridade, é culturalmente condicionado, codificado e introjetado pela mídia, elemento central da IC. Parece presente no MMA uma valorização da mulher lutadora, mas também feminina no padrão heteronormativo. Lutadora porque ela precisa ter resistência, força e técnica para competir e ocupar um lugar que não foi pensado para elas. Ser feminina para exibir um corpo atraente aos olhares heterossexuais masculinos.

Algo que emergiu dos estudos desta dissertação é a ideia de que a inserção da mulher no MMA representa uma transgressão ao que é hegemonicamente aceito como constitutivo de um corpo feminino, sendo que as múltiplas experiências e influências proporcionam-lhes novas possibilidades de viver as suas

feminilidades. Mas pese a forma como vagueiam no espectro das feminilidades, em alguns casos a necessidade de serem reconhecidas com os atributos sociais associados à normativa feminilidade parece ser preponderante no seu percurso afirmativo.

As mulheres atletas de MMA representam uma transgressão às estéticas características de passividade, delicadeza e invisibilidade de seus corpos (Weaving, 2014; Ming et al., 2016; Sailores e Weaving, 2017), mas buscam, constantemente, assegurar que são reconhecidas e enquadradas na feminilidade normalizada. Dentro do octógono a sua performatividade é marcada pela força e pela coragem, a espetacularização dos seus corpos é demarcada pela preparação física e habilidades técnicas, mas é visível também um cuidado em se apresentar nos combates com as unhas pintadas e os cabelos arrumados, geralmente trançados. Quando estão fora elas procuram aparecer sempre maquiadas e com roupas consideradas mais adequadas a gestualidade e graciosidade feminina (Fernandes et al., 2015; Follo, 2012; Grespan, 2014).

As lutadoras de MMA não fixam os seus corpos em uma única maneira de ser, em alguns momentos são assujeitados e submissos, em outros criam resistência e conseguem fugir (Fernandes et al., 2015; Sailors & Weaving, 2017). E, mesmo transitando por esses dois perfis, faz-se necessário preparar o seu corpo para o combate. É preciso dedicar-se também as várias etapas do treinamento para adquirir força, técnica e resistência. Os espaços de luta projetam as lutadoras no aprimoramento das habilidades técnicas e dos saberes estratégicos para a sua execução, elementos fundamentais para a sua formação.

Trilhar por esse caminho perpassa por dois elementos essenciais: oportunidade e reconhecimento. As oportunidades são resultantes dos momentos e situações vivenciadas e

experienciadas com a conscientização do seu papel dentro do esporte, e o reconhecimento está associado à forma como as pessoas a percebem (Ming et al., 2016). Assim, a relação entre inserção e visibilidade da lutadora de MMA foi vista como um negócio rentável ao projetar não apenas a espetacularização do combate, mas também dos corpos femininos que ali se fazem presentes (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018). Mas apropriar-se das oportunidades que se apresentam é fruto da dedicação e comprometimento das lutadoras, que associada as suas habilidades técnicas dão visibilidade e reconhecimento as suas conquistas.

Goellner (2003) vai dizer que olhar para o corpo como produzido na e pela cultura é um desafio e uma necessidade. Desafio por romper com o olhar naturalista sobre o corpo e, necessidade, por revelá-lo como histórico. Dessa forma, o nosso corpo está em constante processo de transformação e em diálogo com os discursos que ele produz e reproduz. Pensar dessa forma é olhar para o entorno que circunda o corpo das mulheres atletas e, mais do que conjunto de músculos definidos e volumosos, mais do que um corpo tecnicamente habilidoso, seus corpos são sensações, conquistas, resistências, falas e silêncios, são corpos que se (re)descobrem e se (re)inventam em tempos e lugares, dentro e fora do octógono, são corpos que ganham destaques como fortes, eficientes e capazes, mas que também incorporam formas de uma feminilidade normalizada que se criam sobre seus corpos e encontram-se exibidas nas imagens produzidas e capturadas pelo espetáculo esportivo.

Por mais que as mulheres cruzem a linha demarcatória do que é/ou não a ela permitido e adequado dentro dos esportes, elas só estarão livres das normas regulatórias se houver uma modificação de opinião sobre feminilidade e masculinidade (Ming, Simpson & Rosenberg, 2016). As representações de

masculinidades e feminilidades são construídas imersas em relações de poder que, legitimadas em discursos e práticas, posicionam homens e mulheres em polos opostos e hierarquizados, cabendo a elas um posicionamento inferiorizado. O esporte constitui-se como um espaço de corpos generificados por agregar discursos, valores e práticas que produzem e reproduzem feminilidades e masculinidades hierarquizadas e alicerçadas na biologia dos corpos (Goellner, 2016; Ferretti e Knijnik, 2007; Silva et al., 2017).

A reprodução da identidade masculina é reflexo de uma estrutura social que exerce seu poder e controle, profere discursos e demarca os corpos. E, nesse contexto o esporte foi, ao longo da história, representado como um importante espaço de experiência e validação da masculinidade ao construir uma barreira contra a feminização. E embora tenha permanecido por um longo tempo como um reduto ao exercício da masculinidade, a autoconfiança, a autoafirmação e a crescente independência da mulher têm desafiado e fissurado as estruturas socialmente impostas (Dunning & Maigure, 1997; Grespan, 2015; Goellner, 2005a, 2005b; Jardim, 2018). Essa proposição assinala para as capacidades das mulheres em protagonizarem novas conquistas e reivindicarem a ocupação de novos espaços, a exemplo do MMA.

[...] o processo de inserção e crescente participação da mulher em atividades físico-desportivas sugere um certo grau de autonomia, ou seja, uma movimentação autônoma da mulher que se insere nessa prática; ela não estava a serviço da pátria ou da humanidade, e sim a serviço de suas vontades e desejos (Mourão, 2000, p. 7).

A existência de instituições promotoras de lutas exclusivamente femininas (Invicta FC), o número cada vez maior de lutadoras contratadas pelo UFC, a presença delas nos reality shows na condição de atletas e treinadoras são pontos que nos permitem vislumbrar tal avanço (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018). As lutas travadas por elas, dentro e fora do octógono, refletem a construção de feminilidades desvinculadas de um corpo frágil e passivo. Não foi fácil chegar até esse ponto e essas conquistas em si não correspondem a uma menor indagação sobre as questões de gênero dentro desse esporte. O esporte por si só é um espaço de ambiguidades, pois à medida que fascinava e desassossegava homens e mulheres por contestar os discursos legitimadoras da conduta de cada sexo, provocou uma tensão entre liberdade e controle e entre representação de masculinidade e feminilidade (Goellner, 2004). Ter acesso à profissionalização no MMA não é suficiente para a construção de uma igualdade de oportunidades, uma vez que essa implica que a conscientização das regras que regem o esporte, por si só, pode não ser suficiente para assegurar a justiça e o respeito às singularidades de cada indivíduo.

Tradicionalmente o desporto é uma das mais importantes áreas de reserva masculina, produz e conserva ideologias e valores que orientam as relações entre os sexos, mas esse poder foi também um elemento propulsor para a mobilização das mulheres diante do que consideram ser do seu interesse (Dunning, 1992). A presente investigação aponta que o limite entre o ser e sentir-se bonita encontra-se vinculado à tão promulgada feminilidade normalizada e encontra-se intensificada nas formas de controle e vigilância sobre os corpos das atletas. Os investimentos que circundam os corpos das lutadoras são formas de exercício de poder, que o controlam, manipulam e regulam em prol do espetáculo esportivo. A inserção da mulher

atleta no MMA é aceita, possível e desejada se consegue manter uma definição dominante de feminilidade. Aquelas que rompem com esses padrões assumem novas possibilidades de vivenciar suas feminilidades, a exemplo do discurso proferido pela atleta Miesha Tate: "Eu apenas senti que deveria me orgulhar de ser uma mulher forte e fortalecida (adamadeferro, 09/06/2013) [...] Eu não sinto como se tivesse desistido da minha feminilidade para ser uma atleta" (adamadeferro, 15/07/2013).

Pensar a representação dos corpos das mulheres atletas de MMA é entender que seu alcance não se esgota no rompimento das barreiras do que é ou não permitido, ele vai além dessa ruptura ao produzir as subjetividades que fortalecem e dão vozes aos sujeitos em meio as relações de poder. Um poder não centralizado e que se manifesta em pontos diferentes da rede social através de micropoderes, onde todos os sujeitos podem exercê-lo como sofrer sua ação (Foucault, 1979). Ao afirmar que pode ser uma lutadora e também ser feminina (adamadeferro, Miesha Tate, lutadora, 15/07/2013) o discurso da atleta demonstra que o mesmo poder que por vezes exerce o controle, por outras liberta e produz resistências.

Se o poder pressupõe relações de forças, é aí que a resistência aparece. Não há poder sem resistência (Foucault, 1979). É dentro das relações de poder engendramos possibilidades e criamos estratégias que apontam para as mudanças. A inserção das mulheres atletas no MMA teve como elemento central a erotização dos seus corpos, mas as rupturas e desconstruções trilhadas por elas no decorrer desses anos de MMA as revelam como possuidoras sobretudo de habilidades e singularidades na percepção de seus corpos e de suas feminilidades. Território legitimado como um reduto de masculinidades, a presença das mulheres atletas nesses espaços torna-se uma ameaça ao romper com os ideais de uma

feminilidade normalizada e um desafio pela valorização e reconhecimento da sua participação (Adelman, 2003; Silveira & Stigger, 2013).

Ao navegarmos pelo site do UFC (instituição americana e a maior promotora de combates) é possível captar alguns elementos que nos possibilitam fundamentar essa afirmação. No UFC o número de lutadores contratados ainda é maior do que o de lutadoras, eles correspondem a um total de 529 enquanto elas são 115, o número de categorias masculinas é maior do que a feminina e, embora hoje possamos presenciar em todos os eventos promovidos pela instituição pelo menos uma luta no card principal, a quantidade de combates femininos ainda é também desigual⁵⁴.

Embora a contratação das lutadoras tenha sido vista por Dana White, presidente do UFC, como uma estratégia de lucro ao contemplar em um mesmo combate beleza e habilidades técnicas e, através desse negócio conseguir contemplar e atrair um público mais feminino (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Weaving, 2014), o salário delas ainda é o menor. Uma reportagem datada de 2015⁵⁵ destacou que embora as lutadoras do UFC fossem as grandes estrelas desse ano, os seus rendimentos eram menos da metade quando comparados aos dos lutadores. O UFC 184 foi sinalizado como um evento de prestígio para as mulheres por serem as protagonistas de duas principais lutas. Porém, esse reconhecimento não ocorreu de forma igualitária, uma vez que seus salários ficavam bem abaixo da média dos recebidos pelos homens. O levantamento feito acerca do pagamento de 547 lutadores/as (número de contratados pelo UFC na época), sendo 496 homens

⁵⁴ Disponível em <https://www.ufc.com.br/athletes> Acessado em: 8 de outubro de 2019.

⁵⁵ Disponível em http://www.espn.com.br/noticia/487733_estrelas-de-evento-do-ano-mulheres-recebem-menos-da-metade-que-homens-no-ufc Acessado em 22 de outubro de 2019.

e 51 mulheres, teve como base o pagamento da última aparição nos combates, uma vez que seus pagamentos são contabilizados a partir de alguns elementos (salário + patrocínio oficial + bônus performance + bônus de melhor luta + vitória/cinturão)⁵⁶. A média de salário pago no UFC é de US\$ 27,8 mil por combate. Os lutadores receberam em média US\$ 29,4 mil cada vez que entravam no octógono, enquanto que a remuneração média das lutadoras foi de US\$ 11,6 mil. A reportagem ainda complementa que dentre as grandes estrelas do UFC, ressaltando Ronda Rousey como indiscutivelmente a maior delas, a quantia que ela ganhava, independentemente do resultado era de US\$ 60 mil por luta. Nesse período, outra grande estrela, o brasileiro Anderson Silva tinha um salário de US\$ 600 mil por luta, ou seja, ele recebia 10 vezes mais do que ela dispendia das mesmas obrigações. Quando analisada a média do salário mínimo pago pelos dirigentes do UFC (antes de 2015 era de US\$ 8 mil, hoje estimado em US\$ 10 mil), apenas 32% dos lutadores recebiam tal remuneração enquanto que elas correspondiam a 64% das lutadoras.

Outra reportagem apresenta dados mais recentes acerca da remuneração de lutadores/as de MMA contratados/as pelo UFC⁵⁷. No UFC 239, realizado no dia 07 de julho de 2019 em Las Vegas, a brasileira Amanda Nunes empata com Jon Jones nos rendimentos, ambos foram os grandes protagonistas da noite. Nesse evento Amanda Nunes embolsou US\$ 500 mil. A diferença é que ela contabilizou US\$ 200 mil por ter vencido a luta sobre Holly Holm que foi somado aos US\$ 300 mil que já havia

⁵⁶ Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/luta-livre/quanto-ganha-um-lutador-do-ufc-os-salarios-vao-te-surpreender/> Acessado em 22 de outubro de 2019.

⁵⁷ Disponível em https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/mma/mma-noticias/2019/07/08/noticia_mma,1167527/ufc-valoriza-mulheres-nos-salarios-pagos-na-edicao-239-em-las-vegas.shtml Acessado em 22 de outubro de 2019.

recebido por lutar. Por outro lado, Jon Jones já tinha US\$ 500 mil garantidos só para entrar no octógono. Mas Amanda Nunes superou Jon Jones ao receber um bônus de US\$ 50 mil pela performance apresentada no combate. É preciso ressaltar que embora o valor recebido por ela tenha ultrapassado o de Jon Jones, isso só foi possível devido às bonificações que foram contabilizadas.

É nítido o avanço econômico e social que o MMA exerce. Ele está presente nos meios de comunicação, envolto a uma diversidade de profissionais, atletas e espectadores que o consomem, projetam sonhos e avivam emoções. A possibilidade de construir uma carreira através do esporte torna-se uma possibilidade interessante e alcançável: “[...] por conta do financeiro eu acabei migrando para o MMA” (LA, preparadora física); “[...] eu migrei para o MMA como um desafio [...] era um sonho, é sempre uma realização pessoal, mas o jiu jitsu não estava me dando um retorno financeiro” (VJ, lutadora). Mais do que a projeção e concretização de um sonho, ele tornou-se um negócio rentável: “O MMA é um mercado financeiro [...]” (A, preparador físico); “[...] Eu acho que ainda vai melhorar muito, eu acho que tem tudo para ir muito mais longe” (V, preparador físico). O esporte seria funcional à manutenção do mercado e, nesse sentido, o MMA ganhou popularidade, passou a ser almejado por muitos/as atletas. A busca pelo retorno financeiro e a possibilidade de ascensão profissional dentro do MMA nos conduz a uma discussão do esporte enquanto elemento da indústria cultural. Dentro de sistema as lutadoras tornam-se produtos da indústria cultural, são projetadas e treinadas para criarem condições de consumo. O esporte traz em si elementos do mundo do trabalho alienado, de um rendimento associado à ideia da produtividade, de um corpo máquina capaz de fazer funcionar o sistema da lógica do mercado (Adorno, 2002).

Das seis atletas entrevistadas apenas duas não vivem do dinheiro oriundo dos combates, somente aquelas que são contratadas pelo UFC e Invicta FC conseguem manter-se com os rendimentos oriundos dos combates e seus patrocinadores. É preciso preparar o corpo, treinar, racionalizar a técnica para a materialidade do mundo que o cerca.

[...] mediante os esforços requeridos pelo esporte, mediante a funcionalização do corpo team, que se realiza precisamente nos esportes prediletos, as pessoas adestram-se sem sabe-lo para as formas de comportamento mais ou menos sublimadas que delas se espera no processo do trabalho (Adorno, 2002, p. 123).

O consumo dentro da prática esportiva acontece por vários vieses: os produtos usados pelos atletas na modalidade; as mercadorias que são divulgadas nos anúncios esportivos; a promulgação das ideologias do corpo saudável e esbelto; a subjugação do atleta ao sistema competitivo, rendimentos, vitórias e recordes (Torri, 2008).

Há dentro dessa lógica a construção de um esporte segundo os princípios e estratégias da IC, utilizando estratégias como o TUF, a venda de *pay per view*, entre outras (Canal Combate, Revista Tatame e sites). Assim, o MMA edifica-se como objeto da lógica do consumo, “[...] cria, imita e vende imagens, sonhos, gestos, gostos, estilos, roupas [...]” (Bitencourt, 1997, p.86). E assim o MMA segue transitando pela sociedade, estimulando o consumo, atraindo espectadores, despertando o desejo de se tornar um/uma grande lutador/a. O fato é que a existência de mulheres atletas no MMA tornou-se uma estratégia rentável ao englobar técnica e beleza em uma só luta (Weaving, 2014).

O MMA enquanto espetáculo sustentado pela indústria cultural faz movimentar um mercado e um conjunto de práticas de consumo. Essa é a lógica que influencia a técnica, gerencia os corpos e a carreira dos/as lutadores/as. Embora no octógono a tonificação dos músculos, as habilidades técnicas, a coragem, a força e a resistência à dor possam colocar em xeque a imagem de um ser mulher associada a corpo frágil, dócil e passivo, esses corpos fora do octógono continuam submetidos a normas regulatórias demarcadas pela promulgação de uma feminilidade hegemônica (Grespan, 2014, 2015; Jardim, 2018; Jaeger e Goellner, 2011). Assim, a partir desta pesquisa parece que as mulheres atletas estão cientes de como negociar a presença e exaltação de suas feminilidades nos espaços dentro e fora do octógono, gerenciando corpos e poder, mas submissas a uma indústria e a leis de mercado que lhes impõem corpos e feminilidades e simultaneamente lhes abrem o caminho a uma carreira profissional almejada.

Os corpos das atletas de MMA passam a ser submetidos aos treinos, não apenas para tornarem-se cada vez mais tecnicamente habilidosos, mas também para outras finalidades, desde a estratégia de marketing e aquisição de uma visibilidade esportiva. A elas foi permitido o acesso, mas sem descuidar da sua beleza e graciosidade. A exibição de um corpo belo e habilidoso é importante não apenas para a promoção do MMA, mas também para a sua autopromoção, captação de patrocinadores e impulsionar a cultura do consumo. Dentro dessa lógica os corpos passam a ser treinados, preparados e belos para que possam na mesma medida serem eficientes, sejam desejados, cultuados ou tão somente notados.

POTENCIALIDADES DO ESTUDO

O estudo torna-se relevante por transitar e conectar vários contextos do MMA, dando visibilidade às mulheres atletas (lutadoras) em um esporte socialmente construído como masculino. Uma pesquisa que amplia discussões sobre as relações de gênero e práticas corporais de combate a partir de conceitos: poder, espetáculo e indústria cultural. Os resultados aqui apresentados apontam para o acesso das mulheres a uma prática esportiva hegemonicamente masculina, permeada de restrições e a (re)construção de histórias de luta, resistência, conquista e reconhecimento.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Cada esporte se desenvolve de modo singular, estabelecendo formas particulares de desenvolvimento e atratividade, seria improfícuo pensar que as relações de poder estabelecidas no MMA e, de forma mais pontual, nos contextos que compõe essa dissertação sejam lidas, associadas e vinculadas de forma extensa aos demais contextos dos esportes de combate. Frisamos assim, a necessidade de uma coleta de dados em campo mais ampla em tempo, número de participantes e local. Vale ressaltar que embora tenhamos sinalizado para tal limite as discussões aqui tecidas são significativas ao dar visibilidade às mulheres atletas no MMA, retirando-as da margem da história, ressignificando seus corpos agora também marcados pela força e coragem. De maneira alguma este estudo se encerra aqui, faz-se necessário pensar novas propostas investigativas face a dinâmica de movimentação dos corpos e das constantes lutas travadas pelas atletas, dentro e fora do octógono.

SUGESTÕES DE ESTUDOS

À medida que a nossa pesquisa foi se descortinando algumas inquietações foram surgindo, a exemplo das imagens corporais das atletas de MMA e as *ring girls* projetadas nos sites, revistas e redes sociais. Ficou evidenciado que diante da espetacularização do MMA e dos corpos que por lá transitam as disputas por elas protagonizadas de certa forma, suscitam opiniões, apontam para uma multiplicidade de corpos que (re)afirmam ou rompem com uma feminilidade normatizada dentro de um esporte histórico e culturalmente masculinizado. Sendo assim, miramos para estudos nos quais as relações de poder presentes no contexto do esporte de combate sejam protagonizadas também por lutadoras e *ring girls*.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Nesta dissertação empreendemos uma pesquisa qualitativa, que nos impulsionou a mergulhar no contexto do MMA e analisar, especificamente, a inserção e permanência das mulheres atletas sob a luz dos estudos de gênero. Os dados aqui apresentados e que compuseram os quatro estudos foram originários de contextos e técnicas de coletas diferentes. Iniciamos nosso trajeto investigativo a partir de um mapeamento em bases de dados de estudos qualitativos realizados no contexto das mulheres atletas de MMA, seguimos para a coleta de dados com estudantes de Licenciatura em Desporto utilizando a técnica de grupo focal, transitamos pelos contextos midiático ao analisarmos posts vinculados em sites exclusivos de MMA e, por fim, nos aproximamos ainda mais do nosso objeto investigativo ao estabelecermos contato direto com as atletas profissionais e os seus preparadores/a físicos/a. Transitar por vários cenários nos possibilitou perceber como o todo se conecta, apresentam possíveis respostas e provocam novos questionamentos. Procurar analisar as mulheres atletas através de diferentes contextos foi uma tarefa desafiadora, sobretudo por o MMA ser um esporte recentemente originado, historicamente masculinizado e com pouca produção científica.

O histórico do MMA descrito nos estudos aqui apresentados e discutidos foi fundamental para compreendermos como esta prática corporal emergiu, criou e sancionou as suas regras, e tornou-se um dos esportes economicamente mais promissores. Sua propagação, inicialmente marcada pela venda dos combates através do pay-per-view, foi eficaz na aceitação ou até mesmo na rejeição por parte de algumas pessoas, mas ele avançou e acabou incorporando outras estratégias eficientes de divulgação

(sites oficiais, revistas, reality shows, o momento da pesagem, eventos de divulgação e realização dos combates).

O MMA foi projetado por integrantes da família Gracie na década de 90 com o nome de Vale Tudo. O teor de agressividade presente em seus combates o tornou uma prática proibida e somente com o sancionamento das regras no ano de 2000 e incorporação de uma nova nomenclatura - *Mixed Martial Arts* - ele inicia sua trajetória como instituição esportiva. Entretanto, a compreensão do MMA enquanto prática esportiva perpassa por um caráter subjetivo dos/das estudantes da suposta violência presente nos confrontos, fazendo soar como um espetáculo e brutalidade. Ao partirem de tal compreensão eles/elas passaram a desassociar o MMA a esporte, embora tenham reconhecido a existência de características comuns aos demais esportes modernos: regras institucionalizadas, oponentes, igualdade de oportunidades, público, treinamento, técnica, dentre outros.

As opiniões apresentadas estavam centralizadas na questão da agressividade presente nos combates, e embora reconhecessem que os esportes de alta competição poderão ser nocivos à saúde, visualizar um combate com elevado contato físico o colocou no topo dos esportes que geram maiores danos, tendo como comparativo o Boxe. E quando praticado por mulheres, o MMA apresenta-se ainda mais ofensivo e inadequado.

De fato, o MMA foi estruturado como prática masculinizada e invisibilizou a participação de lutadoras, mas isso não durou muito tempo. Elas inseriram-se na arena no ano de 1996 na extinta Strikeforce, embora a assinatura do primeiro contrato feminino com o UFC tenha sido o divisor de águas da presença das mulheres atletas nesse contexto. As lutadoras passaram a ser mais reconhecidas, impulsionaram o consumo do esporte, atraíram mais espectadoras e estimularam

a criação de uma instituição promotora exclusivamente de lutas femininas (*Invicta FC*). Contudo, com a presença de mulheres atletas emergiram outras opiniões, sobretudo em relação à dúvida se o espaço do octógono era adequado para elas. Até o momento do contrato de lutadoras a presença de mulheres nos eventos estava limitada às escassas espectadoras e às *ring girls*, mulheres que com corpos esbeltos e seminus faziam-se presentes entre um round e outro para a alegria do público majoritariamente masculino.

O que hoje é visível ao assistirmos aos combates promovidos pelo UFC é que em todos os eventos há sempre uma luta feminina compondo os *cards*, mas a elas ainda cabe um número menor de combate e um salário abaixo dos lutadores. Talvez esse contexto esportivo, agora também caracterizado pela presença de mulheres atletas, esteja caminhando para um processo de despadronização, desvinculação e desassociação de uma prática esportiva a partir do biológico. O biológico não pode ser um determinante da capacidade do que pode/deve fazer um corpo feminino e um corpo masculino, um discurso que por muito tempo limitou os espaços de mobilidade das mulheres. Nesse sentido, precisamos olhar o esporte como um terreno fértil e favorável para a promoção de mudanças e representações de gênero, o esporte como um espaço de transgressão e empoderamento.

Apesar de existirem vários indícios apresentados ao longo dos estudos de que o esporte ainda encontra-se submetido a uma dominação, aqui evidenciado/demarcado no contexto do MMA, é importante frisar que as lutadoras têm sido ativamente participantes na definição, delimitação e modelação de suas necessidades, elas são autoras das histórias de suas vidas. A desconstrução de uma representação naturalizada de homens e mulheres, possibilitou, sobretudo compreender as representações das feminilidades e

masculinidades como históricas. A coragem, a determinação e a força tornam-se presentes num processo de re-significação do papel das mulheres atletas no MMA.

Embora sejam poucos os trabalhos científicos acerca das mulheres atletas de MMA, esse número é ainda mais ínfimo quando possui um viés qualitativo. Os dados crescentes de uma profissionalização feminina e o impacto econômico que suas lutas geram, apresenta-se como informações significativas de que ele está crescendo e de que a presença de mulheres em um território de reserva masculina permite que elas construam novas experiência, vivenciem elementos culturais diferentes, reestruem e ressignifiquem seus corpos.

É preciso ressaltar que as relações de poder existentes nesse território por muito tempo limitaram a presença das mulheres à condição de *ring girls* ou espectadoras, e as invisibilizaram enquanto lutadoras. Ao inserirem-se no MMA as mulheres atletas transgridem/rompem barreiras e empreendem uma trajetória em meio a relações de poder e de espetacularização esportiva. Nesse espetáculo os seus contornos corporais estão sob a luz dos holofotes, são erotizados, impulsionam o esporte e também suas carreiras. Mas todo o aparato de normas não é capaz de aprisionar os corpos das mulheres atletas. Se em determinado momento ele se assujeita, em outros reage e transgride, reivindica uma visibilidade, profere um discurso de empoderamento que valoriza o treinamento e as habilidades para além de seus contornos corporais.

Por ser uma modalidade que visa, sobretudo, a obtenção cada vez de maior de lucro, abrir categorias para lutadoras, promover e divulgar disputas foram as ações que estiveram vinculadas a massivos interesses financeiros. Ao mesmo tempo em que os corpos das mulheres se apresentam nas

arenas como bonitos e sensuais, eles também são tecnicamente habilidosos. Assim, as atletas são produto da indústria cultural, treinadas e formadas para criarem condições de consumo. Os seus corpos são manipulados, medidos e programados, precisamente treinados e belos, eles tornam-se produtos em condições de serem consumidos. Quanto mais belas e eficientes as atletas forem, maiores serão os seus rendimentos financeiros.

Por certo a trajetória é longa, ainda há muito que caminhar, o octógono continuará sendo palco de muitas conquistas e esse é apenas o início do espetáculo. Se por um lado a presença das mulheres atletas estimulou a espetacularização ao apresentarem-se belas e sensuais, por outro, a habilidade técnica, a força e a coragem tornaram visíveis a multiplicidade de corpos e suas feminilidades. E assim o MMA segue trilhando o caminho do engrandecimento mercadológico, espetacularizando corpos belos e habilidosos. Resta-nos a dúvida se, mesmo começando a escrever as suas próprias histórias ao tornarem-se as grandes protagonistas de um determinado tempo e espaço dentro da arena, as mulheres atletas empoderam-se ou submetem-se no cenário espetacularizado chamado MMA? *It's show time!* Coloquem suas luvas, vão à luta afinal, ela não se encerra com o fim do combate.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- Adabo, G., & Gonçalves, M. F. (2014). Esporte e violência: o jogo entre regras e concepções sociais. *ComCiência*, (157), 0-0.
- Adelman, M. (2003). "Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina". *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 2, pp. 445-465.
- Adelman, M. (2006). Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. *Movimento*, 12(1), pp. 11-29.
- Adorno, T. W. (2002) *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Adorno, T. W.; Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Albino, B. S., & Vaz, A. F., (2008). O corpo e as técnicas de embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. *Movimento*. (ESEFID/UFRGS) vol. 14, n 1, Jan/abr 2008. pp. 199 - 223.
- Alonso, L. K. (2004). Esporte, imagem corporal e exploração da mídia. *Fórum de debates sobre mulher & esporte, mitos e verdades*, 3, pp. 93-97.
- Araújo, A. M. A. de, Vaz, A. F., & Bassani, J. J. (2018). Corpo e identidade: um olhar sobre mulheres praticantes de bodybuilding. *Movimento* (ESEFID/UFRGS), 24(3), pp. 961-972.
- Awí, F., (2012). *Filho teu não foge à luta*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bassani, J. J., & Vaz, A. F. (2008) Technique, body and reification: work notes about this theme by Theodor W. Adorno. *Educação & Sociedade*, 29(102), pp. 99-118.

- Bataille, G., (1986). *Erotism: death and sensuality*. San Francisco: City Lights Books.
- Batliwala, S., (1994) The meaning of women's empowerment: new concept from action. in: Sen, G., Germain, A. & Chen, L. *Population policies reconsidered: health empowerment and rights*. Cambridge: Havard University Press. 1994. pp. 127 - 138.
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Editora Garamond.
- Betti, M., (2001). Esporte na mídia ou esporte da mídia? *Motrivivência*, UFSC, nº 17, pp. 1-3.
- Bitencourt, F. G. (1997). Globalização: O Esporte e a Cultura de consumo. *Motrivivência* (10), pp. 85-95.
- Bledsoe, G. H., Hsu, E. B., Grabowski, J. G., Brill, J. D., & Li, G. (2006). Incidence of injury in professional mixed martial arts competitions. *Journal of sports science & medicine*, 5(CSSI), 136.
- Bracht, V. (1997). *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*: Centro de Educacao Fisica e Desportos da UFES.
- Brohm, J., (1982). *Sociología Política Dell Deporte*. Traducción de: David Álvares Aub; René Palacios More. Fondo de Cultura Económica. Cidade do México. 1982.
- Butler, J. (1999). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J., (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camargo, W. X., & Kessler, C. S. (2017). Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. *Horizontes Antropológicos* (47), pp. 191-225.

- Casco, R. (2018). Ideologia esportiva e formação do indivíduo: contribuições da Teoria Crítica do Esporte. *Psicologia USP*, 29(2), pp. 179-188.
- Connell, R. W.; Messerschmidt, J. W. (2005). "Hegemonic masculinity: Rethinking the concept". *Gender & society*, v.19, n.6, pp. 829-859.
- Costa, A. C. S. da, Palheta, A. N. A. A., Mendes, A. M. P., & de Sousa Loureiro, A. (2010). *Indústria cultural: revisando Adorno e Horkheimer*.
- Debord, G. (2003) *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2000). Introduction: The Discipline and Practice of Qualitative Research. In: Denzin, N., & Lincoln, Y. (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp.1-28). Thousand Oaks CA: Sage Publications.
- DUNNING, E. (1986a). "Dynamics of modern sport: Notes on achievement-striving and the social significance of sport". In: Elias, N., & Dunning, E. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process*. Oxford: Basil Blackwell, p. 203-221.
- DUNNING, E. (1986b). "Sport as a male preserve: Notes on the social sources of masculine identity and its transformations". In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process*. Oxford: Basil Blackwell, p. 242-259. 1986b.
- Dunning, E. (1992). O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: Elias, N. & Dunning, E. *A busca da excitação*. Lisboa. Difel.

- Dunning, E., M., J., & Wullaume, P. C. F. (1997). As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, 321-348.
- Elias, N. (1992). Ensaio sobre o desporto e a violência. In: Elias, N. & Dunning, E. *A busca da excitação*. Lisboa. Difel.
- Elias, N., & Dunning, E. (1986). An essay on sport and violence. In: Elias, N., & Dunning, E. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*. Oxford: Basil Blackwell, pp. 150-173.
- Fernandes, V. L. F. P., Mourão, L., Goellner, S. V., & Grespan, C. L. (2015). Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de Boxe e MMA. *Revista da educação física/UEM*. Maringá. Vol.
- Ferretti, M. A. D. C., & Knijnik, J. D. (2007). Mulheres podem praticar lutas? um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. *Movimento*, 13(1), 57-80.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Follo, G. (2012). A literature review of women and the martial arts: where are we right now?. *Sociology Compass*, 6(9), pp. 707-717.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder: organização e tradução de roberto machado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4.
- Foucault, M. (1980). *vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes editora.
- Foucault, M. (1995). Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, H. L. & Rabinow, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da*

- hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 251-278.
- Foucault, M. (2009). *Ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª edição. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições.
- Freire, P. (2003). *Pedagogia do oprimido*. 36ª ed. Rio de Janeiro: paz e terra.
- Goellner, S. V. (1999). *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*.
- Goellner, S. V. (2000). A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. *Movimento*. Porto Alegre. vol. 7, n. 13, pp. 61-70.
- Goellner, S. V., (2001). A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. *Motrivivência UFSC*, nº 16.
- Goellner, S. V. (2003a). A produção cultural do corpo. In: *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, pp. 28-40.
- Goellner, S. V. (2003b). *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Editora Unijuí.
- Goellner, S. V., (2004a). *Mulher e esporte em perspectiva*.
- Goellner, S. V., (2004b). Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: Simões, A. C., & Knijnik, J. D., (2004b). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph. pp. 359-372.
- Goellner, S. V. (2005a). "Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades". *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v.19, n. 2, p.143-151.

- Goellner, S. V. (2005b). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, v. 8, n. 1, pp. 85-100.
- Goellner, S. V. (2007) Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, pp. 171 - 196.
- Goellner, S. V. (2016) Jogos olímpicos: a generificação de corpos performantes. *Revista USP*. São Paulo, n. 108, pp. 29-38.
- Gomes, I. S., & Caminha, I. d. O. "Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano". *Movimento*, v. 20, n. 1, p. 395-411.jan/mar. 2014
- Grespan, C. L. (2012). Mulheres no octógono: representações midiáticas do discurso da heteronormatividade. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* (Anais Eletrônicos), Florianópolis - Santa Catarina, Brasil.
- Grespan, C. L. (2014) *Mulheres no octógono: performatividades de corpos e de sexualidades*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, RS, Brasil.
- Grespan, C. L. (2015). *Mulheres no octógono: performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades*. 1 ed. Curitiba, Brasil: Appris.
- Guimarães, F. C., (2014). *Práticas sociais do consumo pelo êxtase: artes marciais mistas, masculinidades e o novo esporte-entretenimento*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Maceio/BR.

- Hansen, R., & Vaz, A. F. (2004). Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 26(1).
- Hodder, I., (1994) The interpretation of documents and material culture. In: Goodwin, J. (Eds) *Sage biographical research v. 1: Starting points, debates and approaches*. Londres: SAGE Publications, 1994. pp. 393-402.
- Hutchison, M. G., Lawrence, D. W., Cusimano, M. D., & Schweizer, T. A. (2014). Head trauma in mixed martial arts. *The American journal of sports medicine*, 42(6), pp. 1352-1358.
- Ianof, J. N., Freire, F. R., Calado, V. T. G., Lacerda, J. R., Coelho, F., Veitzman, S., ... & Basile, L. F. H. (2014). Sport-related concussions. *Dementia & neuropsychologia*, 8(1), pp. 14-19.
- Jaeger, A. A., & Goellner, S. V. (2011). "O músculo estraga a mulher? a produção de feminilidades no fisiculturismo". *Estudos Feministas*, vol. 19, n. 3, pp. 955-975.
- Jakubowska, H., Channon, A., & Matthews, C. R. (2016). Gender, media, and mixed martial arts in Poland: The case of Joanna Jędrzejczyk. *Journal of Sport and Social Issues*, 40(5), pp. 410-431.
- Jardim, J. (2017). "Até vestidinho elas estão botando": Problematizando padrões corporais, de gêneros e sexualidades nas Artes Marciais Mistas femininas. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress* (Anais Eletrônicos), pp. 1-12.
- Jardim, J. G. (2018). *"It's time"! MMA feminino, mercado da beleza e cis-heteronormatividade: uma etnografia multissituada com lutadoras brasileiras*. Tese

- (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, São Paulo.
- Kitzinger, J. & Barbour, R.S. (1999) Introduction: The challenge and promise of focus groups. In R.S. Barbour and J. Kitzinger (eds), *Developing Focus Group Research: Politics, Theory and Practice*. London: Sage, pp. 1-20.
- Laraia, R. de B., (2001). *Cultura: um conceito antropológico* 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed.
- Lise, R. S. (2018). *Cerceamentos, coerções e esportividade no Ultimate Fighting Championship (UFC)*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Curitiba, Paraná.
- Lockwood, J., Frappe, L., Lin, S., & Ackery, A. (2018). Traumatic brain injuries in mixed martial arts: A systematic review. *Trauma*, 20(4), pp. 245-254.
- Louro, G. L. (2018). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. São Paulo: Autêntica.
- Louro, G. L., (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Louveau, C. (2000). Mulheres desportivas, corpos desejáveis. *Le Monde Diplomatique* - Edição Portuguesa, 19 (2), 20-21.
- Lystad, R. P., Gregory, K., & Wilson, J. (2014). The epidemiology of injuries in mixed martial arts: a systematic review and meta-analysis. *Orthopaedic Journal of Sports Medicine*, 2(1).
- Marcondes, N. A. V., & Brisola, E. M. A. (2014). Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. *Revista Univap*, 20(35), pp. 201-208.

- Marcus, G. E. (1995). Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. *Annual review of Anthropology*, 24(1), pp. 95-117.
- Martuccelli, D. (1999). Reflexões sobre a violência na condição moderna. *Tempo social*, 11(1), pp. 157-175.
- Mcclearen, J. (2015). "The paradox of fallon's fight: interlocking discourses of sexism and cissexism in Mixed Martial Arts fighting". *New Formations*, v. 86, pp. 74-88.
- Mierzwinski, M., Velija, P., & Malcolm, D. (2014). Women's experiences in the mixed martial arts: A quest for excitement? *Sociology of Sport Journal*, 31(1), pp. 66-84.
- Minayo, M.C. S., (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª ed. São Paulo: Hucitec.
- Ming, S., Simpson, D. & Rosenberg, D. (2016). "An exploration of experiences of female participants in power and performance sports". *Women in sport & physical activity journal*, v. 24, n. 1, pp. 35-42.
- Mourão, L. (2000). Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento*, 7(13), pp. 5-18.
- Murad, M. (2013). Violências e mortes no futebol brasileiro: Reflexões, investigações, proposições. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 13(1).
- Oliveira, J. P. & Leal, A. P. (2009). *Capoeira identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no brasil*. Salvador: Edufba.
- Pires, G. D. L. (2017). A indústria cultural e as atividades físicas e esportivas. movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas. *Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. PNUD*. Empoderando vidas. Fortalecendo nações., pp. 1-37.

- Prins, B., & Meijer, I. C. (2002). "Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler". *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p.155-167. janeiro. 2002
- Sailors, P. R. & Weaving, C. (2017). "Foucault and the glamazon: the autonomy of Ronda Rousey". *Sport, ethics and philosophy*. v 11, n. 4, pp. 428-439.
- Salvini, L. (2014). A luta como "ofício do corpo": entre a delimitação do subcampo e a constituição do habitus do Mixed Martial Arts em mulheres lutadoras. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Curitiba, Paraná.
- Salvini, L., & Júnior, W. M. (2016). Mais do que uma "questão de peso": análise do conteúdo dos discursos de rivalidade entre as lutadoras de MMA (Mixed Martial aArts) Ronda Rousey e Cris Cyborg. *Movimento*, 22(3), 795-808.
- Sánchez García, R., & Malcolm, D. (2010). Decivilizing, civilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts. *International review for the sociology of sport*, 45(1), 39-58.
- Scott J. W. (2010). Gender: still a useful category of analysis? *Diogenes*. 57(1). Pp. 7-14.
- Seungmo, K., Greenwell, T. C., Andrew, D. P., Lee, J., & Mahony, D. F. (2008). An analysis of spectator motives in an individual combat sport: A study of mixed martial arts fans. *Sport Marketing Quarterly*, 17(2), 109.
- Silva, G. O. S. da, Jaeger, A. A.; Silva, P. (2016). Mulheres no Mixed Martial Arts: corpos fora do lugar? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. vol. 16, nº s2a. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, pp. 107-115.

- Silva, P. (2007). A construção/estruturação do gênero na educação física. Porto: FD/UP.
- Silva, P., Botelho-Gomes, P., & Queirós, P. (2017). As actividades físicas e desportivas têm sexo? O género no desporto. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (28-29), 53-63.
- Silva, P., Botelho-Gomes, P.; Goellner, S. V. (2012) Masculinities and sport: the emphasis on hegemonic masculinity in Portuguese physical education classes. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, v. 25, n. 3, pp. 269-291.
- Silva, P., Gomes, P. B., & Queirós, P. (2006). Género e desporto: a construção de feminilidades e masculinidades. *Revista Digital Efdeportes*, Buenos Aires, ano, 11.
- Silva, P., Jaeger, A. A., & Oliveira, G., (2017). Conscientização e empoderamento dos corpos das mulheres no desporto: O caso do Mixed Martial Arts e do Bodybuilding. In: *Ecos de Freire e o Pensamento Feminista: Diálogos e Esclarecimentos*, Coleção Querer Saber 6 IPFP - CRPF - CIIE.
- Silveira, R. D., & Stigger, M. P. (2013). "Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 35, n. 1, p. 179-194. jan/mar. 2013.
- Silveira, V. T., & Vaz, A. F., (2014). Corpo feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 36, nº 2, pp. S212 - S222.
- Spencer, D. C. (2013). *Ultimate fighting and embodiment: Violence, gender and mixed martial arts*. Routledge.

- Thomazini, S. O., Moraes, C. E. A. & Almeida, F. Q. (2008) Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores (as) de Mixed Martial Arts. *Pensar a Prática*, v. 11, n. 3, pp. 281-290, 2008.
- Thorpe, H., Toffoletti, K., & Bruce, T. (2017). Sportswomen and social media: Bringing third-wave feminism, postfeminism, and neoliberal feminism into conversation. *Journal of Sport and Social Issues*, 41(5), pp. 359-383.
- Torezani, J. N. (2012). Transmissão dos eventos da UFC pela Rede Globo: uma análise pelas teorias de construção social. INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na região Nordeste - Recife - PE.
- Torri, D., (2008). *Teoria Crítica do esporte: atualidades, disputas e interpretações*. Dissertação (mestrado). Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. 2008.
- Vasques, D. G. (2013). As artes marciais mistas (MMA) como esporte moderno: entre a busca da excitação e a tolerância à violência. *Esporte e Sociedade*, 22(8).
- Vaz, A. F. (2001a). Técnica, esporte, rendimento. *Movimento*. Porto Alegre. vol. 7, n. 14, pp. 87-99.
- Vaz, A. F. (2003). Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. *Pro-Posições*, 14(2), pp. 61-75.
- Vaz, A. F. (2008). Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade. *Revista Esporte e Sociedade*, 1(1).

- Vaz, F. A. (2001b). Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento. *Caderno CEDES*.
- Wacquant, L. (2002). Corpo e alma. *Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 294.
- Weaving, C. (2014). "Cage fighting like a girl: exploring gender constructions in the Ultimate Fighting Championship (UFC)". *Journal of the Philosophy of Sport*, v. 41, n. 1, pp. 129-142.
- Weaving, C. (2015). 'Chicks fighting in a cage': A philosophical critique of gender constructions in the ultimate fighting championship. In *Global Perspectives on Women in Combat Sports* (pp. 57-72). Palgrave Macmillan, London.
- Woodward, K. (1997). Identity and difference (Vol. 3): Sage.
- Zonzon, C. N. (2011). Capoeira angola: africana, baiana, internacional. In: Moura, M. A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo [online]. Salvador: Edufba, 2011, pp. 130-165.

TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE DESPORTO - FADEUP
DOUTORAMENTO EM ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE
CIAFEL - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ACTIVIDADE FÍSICA. SAÚDE
E LAZER

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

No âmbito do programa de Doutoramento em Atividade Física e Saúde da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto - Portugal, estamos a realizar uma pesquisa intitulada **AS MULHERES ATLETAS DE MIXED MARTIAL ARTS: UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO**, desenvolvida pela pesquisadora Grasiela Silva sob supervisão das professoras Dr^a Paula Silva (FADEUP-PT) e Dr^a Angelita Alice Jaeger (UFSM-BR). O objetivo é analisar a inserção das mulheres no desporto representado através do MMA.

Sua participação nesse estudo é voluntária e refere-se a uma entrevista, que será gravada se assim você permitir. Vale ressaltar que se decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem total liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desse estudo sua identidade será mantida em sigilo e serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Faz-se necessário informar que, ao participar do estudo, você está contribuindo para a compreensão do objeto de investigação e a construção do conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas referentes à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, Grasiela Silva, através do e-mail grasielaoss@hotmail.com ou por telefone +55 79-996425454 ou +351 932169810. Se aceita participar, por favor

rubrique esta página e a seguinte e, de seguida, fique com uma cópia deste termo de consentimento.

Local e data:

Atenciosamente,

Grasiela Silva

Participante

ESTUDO 2. GUIA DO GRUPO FOCAL

OBJETIVOS	TEMAS	QUESTIONAMENTOS	TIPO DE QUESTÕES/REL. TEMPORAL
1. Apresentar e legitimar a pesquisa. Motivar integrantes do grupo focal	- Apresentação da natureza e objetivos da investigação. - Informar os objetivos da técnica de pesquisa. - Agradecer a disponibilidade e colaboração com a pesquisa - Assegurar a confidencialidade dos dados provenientes do grupo focal.	- Pedir autorização para fazer o registro em áudio.	
2. Recolher elementos referentes a sua relação com os esportes.	- Relação com a prática esportiva	- Sexo - Idade - São atletas federados de alguma modalidade esportiva? Qual? - Exercem alguma função no âmbito do desporto? Qual?	Identificação Identificação Experiência/passado-presente Experiência/passado-presente
3. Recolher informações sobre a relação entre o MMA e o esporte.	- Apresentar o vídeo sobre o MMA. - Relação entre o MMA e o esporte.	- Como vocês compreendem a relação do MMA e o esporte?	Opinião/presente

4. Relacionar a prática do MMA com a saúde	- Impactos que a prática do MMA traz para a saúde	- Como vocês analisam a relação entre prática de MMA e impactos na saúde? - Como veem a prática do MMA na saúde das mulheres atletas?	Opinião/presente
--	---	--	------------------

5. Perceber o espaço da mulher atleta no MMA.	- Mostrar vídeo da mulher no MMA - Espaço da mulher atleta no MMA.	- Como vocês analisam a presença da mulher atleta no MMA?	Opinião/presente
---	---	---	------------------

6. Analisar os olhares sobre as imagens das mulheres atletas dentro e fora do octógono.	- Apresentação dos slides - Imagens das mulheres atletas dentro e fora do octógono.	- Como vocês veem as imagens das mulheres dentro e fora do octógono?	Opinião/presente
---	--	--	------------------

6. Agradecimentos	- Agradecer a disponibilidade e precisa colaboração com o estudo.		
-------------------	---	--	--

ESTUDO 4. GUIA DE ENTREVISTA. ATLETAS

OBJETIVOS	TEMAS	QUESTIONAMENTOS	TIPO DE QUESTÕES/REL. TEMPORAL
1. Apresentar e legitimar a pesquisa. Motivar o entrevistado	- Apresentação da natureza e objetivos da investigação. - Informar os objetivos da entrevista. - Agradecer a disponibilidade e colaboração com a pesquisa - Assegurar a confidencialidade dos dados provenientes da entrevista.	- Pedir autorização para fazer o registro em áudio.	
2. Recolher elementos referentes a vida desportiva, dados pessoais e formação acadêmica (?) do entrevistado.	- Idade - Tempo de prática desportiva - Tempo pratica no MMA - Tempo de competição	- Qual a sua idade? - Qual a sua formação acadêmica? - Há quanto tempo pratica desporto? - Há quanto tempo pratica lutas? - Há quanto tempo competi como atleta de MMA? Já competiu em outra modalidade?	Identificação Experiência/ passado-presente Experiência/passado-presente Experiência/passado-presente

3. Obter informações sobre a construção do interesse pelo MMA	-Identificação das atletas com a prática do MMA	-Como surgiu o seu interesse pela prática do MMA? - Qual foi a reação da sua família quando você decidiu praticar MMA? - Por que decidiu começar a competir no MMA?	Identificação/passado-presente Identificação/passado Identificação/passado
4. Perceber o espaço da mulher no MMA	-Promoção de igualdade de oportunidades para ambos os sexos na prática desportiva do MMA	- Dana White chegou um dia a afirmar "mulheres nunca lutarão no UFC" e, tempos depois, anunciou a primeira luta feminina. O que representa para a mulher a entrada no MMA? - Em entrevista, uma das grandes atletas de MMA (Bethe Correa) disse que as mulheres mais bonitas têm preferência em relação a outras lutadoras na hora de serem contratadas. Qual sua	Opinião/presente Opinião/presente Opinião/presente

		opinião sobre essa afirmação?	
		- Uma das ring girls do UFC (Camila Oliveira) disse em entrevista que os eventos promovidos por essa instituição não são considerados machistas porque os homens percebem o gosto das mulheres e tem respeitado isso. O que você tem a dizer sobre essa afirmação?	
5.	Relacionar a prática do MMA com a saúde	- Benefícios que a prática do MMA traz para a saúde	Como você percebe a relação entre prática de MMA e impactos na saúde? Conhecimento/Presente
6.	Relacionar a prática do MMA com a construção da visibilidade social da atleta	- Construção da visibilidade social da atleta	- Como você analisa a relação mulher atleta de MMA e a construção visibilidade social da lutadora? Opinião/presente
		- Muitas vezes a rejeição da inserção das mulheres no MMA está na justificativa de que elas não	Opinião/presente

possuem força
suficiente para tal.
Um dos apresentadores
do canal Combate
(Marcelo Alonso)
afirmou que a luta
feminina é mais
técnica do que força.
O que você tem a dizer
sobre isso?

7. Perceber a atleta dentro e fora do octógono	- Percepção da atleta dentro e fora do octógono	- Até que ponto a beleza das atletas torna-se relevante para a construção da MMA em espetáculo?	Opinião/presente
		- Fale um pouco sobre a relação entre a mulher atleta de MMA e a mulher que posa para ensaios sensuais das revistas.	Opinião/presente
		- Quais os impactos que o ensaio sensual traz para a carreira da mulher atleta de MMA?	

8. Conhecer as etapas de treinamento e o controle da dor	- Estrutura do treinamento	<p>- Como está estruturado o seu treinamento?</p> <p>- Podemos pensar o momento da luta como uma junção de octógono, socos, cotovelos e pontapés. Como é possível concentrar-se na luta ao mesmo tempo em que sofre algum golpe e possivelmente sente-se dor?</p> <p>- Que tipo de preparação é feita para situações onde o controle da dor torna-se essencial para o progresso da luta?</p>	<p>Conhecimento/presente</p> <p>Opinião/presente</p> <p>Conhecimento/presente</p>
9. Agradecimentos		<p>- Agradecer a disponibilidade e precisa colaboração com o estudo.</p>	

ESTUDO 4. GUIA DE ENTREVISTA. PREPARADORES/A FÍSICOS/A

OBJETIVOS	TEMAS	QUESTIONAMENTOS	TIPO DE QUESTÕES/REL. TEMPORAL
1. Apresentar e legitimar a pesquisa. Motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da natureza e objetivos da investigação. - Informar os objetivos da entrevista. - Agradecer a disponibilidade e colaboração com a pesquisa - Assegurar a confidencialidade dos dados provenientes da entrevista. 	- Pedir autorização para fazer o registro em áudio.	
2. Recolher elementos referentes a vida desportiva, dados pessoais e formação acadêmica (?) do entrevistado.	<ul style="list-style-type: none"> - Idade - Formação acadêmica (?) - Tempo de trabalho dedicado as lutas - Tempo dedicado ao trabalho com o MMA 	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua idade? - Qual a sua formação acadêmica? - Há quanto tempo trabalha com lutas? - Há quanto tempo trabalha com o MMA? 	<ul style="list-style-type: none"> Identificação Identificação Identificação/passado-presente Identificação/passado-presente
3. Obter informações sobre a construção do interesse pela mulher no MMA	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse pela preparação da mulher atleta de MMA 	<ul style="list-style-type: none"> - Como surgiu o seu interesse pela prática do MMA? - Por que decidiu dedicar-se a presente 	<ul style="list-style-type: none"> Experiência/passado-presente Identificação/passado-presente

		preparação de mulheres para competições no MMA?	
4. Perceber a relação MMA e esporte	- Relação entre MMA e esporte	<p>- O MMA tem conquistado vários adeptos no mundo todo e tem sido considerado o esporte em maior expansão na atualidade. O que você acredita que contribuiu para que o MMA atingisse essa proporção?</p> <p>- As artes marciais trazem em si todo um conjunto de preceitos filosóficos para a sua existência, a passagem de um grau para outro requer uma série de elementos que legitimam tal ascensão. Partindo de tal compreensão, como é possível justificar o MMA como uma arte marcial?</p>	<p>Opinião/passado- presente</p> <p>Opinião/passado- presente</p>

5. Verificar como se projeta a construção da visibilidade social da atleta de MMA	- Construção da visibilidade social da atleta de MMA	<p>- Como você analisa a relação mulher atleta de MMA e a construção visibilidade social da lutadora?</p> <p>- Muitas vezes a rejeição da inserção das mulheres no MMA está na justificativa de que elas não possuem força suficiente para tal. Um dos apresentadores do canal Combate (Marcelo Alonso) afirmou que a luta feminina é mais técnica do que força. O que você tem a dizer sobre isso?</p>	Opinião/presente >Opinião/presente
6. Conhecer as etapas de treinamento e controle da dor	- Treinamento físico e controle da dor	<p>- Como está estruturado o treinamento das atletas?</p> <p>- Podemos pensar o momento da luta como uma junção de octógono, socos, cotovelos e pontapés.</p>	Conhecimento/presente Conhecimento/presente~

		<p>Como é desenvolvido o trabalho de concentração das atletas na luta ao mesmo tempo em que ela sofre algum golpe e possivelmente sente dor?</p> <p>- Que tipo de preparação é feita para situações onde o controle da dor torna-se essencial para a progressão da luta?</p>	Conhecimento/presente
7. Perceber o espaço da atleta no octógono	- O espaço da mulher no octógono	<p>- Até que ponto a beleza das atletas torna-se relevante para a construção da MMA em espetáculo?</p> <p>- Fale um pouco sobre a relação entre a mulher atleta de MMA e a mulher que posa para ensaios sensuais das revistas.</p> <p>- Quais os impactos que o ensaio sensual traz para a carreira</p>	<p>Opinião/presente</p> <p>Opinião/presente</p> <p>Opinião/presente</p>

da mulher atleta de
MMA?

8. Agradecimentos

- Agradecer a
disponibilidade e
precisa colaboração
com o estudo.

